

Os (en)cantos da Expressão Plástica:

Experiências e reflexões em contexto de estágio, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Relatório de Estágio

Daniela Arruda Botelho

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico**



Os (en)cantos da Expressão Plástica: Experiências e reflexões em contexto de estágio, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Relatório de Estágio

Daniela Arruda Botelho

Orientador

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.



Aos meus pais, irmãos e sobrinhos.

Agradecimentos

Terminar esta grande etapa da minha vida assemelha-se a terminar a obra de arte que impulsionará o meu sucesso profissional. Assim como uma obra de arte, esta etapa necessitou do apoio forte, consistente, carinhoso e incansável da minha **família**. Deste modo, deixo o meu mais sincero obrigado a todos aqueles que ajudaram na elaboração desta criação.

Ao meu **orientador** Prof. Doutor Adolfo Fialho pela dedicação, tempo, criatividade e vontade de fazer mais e melhor pelos seus alunos. Acredito que todos os artistas precisam de uma grande inspiração para prosseguirem a sua melhoria continua. Foi uma das inspirações desta obra pelo seu espírito carismático e inovador, que nos leva sempre a ir mais longe.

Aos mais **pais** por terem sido o maior suporte desta obra, que nunca deixaram de me amar, apoiar e motivar, ao longo desta longa trajetória. Educaram-me com os melhores valores e mostraram-me que com o nosso trabalho e esforço tudo conseguimos. Foram a tela, onde no seu espaço e segurança esta obra foi criada.

Aos meus **irmãos** e cunhados pela ajuda, paciência, carinho e confiança, que me transmitiram neste percurso. Ensinarão-me a nunca desistir! Assim como todos os artistas necessitam de bons pincéis para dar forma e cor à sua obra, eu precisei de vocês.

Ao meu **namorado** por me ouvir e apoiar nos bons e maus momentos. Toda a sua Fé e encorajamento foram essenciais para a conclusão desta etapa. Foi o cavalete que seguiu esta obra com todo o seu amor. À sua família por todo o carinho.

Às **Educadoras** e **Professoras** cooperantes pelas sugestões, ensinamentos e exemplos que foram essenciais nesta produção.

Às **crianças** que acompanharam o meu crescimento e observaram a obra a criar forma, ensinaram-me muito mais do que algum dia eu lhes ensinei.

Por fim, mas não em último lugar, à razão desta obra ter vida. À razão de ter iniciado esta criação com tanta luta e amor, aos meus **sobrinhos**. Por serem a minha maior motivação para educar crianças Felizes. Foram as tintas que coloriram, com as cores mais alegres, esta obra de arte.

Obrigada!

Resumo

O presente Relatório de Estágio tem o intuito de apresentar a análise e a reflexão realizadas a partir da ação educativa desenvolvida no contexto dos Estágios Pedagógicos, nas valências de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, integrados no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores.

Neste trabalho damos ênfase às atividades dinamizadas ao longo dos nossos estágios e procuramos, simultaneamente, aprofundar e investigar uma temática específica. Neste caso, priorizamos a área da Expressão Plástica e a relevância de concebermos um espaço adaptado e adequado à sua exploração, nas salas que nos acolheram. Esta temática surgiu de um interesse pessoal e da consciência de que esta área está cada vez mais arredada do currículo e do dia a dia das nossas crianças.

Deste modo, ao longo deste relatório, é possível fazermos uma viagem pelas principais atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico ao mesmo tempo que nos debruçamos acerca da importância de ajustarmos estas atividades e o nosso espaço de trabalho em prol da expressividade, da comunicação e da criatividade das crianças.

Neste contexto, e como forma de elaborarmos uma reflexão mais detalhada e mais coerente de todo o processo vivenciado, realizamos duas entrevistas, uma à Educadora e outra à Professora Cooperante. Através da análise à informação que delas recolhemos, apercebemo-nos da importância de usufruirmos desta área, em benefício das aprendizagens das crianças, bem como do seu potencial de aproximação e integração com as demais áreas do currículo.

Para terminar, realçamos a relevância da nossa ação educativa para uma melhor compreensão da nossa prática profissional futura. No que concerne ao tema que entendemos aprofundar no nosso Relatório, concluímos que quando optamos por definir, nas salas onde desenvolvemos a nossa ação educativa, um espaço no qual os materiais de Expressão Plástica estão acessíveis, somos capazes de criar um mundo de possibilidades de expressão e comunicação, de conhecer de uma forma mais íntima as nossas crianças e assim procurar planificar sequências didáticas capazes de dar resposta às suas necessidades de expressão, de tirar o máximo partido do seu potencial criativo, de as ajudar a conhecer-se, a conhecer os outros e o mundo que as rodeia.

Palavras-chave: Educação Pré-escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Estágio Pedagógico; Artes Visuais; Expressão Plástica; Desenvolvimento Gráfico Infantil e Desenho.

Abstract

This Internship Report aims to propose the analysis and reflection carried out from the educational activities developed in the context of pedagogical internships, in the valences of Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Elementary Education, which is incorporated in the Master's degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Elementary Education, lectured in the University of the Azores.

In this work we emphasize the activities of our internships and seek, at the same time, to deepen and investigate a specific theme. In this case, we prioritize the area of Plastic Expression and the relevance of designing a space adapted and appropriate to its exploration, in the rooms that welcomed us. This theme arose from a personal interest and the awareness that this area is increasingly open to the curriculum and the day-to-day of our children.

Thus, throughout this report, it is possible to take a trip through the main activities developed in the Pedagogical Internship while looking at the importance of adjusting these activities and our workspace for the expressiveness, communication, and creativity of children.

In this context, and as a way to elaborate a more detailed and coherent reflection of the whole process experienced, we conducted two interviews, one with the Educator and the other with the Cooperating Teacher. Through the analysis of the information, we collect from them, we realize the importance of using this area, for the benefit of children's learning, as well as their potential for approximation and integration with other areas of the curriculum.

To finish, we highlight the relevance of our educational activities for a better understanding of our future professional practice. Concerning the theme that we chose to deepen in our Report, we conclude that when we choose to define, in the rooms where we develop our educational activities, a space in which the materials of Plastic Expression are accessible, we can create a world of possibilities of expression and communication, to know our children more intimately and thus seek to plan didactic arrangements capable of meeting their expression needs, to make the most of their creative potential, to help them get to know each other, to get to know others and the world around them.

Keywords: Pre-School Education, 1st Cycle of Elementary Education, Pedagogical Internship, Visual Art, Plastic Expression, Children's Graphic Development and Drawing.

Índice

Agradecimentos	1
Resumo	2
<i>Abstract</i>	3
Índice	4
Índice de Figuras	6
Índice de Quadros	7
Índice de Anexos	8
Índice de Siglas e Abreviaturas	9
Introdução	10
1. A Expressão Artística na Educação	17
1.1. A Expressão Plástica no currículo escolar	19
1.1.1. A Expressão Plástica e as suas técnicas.....	22
2. O Desenho e a criança.....	25
3. O Papel do Educador/Professor na exploração de atividades de Exp. Plástica.....	29
2. Práticas Educativas em contexto da Educação Pré-Escolar	33
2.1. Características dos contextos de intervenção	33
2.1.1. O Meio Envolvente.....	33
2.1.2. A Escola	34
2.1.3. A sala de atividades	34
2.1.3.1. A Expressão Plástica e o seu Espaço na sala de atividades	38
2.1.4. O tempo e as rotinas	43
2.1.5. O grupo de crianças	44
2.1.5.1. O grupo de crianças e o desenho.....	47
2.2. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar	53
2.2.1. O Desenho na Educação Pré-Escolar	61
2.2.2. A Pintura na Educação Pré-Escolar	65
2.2.3. O Recorte e Colagem na Educação Pré-Escolar	70
2.2.4. A Modelagem na Educação Pré-Escolar	73
2.2.5. A Construção na Educação Pré-Escolar	76
3. Práticas Educativas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico	80
3.1. Características dos contextos de intervenção	80
3.1.1. O Meio Envolvente.....	80
3.1.2. A Escola.....	81

3.1.3.	A sala de aula.....	81
3.1.3.1.	A Expressão Plástica e o seu espaço na sala de aula.....	83
3.1.4.	O horário e as rotinas.....	86
3.1.5.	A Turma.....	87
3.1.5.1.	A Turma e o desenho	89
3.2.	A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico	91
3.2.1.	O Desenho no 1.º Ciclo do Ensino Básico	99
3.2.2.	A Pintura no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	101
3.2.3.	A Modelagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico	106
3.2.4.	A Construção no 1.º Ciclo do Ensino Básico	107
	Considerações Finais	110
	Anexos.....	120
	Anexo I	121
	Anexo II	125

Índice de Figuras

Figura 1: Planta da sala de atividades	35
Figura 2: Sala de atividades	35
Figura 3: Recurso: O Engenhocas.....	40
Figura 4: Atividades presentes no recurso “O Engenhocas”.....	41
Figura 5: Registos gráficos das crianças mais novas.	48
Figura 6: Registos gráficos da criança <i>P</i>	49
Figura 7: Registos gráficos das crianças mais velhas.	50
Figura 9: Registos gráficos da criança <i>E</i>	53
Figura 10: Atividades de desenho desenvolvidas.	62
Figura 11: Atividades de pintura desenvolvidas.	66
Figura 12: Casinha Mágica.	68
Figura 13: Atividades de recorte e colagem realizadas.....	71
Figura 14: Atividades de modelagem desenvolvidas.....	74
Figura 15: Atividades de construção realizadas.....	76
Figura 16: Planta da sala de aula.....	82
Figura 17: Decoração e abastecimento do Canto dos Artistas.....	85
Figura 18: Desenhos livres de alguns alunos.....	90
Figura 19: Atividades de desenho realizadas.....	100
Figura 20: Atividades de pintura realizadas.....	102
Figura 21: Atividades de modelagem.....	106
Figura 22: Atividades de construção realizadas.....	108

Índice de Quadros

Quadro 1 - Atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico I.	54
Quadro 2 - Atividades de desenho desenvolvidas no Estágio Pedagógico I.....	62
Quadro 3 - Atividades de pintura desenvolvidas no Estágio Pedagógico I	65
Quadro 4 - Atividades de recorte e colagem desenvolvidas no Estágio Pedagógico I .	70
Quadro 5 - Atividades de modelagem desenvolvidas no Estágio Pedagógico I	73
Quadro 6 - Atividades de construção desenvolvidas no Estágio Pedagógico I	76
Quadro 7 - Atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.	92
Quadro 8 - Atividades de desenho desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.	99
Quadro 9 - Atividades de pintura desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.	102
Quadro 10 - Atividades de modelagem desenvolvida no Estágio Pedagógico II.	106
Quadro 11 - Atividades de construção desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.	107

Índice de Anexos

Anexo I – Guião de entrevista à Educadora Cooperante	121
Anexo II – Guião de entrevista à Professora Cooperante	125

Índice de Siglas e Abreviaturas

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

A1, A2, A3, ... – Atividade 1, Atividade 2, Atividade 3, ...

Introdução



Este Relatório de Estágio, intitulado de *Os en(cantos) da Expressão Plástica: experiências e reflexões em contexto de estágio, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*, surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e foi elaborado com o objetivo de apresentar e refletir sobre o trabalho que foi desenvolvido, tanto na nossa ação educativa no contexto dos Estágios Pedagógicos I e II, como também na vertente de investigação, na qual estudamos uma temática do nosso interesse, que será alvo de uma análise mais aprofundada.

Esta temática insere-se na área das Expressões Artísticas, nomeadamente, nas Artes Visuais, sendo que procuramos conhecer o seu verdadeiro lugar no dia a dia das nossas crianças e levá-las a progredir com as nossas práticas pedagógicas, apresentando assim a relevância de conceder à Expressão Plástica um espaço específico nas salas que nos acolheram, facilitando o acesso a um conjunto de materiais plásticos que auxiliarão a sua expressividade e criatividade. Com este Relatório, pretendemos também conhecer a importância atribuída a esta área do conhecimento pelas Orientadoras Cooperantes que, nas escolas onde desenvolvemos a nossa ação educativa, acolheram as nossas propostas pedagógicas.

Entendemos aprofundar a área de Expressão Plástica pois, apesar desta assumir certa notoriedade na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, acreditamos que poderia ter uma maior relevância no currículo cumprido nas nossas escolas, pois permite que a criança se expresse através de diferentes instrumentos e técnicas, promove um espaço de autonomia e aceitação, providencia momentos de aprendizagem e diversão e, por fim, não nos podemos esquecer que é uma forma de os mais pequenos expressarem os seus medos e anseios através do desenho e não só. A este propósito, Silva (2012) sublinha a importância da “manipulação e a experiência com os materiais, com as formas e com as cores, o que permite que, a partir de descobertas sensoriais, os alunos desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade” (p. 18).

Assim sendo, escolhemos trabalhar as Expressões Artísticas, dando principal destaque à Expressão Plástica, de maneira a percebermos quais são as necessidades das crianças nesta área, bem como que métodos e atividades podemos explorar para que estas possam usar as expressões artísticas no seu dia a dia. Tendo estudado Artes Visuais no ensino secundário e adquirido várias experiências nesta área, nada nos dá mais satisfação do que desenvolver um percurso formativo, no qual podemos relacionar duas grandes paixões, o ensino e a Expressão Plástica.

Feito este breve enquadramento, damos a conhecer os objetivos que foram os nossos principais orientadores deste Relatório de Estágio:

- 1) Observar os contextos onde se realizarão os nossos estágios pedagógicos na Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o intuito de percebermos as motivações, dificuldades e necessidades das crianças, por forma a lhes adequarmos a nossa ação educativa;
- 2) Planificar intervenções versáteis, pertinentes e adequadas aos contextos em que nos movemos, de modo a convocarmos o currículo de forma integrada e potenciarmos a aprendizagem daqueles que nos forem confiados;
- 3) Intervir em contexto educativo, proporcionando estratégias adaptadas e distintas, aptas para integrarem os diferentes conteúdos do currículo e responderem às dificuldades das crianças, providenciando momentos de aprendizagem, diversão e experiências únicas para as mesmas;
- 4) Avaliar todas as atividades realizadas pelas crianças, por forma a compreendermos as suas potencialidades e dificuldades e melhor adequarmos a nossa ação educativa futura;
- 5) Refletir acerca das intervenções feitas ao longo do nosso estágio pedagógico, de forma coerente e objetiva, com o intuito de reconhecermos as nossas capacidades e o que tem de ser melhorado;
- 6) Explorar o potencial pedagógico e didático da área de Expressão Plástica como forma de motivar as crianças a expressarem-se, comunicarem, socializarem, compreenderem e explorarem o mundo que as rodeia;
- 7) Criar dispositivos de registo e de implementação de recursos e atividades ligadas à Expressão Plástica, como forma de proporcionar experiências enriquecedoras para as crianças e potenciar a nossa reflexão em torno destas matérias;
- 8) Investigar as motivações, interesses e potencialidades das crianças no contexto da Expressão Plástica, bem como as suas principais necessidades e dificuldades, de forma a potencializarmos as suas capacidades através das práticas realizadas ao longo dos nossos estágios pedagógicos;
- 9) Recolher dados sobre as opiniões e representações dos orientadores de escola, relativamente às potencialidades pedagógicas e didáticas das nossas propostas de atividades ligadas à Expressão Plástica, bem como em relação à importância

das mesmas no desenvolvimento de competências nas crianças que nos forem confiadas.

Como forma de organizarmos e respeitarmos estes objetivos, dividimos o nosso Relatório em três Capítulos: o Capítulo I, no qual enquadrámos teoricamente o nosso trabalho, o Capítulo II destinado ao nosso estágio pedagógico na Educação Pré-Escolar e o Capítulo III dedicado ao nosso estágio no 1.º CEB.

No que concerne ao primeiro Capítulo, começamos por aprofundar os conceitos gerais da nossa temática, de forma a abordarmos primeiro a área geral deste Relatório, as Expressões Artísticas, para, posteriormente, especificarmos a área que entendemos aprofundar: a Expressão Plástica. Após a abordagem à nossa área primordial, a Expressão Plástica, decidimos reconhecer e estudar mais acerca das suas técnicas, bastante valorizadas ao longo dos nossos estágios pedagógicos e no presente documento, em especial, as técnicas do desenho, da pintura, do recorte e colagem, da modelagem e da construção.

Ainda neste Capítulo, e como forma de interligarmos a teoria com as análises realizadas ao longo da nossa ação educativa, procuramos abordar e investigar mais acerca das fases de desenvolvimento gráfico das crianças, onde pretendemos explorar os estágios defendidos por vários autores e confrontá-los numa mesma análise. Acreditamos que esta abordagem é essencial no presente Relatório de Estágio, uma vez que nos foi possível acompanhar a evolução gráfica das crianças que nos foram confiadas, ao longo do período em que permanecemos juntos e na sequência das atividades que fizeram parte das nossas sequências didáticas.

O segundo Capítulo remete-nos para a prática realizada no contexto da Educação Pré-Escolar, onde pretendemos apresentar as caracterizações desenvolvidas ao longo do nosso estágio, onde daremos também a conhecer o nosso grupo de crianças, as suas motivações, as suas áreas prediletas e as fases de desenvolvimento gráfico em que se encontravam. Procuramos, simultaneamente, abordar a importância de adaptar, na sala de atividades, um espaço para a exploração das Artes Visuais.

Neste Capítulo, convidamos a uma viagem pela nossa ação educativa neste nível de ensino e apresentamos o resultado da análise de uma entrevista realizada à nossa Educadora Cooperante (ver Anexo 1), no sentido de ajudar a fazer a nossa reflexão, bem como de conhecer as suas representações, opiniões e sugestões, relativamente às nossas práticas, mas também em relação ao papel e ao lugar a ocupar pela área que entendemos aprofundar no contexto educativo dos nossos dias.

O terceiro Capítulo destina-se ao 1.º CEB e, à semelhança do Capítulo anterior, depois de caracterizarmos os contextos em que nos movemos, o meio, a escola, a sala e a turma na qual o nosso Estágio foi realizado, apresentamos também as características da turma que nos acolheu, realçando as fases de desenvolvimento gráfico dos alunos com os quais desenvolvemos a nossa ação educativa. As atividades de Expressão Plástica encontram-se, também, analisadas e estruturadas por técnicas, para uma melhor leitura e compreensão do trabalho que desenvolvemos. Salientamos que, assim como ocorreu no Capítulo anterior, também neste fomos capazes de convocar as impressões com a Professora Cooperante e, tendo por base as respostas dadas na nossa entrevista (ver Anexo 2), utilizar a nossa reflexão para melhor compreendermos os contornos da temática que entendemos aprofundar.

Assim sendo, a nossa metodologia consistiu na realização de duas entrevistas (ver Anexos 1 e 2), bastante detalhadas, à Educadora e à Professora cooperantes, que observaram e orientaram o nosso trabalho desde o primeiro dia. Foram elas que, melhor que ninguém, foram capazes de apresentar uma opinião acerca das nossas práticas e de outras questões pertinentes para o nosso estudo. Consideramos este o método primordial do nosso Relatório, pois através das entrevistas apercebemo-nos de pormenores e características mais específicas do nosso trabalho. Ludke e André (1986) acreditam que este método permite o “aprofundamento de ponto levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial” (p. 34).

A observação direta, o registo fotográfico e a análise documental, principalmente, dos registos gráficos das nossas crianças, foram outros métodos relevantes para o nosso Relatório e que nos permitiram estudar o progresso e a evolução de cada criança, não só ao nível do seu desenvolvimento gráfico, mas também no que respeita à globalidade dos seus desempenhos e das suas aprendizagens.

Todas as reflexões realizadas ao longo da nossa ação educativa tiveram como base estes métodos de investigação. A observação direta teve um papel importante nos primeiros dias de estágio, pois foi fundamental para conhecermos ainda mais as crianças para, posteriormente, adaptarmos as nossas planificações e estratégias consoante o que observamos. A este propósito, os mesmos autores, sublinham que o “observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão do mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações” (Ludke e André, 1986, p. 26).

Por fim, realçamos que, por motivos de natureza ética, optamos por ocultar a identidade das crianças que nos foram confiados, bem como da Educadora e da Professora cooperantes, atribuindo-lhes letras do alfabeto, aspeto que entendemos ser essencial de salvaguardar em trabalhos com a natureza do nosso.



Capítulo 1

Enquadramento Teórico



1. A Expressão Artística na Educação

A arte é uma linguagem global, capaz de ser criada e compreendida por toda a raça humana através da expressão livre do ser e do saber, é “uma linguagem que acompanha a humanidade ao longo dos tempos, desde a pré-história até aos nossos dias, espelhando diferentes sociedades, diferentes interesses e diferentes saberes” (Oliveira, 2007, p. 1). Deste modo, refletir acerca da importância da Expressão Artística é investigar num conjunto intenso de competências educativas, uma forma de compreender a humanidade e a sociedade onde nos encontramos.

Ao adquirirmos esta perceção de arte, facilmente transmitimos às nossas crianças a importância desta área para a expressividade dos nossos sentidos e emoções, seja acerca de nós próprios ou dos que nos rodeiam. Esta compreensão e a prática da mesma não só ajudará a criança a expressar-se através da sua imaginação, mas também possibilitará a aquisição de outras potencialidades, como a de saber relacionar-se com o outro, respeitando as suas diferenças e qualidades.

Nesta linha de pensamento, defendemos com Gonçalves (1991) que através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações (p. 12).

A este propósito, também Pereira, Vieites e Lopes (2014) afirmam que é recomendado que haja um reforço da presença das artes e da cultura no meio escolar, salientando que, para além da aquisição e desenvolvimento de competências técnicas, se somam outras, como o espírito de cooperação e de trabalho em grupo, a capacidade de coordenação e autodisciplina, a compreensão de si e dos outros, a tolerância e a abertura ao diálogo intercultural (p. 75).

Estas linhas de pensamento vão ao encontro da relação que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) propõem entre as Expressões Artísticas, a Formação Pessoal e Social e o Conhecimento do Mundo, relação esta que visa contribuir para “a construção da identidade pessoal, social e cultural; para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação; para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 48).

Outro aspeto a ter em consideração, também defendido pelas OCEPE, é a importância de vincularmos, portanto, a arte com a educação, com o intuito de estimular a criatividade da criança ao mesmo tempo que estamos a cooperar para o seu desenvolvimento de uma forma coerente e saudável (Funenga, 2016).

Ao analisarmos o Programa de Expressões Artísticas do 1.º Ciclo do Ensino Básico apercebemo-nos da preocupação em fornecer uma variedade de materiais e técnicas com o objetivo de fortalecer as competências expressivas dos alunos e ampliar o seu domínio para outras fontes expressivas. O mesmo documento refere que “a pouco e pouco, através da introdução de diferentes materiais/suportes e de atividades sugeridas, nomeadamente ligadas a experiências ocorridas noutras áreas, as crianças poderão aprofundar as suas capacidades de expressão e representação gráfica” (p. 92). Assim sendo, a Educação Físico-Motora, a Expressão Musical, a Expressão Dramática e a Expressão Plástica surgem com um conjunto de conceitos, técnicas e práticas que visam alargar a imaginação e a criatividade das crianças desta faixa etária.

Nesta linha de pensamento, Rocha (2014) salienta que, nesta vertente de ensino as expressões artísticas proporcionam o desenvolvimento da sensibilidade estética, o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional, social e cultural, resultando numa evolução integral do indivíduo e incentivam aprendizagens variadas, criativas e inovadoras que influenciam o modo de pensar, de agir e de ser (p. 36).

Assim sendo, muitas das competências que são desenvolvidas e estimuladas na Educação Pré-Escolar, são no 1.º Ciclo do Ensino Básico trabalhadas e abordadas de uma forma mais complexa e acentuada, de forma a responder às crescentes necessidades das crianças dentro desta faixa etária.

Atualmente, o nosso maior desafio é ser capaz de mostrar que ao concedermos às Expressões Artísticas a mesma atenção que deferimos às restantes áreas disciplinares, como o Português e a Matemática, igualmente importantes no currículo educativo, estamos a motivar e a desenvolver um conjunto de competências de extrema importância e relevância para o crescimento e desenvolvimento dos nossos alunos.

Nas palavras de Oliveira (2007), o desafio passa também pela difícil aceitação do seu valor na sociedade, a falta de investigação na área, a falta de atualização da formação dos educadores e a dificuldade em definir a sua organização curricular, ou seja, a falta de uma cultura educativa face à formação artística (p. 64).

Acerca deste desafio, Cardoso e Valsassina (1988) sublinham que as escolas, atualmente, estão definidas por uma rotina de conteúdos e aprendizagens, que não possibilitam aos alunos um envolvimento definitivo e pessoal no seu desenvolvimento. Os mesmos autores referem que “não existem, nos programas escolares, horas para recriar a mente, horas para que a imaginação possa avançar mais o Mundo!” (p. 66).

Neste sentido, fica à responsabilidade da escola e dos seus docentes educar de forma estruturada e contínua, também, no sentido das Expressões Artísticas, de maneira a criar “ferramentas para pensar, experimentar, fazer, criar e sentir, e contemplando a arte como conhecimento” (Mateus, 2019, p. 22).

Entretanto, apostou-se numa educação monótona na qual os professores ensinam conteúdos novos todos os dias. Os alunos, por sua vez, vão assimilando tais conteúdos, que se espera que possam reproduzir posteriormente, pois acredita-se que esta é a única maneira de ensinar e de formar adultos bem-sucedidos. Assim, a sociedade passa a rotular as Expressões Artísticas e a arte no geral como uma área secundária, menos importante, pouco sucedida no meio empresarial e financeiro, aspeto que tende a contribuir para a sua fraca valorização no meio escolar, por oposição às demais restantes áreas de conhecimento, como se fosse esvaziada do seu próprio conteúdo.

1.1. A Expressão Plástica no currículo escolar

Designada por Artes Visuais pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e por Expressão Plástica pelo Programa de Expressões Artísticas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, esta área é definida por Sousa (2003, p. 160) como uma “atividade natural, livre e espontânea da criança”, que visa presentear os mais pequenos com um vasto “conjunto de potencialidades que ajudam as mesmas no seu desenvolvimento.” (Rodrigues, 2016, p. 6).

A Expressão Plástica iniciou-se com uma função “extremamente redutora fixando-se, quando utilizada, essencialmente no desenvolvimento da destreza manual e visual das crianças. Sem objetivos e motivações, limitava-se quase exclusivamente à representação através do desenho” (Oliveira, 2007, p. 63). Assim sendo, esta era vista como um meio para um fim e não como um projeto que tem como objetivo “o desenvolvimento equilibrado da personalidade de um ser” (Rodrigues, 2016, p. 7).

Atualmente, as próprias OCEPE definem as Artes Visuais como um conjunto de técnicas artísticas, desde a pintura à fotografia, que podem abranger os vários sentidos

das crianças (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). No entanto, no mesmo documento normativo, apercebemo-nos que cumpre aos/às educadores/as “alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação”, neste caso, das suas crianças. Logo, tanto os/as Educadores/as como os/as Professores/as têm a condição de proporcionar ao seu grupo de crianças um largo conjunto de experiências, meios, técnicas e materiais, que possibilitem um simples acesso à sua expressividade e criatividade.

Nesta linha de pensamento, o Programa de Expressões Artísticas do 1.º Ciclo do Ensino Básico afirma que através da Expressão Plástica o aluno é capaz de “se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista” (p. 89). Serão certamente “mais importantes”, uma vez que nesta faixa etária estão, também, a desenvolver um conjunto de aptidões que auxiliam o seu desenvolvimento cognitivo, tais como: a autoestima, a criatividade, o sentido crítico, a autonomia e a comunicação expressiva.

Neste sentido, e de acordo com o que foi salientado anteriormente, Sousa (2003, citado por Rodrigues, 2016) esclarece que “a Expressão Plástica não está centrada na produção de obras de arte, mas sim no desenvolvimento das capacidades e necessidades da criança, tendo como principal objetivo a expressão de emoções e dos seus sentimentos” (p. 6). Portanto, não se pretende formar verdadeiros artistas, mas sim crianças capazes de se expressarem através da arte e das suas técnicas, convocando a sua espontaneidade, contexto que lhe dá a possibilidade de representar a sua visão do mundo, comunicando-se conosco através da sua criação.

Os/As Educadores/as e Professores/as têm a plena noção destas definições e perceções apenas não sabem o que fazer, como fazer e qual linha seguir (Oliveira, 2007), de forma a dar à Expressão Plástica o mesmo tempo e prioridade que dão às restantes áreas disciplinares, como o Português e a Matemática. Uma das estratégias a adotar é a integração da Expressão Plástica com as restantes áreas, pois segundo Rodrigues (2016) a mesma “apela à criatividade das crianças, promovendo o seu desenvolvimento global e por isso deve ser trabalhada igualmente com as outras áreas curriculares mais formais” (p. 9). Contudo, num estudo realizado neste âmbito, Lameira, Cardoso e Pereira (2012) concluíram que

Os professores advogam vantagens pedagógicas na associação da Expressão Plástica aos outros domínios do saber. Entretanto, analisando os seus relatos e

interpretando as suas respostas, as tarefas em que defendem a existência de interdisciplinaridade ao nível da Expressão Plástica correspondem quase e apenas a atividades centradas na ilustração de conteúdos de outras áreas, nomeadamente na Língua Portuguesa e no Estudo do Meio (p. 62).

Na mesma linha de pensamento, Oliveira (2007) refere que “todos os profissionais da Educação Pré-Escolar têm consciência da dificuldade em conceder a importância devida à Expressão Plástica, ou seja, em considerar a mesma importância que os outros domínios têm no processo de aprendizagem” (p. 64). Concluimos, portanto, que nas duas valências, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, encontramos dificuldades em integrar e privilegiar a Expressão Plástica nas dinâmicas e atividades desenvolvidas. Dificuldades estas originadas pela “falta de formação específica, profissional e contínua” e ainda pela “falta de tempo, materiais e recursos” (Lameira, Cardoso e Pereira, 2012, p. 56).

Deste modo, acreditamos que será necessário apostar numa “formação que complemente e atualize os conhecimentos sobre as valências da Educação Artística Integrada e, nesse contexto, oriente uma nova didática para a Expressão Plástica” (Lameira, Cardoso e Pereira, 2012, p. 49). Para além disso, é necessário motivar os/as Educadores/as e Professores/as através de ideias, estratégias e técnicas, de forma a promover a planificação de atividades desta natureza.

Acerca da integração da nossa área foco com as restantes existentes no currículo educativo, Sousa (2003, citado por Queirós, 2011, p. 8) sublinha que é “fundamental uma prática interdisciplinar, pois a atividade artística permite uma integração globalizadora dos diferentes saberes”. Consideramos, também que esta interdisciplinaridade entre a Expressão Plástica e as restantes áreas de conhecimento estimulará a criança para a sua aprendizagem, ora dos diversos conteúdos abordados, ora das próprias técnicas e conceitos artísticos.

Neste particular, realçamos a importância da Expressão Plástica no currículo educativo, lembrando a sua importante função no desenvolvimento de competências sensoriais e cognitivas das crianças, mas, simultaneamente, na ampliação das suas representações acerca da definição de Arte (Queirós, 2011).

A Expressão Plástica é, também, uma “forma de expressão de sentimentos, onde a criança pode exteriorizar todos os seus sentimentos e emoções mais profundas” (Barros, 2019, p. 21), pelo que poderá ser utilizada como uma estratégia para a autorregulação dos comportamentos. Neste sentido, e sendo esta uma área de grande motivação para muitas

crianças, podemos facilmente coordenar e planificar atividades interdisciplinares, nas quais, mais do que trabalhar outras áreas disciplinares, como a Matemática e o Estudo do Meio, com a Expressão Plástica podemos integrar questões socio emocionais, de cidadania, sustentabilidade, empatia e solidariedade.

1.1.1. A Expressão Plástica e as suas técnicas

Ao falarmos de Expressão Plástica é fundamental aprofundarmos um pouco mais acerca das suas técnicas e da importância das mesmas para o desenvolvimento das crianças. Desenho, pintura, recorte e colagem, modelagem e construção, são as principais técnicas que vamos ter em conta no presente Relatório, uma vez que são as mais reconhecidas no meio escolar.

É necessário que estas técnicas, bem como o conhecimento de vários materiais, tenham um papel primordial nas aulas que convoquem momentos de Expressão Plástica, de forma a conseguirmos aproveitar as potencialidades e a aquisição das competências que estas oferecem às crianças. Neste contexto particular, Lowenfeld (1972, traduzido por Nunes, 2020) defende que

assim como as palavras são importantes para a comunicação verbal e a estrutura de orações para o trabalho escrito, no meio artístico, são as técnicas apropriadas que o artista necessita para se comunicar e também do conhecimento profundo dos materiais que usam para poder aproveitar suas qualidades intrínsecas (p. 16).

Estas técnicas formam um conjunto de ferramentas acessíveis para que todas as crianças possam exteriorizar a sua visão do mundo, bem como as suas emoções, receios, frustrações e alegrias. Neste sentido, realçamos com Costa (2022, p. 1) que através das suas criações, “sejam elas de pintura, desenhos, modelagem, entre outras, as crianças exteriorizam as suas emoções através da produção das mesmas”, criando assim uma comunicação única entre a criança e o adulto, que com a compreensão e análise correta é capaz de intervir de acordo com o que concluiu.

O **desenho** “é uma das mais antigas manifestações expressivas do ser humano que se conhece” (Sousa, 2003, p. 193), sendo também uma das formas mais utilizadas pelas crianças para representarem situações da sua rotina, da sua família e da sua realidade. Cada desenho e representação realizada pela criança pode ter vários significados e cabe-nos a nós reconhecer tal potencial para melhor compreendermos o que a criança nos pretende comunicar. Através do tipo de traço, desde o mais forte e agressivo, ao ponto de

rasgar a folha, até ao mais claro e indefinido, passando pelas cores selecionadas, as formas escolhidas e a frequência e recorrência com que um determinado desenho aparece no registo gráfico da criança, podemos interpretar aquilo que ela nos quer comunicar.

Ao longo da realização do desenho é importante mostrarmo-nos presentes, sem questões ou verbalizações pois, ao estarmos lado a lado com uma criança enquanto a mesma desenha, já estamos a mostrar a nossa atenção à atividade que está a ser realizada e, conseqüentemente, a criança começa por explicar, justificar ou até mesmo desabafar, acerca do que está a representar. Nesta linha de pensamento, (Sousa, 2003) refere que “só desde modo se poderá chegar mais perto dos conteúdos do inconsciente da criança, inferindo dos seus desenhos e comentários verbais as suas fantasias, sentimentos, conflitos, hostilidades, medos, etc” (p. 198).

Portanto, parte do/da Educador/a e Professor/a disponibilizar um tempo para a realização de desenhos livres, sem recorrer a nenhum tema, material ou técnica específica, apenas deixar as crianças partirem do desenho para se expressarem graficamente e comunicarem connosco aquilo que nem sempre são capazes de transmitir por palavras. O desenho é a ferramenta essencial para a expressividade da criança, assim como a escrita e a leitura são para a Língua Portuguesa.

Complementarmente ao desenho, a **pintura** é uma das técnicas de maior preferência no meio escolar, uma vez que a partir dela somos capazes de dinamizar um vasto conjunto de atividades diferentes para as mais variadas finalidades, desde a criação de cenários, a recriação de obras famosas e a pintura com os mais diversos materiais. A verdade é que, há semelhança do que procuramos defender anteriormente, é necessário deixar a criança pintar livremente, de forma a “que expresse os seus sentimentos e satisfaça as suas necessidades criativas através do ato de pintar” (Sousa, 2003, p. 228).

A partir desta técnica, e como existe uma ampla variedade de materiais que permitem a sua exploração, conseguimos analisar e interpretar melhor as obras das crianças a partir das cores selecionadas. Muitas vezes, as cores quentes são, por exemplo, associadas a momentos e sentimentos mais alegres e divertidos, enquanto as cores frias são escolhidas para representar os momentos menos bons e os sentimentos mais amargos. A utilização dos vermelhos e dos pretos, por norma, pode indicar sentimentos mais sombrios, desde o medo à frustração.

O Programa de Expressões Artísticas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, afirma que o professor deverá ir observando, sem interferir nos aspetos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura: como pegam no pincel, preenchem

superfícies, como usam a cor e também aperceber-se do ambiente gerado e do tipo de solicitações que lhe fazem (p. 94).

Nesta linha de pensamento, partimos do princípio que, tal como ocorre com a técnica do desenho, também na pintura não devemos dinamizar sempre atividades já planificadas, nas quais a mesma surja como o intuito de decorar ou colorir algo que já esteja pré-estabelecido. Aqui, insistimos para que se faculte um espaço/momento para que a pintura livre seja priorizada, para que a partir desta possamos, então, compreender e conhecer ainda melhor as nossas crianças.

As técnicas do **recorte e colagem** são utilizadas muitas vezes em concordância com as restantes técnicas apresentadas, bem como com as várias áreas disciplinares do currículo educativo. Numa primeira fase, há um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas antes da utilização da tesoura e da cola, tais como: o desenvolvimento da motricidade fina através dos movimentos de rasgar e amassar, do segurar a pinça, da picotagem, entre outros, que fortalecem e trabalham a destreza manual para que as crianças possam segurar corretamente numa tesoura. Neste contexto, Sousa (2003, citado por Neves, 2019) esclarece que “os recortes são uma técnica extremamente simples, mas muito do agrado das crianças, podendo dar livre vazão às suas capacidades criativas, usando diferentes tipos de papel, de diferentes cores” (p. 41).

Nesta ordem de ideias, não podíamos deixar de fazer referência a algumas das vantagens da utilização da tesoura, designadas por Morris (2011). Assim sendo, este autor afirma que em primeiro lugar está a vantagem do movimento de abrir e fechar a tesoura, pois fortalece os músculos das mãos. Em segundo lugar está a melhoria da coordenação mão-olho, obrigando o cérebro da criança trabalhar dois sistemas ao mesmo tempo. Por fim, temos o desenvolvimento da coordenação bilateral, pois ao recortar um círculo a criança roda o papel com uma mão e usa a tesoura na outra.

Mais tarde, no 1.º Ciclo do Ensino Básico esta técnica aparece no dia a dia dos alunos, com o recorte e colagem de fichas nos cadernos e na criação de cartazes e panfletos. Desde modo, nesta faixa etária, os alunos têm a possibilidade de desenvolver ainda mais os músculos das mãos e as suas habilidades com a tesoura, realizando assim recortes mais precisos em diferentes formas.

A complementar o recorte, a colagem assume-se como “a livre associação de imagens e de fragmentos de imagens, recortadas em jornais e revistas, permite conceber colagens, que exploram o humor e o insólito” (Gonçalves, 1991, p. 28).

A **modelagem** é uma excelente aposta para o desenvolvimento da motricidade fina e para o fortalecimento das palmas das mãos das crianças, para que possam, posteriormente, segurar corretamente numa tesoura, num lápis, numa colher de sopa ou até mesmo numa escova de dentes. Para além das suas múltiplas potencialidades motoras, visuais e de jogo de imaginação, esta é “uma atividade que proporciona a livre expressão de pensamento” (Barbosa, 2009, p. 28), pois é através dela que as crianças podem se expressar através da forma e do volume, desenvolvendo noções de espaço e de tridimensionalidade.

Nesta linha de pensamento, o mesmo autor afirma que, ao modelar, a criança está a depositar toda a sua atenção nos pormenores das suas lembranças visuais e tácteis, detalhes estes que nem sempre são possíveis de representar através do desenho e da pintura (2009).

Por fim, selecionamos a técnica da **construção** que compreende, de certa forma, um pouco de todas as técnicas já analisadas. Desde modo, através das construções, as crianças acabam por desenvolver as mesmas competências que desenvolvem com as restantes técnicas, mas de uma forma mais precisa e complexa. Para que consiga construir, por exemplo, um brinquedo ou um jogo, a criança tem de seguir uma lista de instruções, que podem conter atividades de recorte e colagem, modelagem, de desenho ou de pintura.

2. O Desenho e a criança

A criança recorre ao desenho como forma de expressão e comunicação, uma vez que a representação gráfica é um estímulo que surge ainda antes da criança aprender a falar. Ao encontrar-se com uma folha de papel, um quadro ou qualquer superfície branca e com um lápis, um giz ou um pincel nas mãos, a criança tem, de imediato, o instinto de começar a riscar (Sousa, 2003). No sentido de estimularmos esse instinto, devemos promover uma dinâmica através da qual a criança desenvolva a sua motricidade fina, a sua coordenação visual, neuro motora e cognitiva.

Como já referimos anteriormente, o desenho introduz-se, simultaneamente, como objeto de comunicação entre a criança e o exterior. Neste sentido, Sousa (2003) defende que “o que a criança desenha não são desenhos (representando a realidade visual), mas exteriorizações do seu ser” (p. 198). Logo, os pais, Educadores/as e Professores/as podem usufruir desta técnica como instrumento de compreensão da criança, tal como todas as

suas ostentações artísticas (Telmo, 1994). Contudo, para sermos capazes de interpretarmos e analisarmos corretamente todas as suas criações, temos de respeitar as diferentes fases de desenvolvimento gráfico em que a criança se encontra.

As fases de desenvolvimento gráfico são definidas e defendidas por vários autores, que procuram organizar as mesmas por estádios, que são caracterizados pela idade e pela própria evolução do desenvolvimento da criança. Apesar desta ideia, os estádios procuram respeitar o ritmo e o tempo de cada um.

Desde Luquet, Piaget, Lowenfeld ou Read, são vários os artistas que procuram estruturar e categorizar os padrões que muitas vezes encontramos nos desenhos e nas representações das nossas crianças. Acreditamos que a partir desta estruturação há uma intencionalidade em auxiliar os profissionais de educação na comunicação entre o desenho livre da criança e o propósito da sua produção. Após uma leitura e análise dos estudos realizados pelos autores acima referidos, percebemos um conjunto alargado de etapas, por eles definidas, de forma a compreender a evolução do indivíduo ao longo dos seus primeiros anos de vida e a dar resposta a protótipos que encontravam nos desenhos realizados pelas crianças de uma certa faixa etária.

Assim sendo, concluímos que existem pelo menos quatro estádios que são acordados entre Luquet, Piaget, Lowenfeld e Read, apesar de apresentarem diferentes termos, como o estádio da garatuja ou do rabisco, o estádio que define a existência entre o desenho e a realidade, o que caracteriza a expressividade do que a criança observa e experimenta e, por fim, o que marca as questões de identidade da criança e da sua visão do mundo que a rodeia.

O **Estádio Sensório-motor** compreende-se dos zero aos dois anos de idade da criança e é representado pela forte presença de riscos e traços desordenados. Segundo Piaget, citado por Sousa (2003), este estádio é caracterizado pela própria ação da criança ao segurar um lápis, pois começa por apalpar, agitar, cheirar e manusear o lápis, ou seja, é a partir dos seus sentidos que a criança vai descobrir a função deste instrumento. O próprio modo como segura no lápis é uma característica a ter em conta neste estádio. Ela agarra com a mão toda e rabisca a folha com movimentos fortes e rápidos. Este estádio tem uma grande relevância para o desenvolvimento da destreza manual e para o fortalecimento dos seus braços e mãos. Por fim, é capaz de realizar movimentos mais precisos e circulares.

O **Estádio da Garatuja** parte dos dois aos quatro anos de idade e, apesar de vários autores identificarem e reconhecerem este estádio, nem todos se apercebem das

potencialidades em analisarmos e interpretarmos as obras que nele surgem. Por exemplo, para Luquet, a garatuja, numa fase inicial, pelos dois anos de idade, não apresenta quaisquer finalidades a nível do desenvolvimento gráfico da criança. Segundo Telmo (1994), este autor “toma apenas em consideração o desenvolvimento da figuração da cor (...) e tem como padrão o “realismo”, não dando grande importância à evolução da garatuja” (p. 17), logo, o mesmo inicia o seu processo de análise quando começam a surgir formas e cores propositadas nas representações das crianças.

Já Lowenfeld estruturou a fase da garatuja em três níveis, iniciando-se na garatuja desordenada, na qual as crianças rabiscam sem olhar diretamente para a folha, de seguida a garatuja controlada, onde apresentam um maior controlo nas mãos e desenham de uma forma mais propositada, principalmente, figuras circulares. Por fim, apresenta-nos a garatuja identificada, em que a criança verbaliza e justifica o que desenhou, tendo em conta alguns elementos representados. Para Piaget, citado por Sousa (2003), é neste estágio que “a criança passa a expressar esta sua nova compreensão nos seus desenhos da figura humana” (p. 202), referindo-se à descoberta do seu género, feminino ou masculino.

O **Estádio Pré-Esquemático**, identificado por Lowenfeld, inicia-se pelos quatro anos de idade e termina nos sete anos. Podemos identificá-lo ao observarmos “a representação do real, com formas e figuras mais ordenadas, mas ainda com variações nos tamanhos” (Hanauer, 2013, p. 78), nos desenhos das nossas crianças. Com a existência de formas e desenhos mais realistas, Luquet nomeia este estágio de: Realismo Falhado, onde a criança descobre o objeto e procura representá-lo o mais real possível, contudo “as dificuldades gráfico-motoras e as dificuldades psíquicas são fatores que interferem no desenho” (Hanauer, 2013, p. 78), tornando-o desproporcional a nível do tamanho.

Nesta sequência, Lowenfeld distingue o **Estádio Esquemático**, que procura ser uma continuidade do estágio apresentado anteriormente. As crianças entre os sete e os nove anos de idade começam por apresentar um maior cuidado nos pormenores dos seus desenhos, tanto na representação da figura humana, como das suas vivências e realidades. É neste estágio que a criança apresenta o conceito de espaço. Piaget, mencionado por Sousa (2003), afirma que ao contrário do que ocorria nos estádios anteriores neste a criança deixa de parte as suas próprias regras e “começa a tentar ultrapassar o seu egocentrismo e adaptar-se às regras que observa nos desenhos de outros, procurando representar o que vê” (p. 202).

Este estágio é denominado por Luquet como Realismo Intelectual, a partir do qual afirma que a criança não só representa com mais realismo o objeto como, também, o que conhece acerca dele, criando, deste modo, as transparências. Sousa (2003, p. 202), refere que este realismo advém dos “acontecimentos pela ordem que sucedem”, pois “é o seu pensamento, a sequência do seu raciocínio, que dirige a forma de execução do seu desenho”.

O último estágio que vamos conhecer, foi denominado por Lowenfeld como **Realismo Crescente**, dos nove aos doze anos de idade. Aqui, “as figuras são cada vez mais diferenciadas e as cenas mais cheias de pormenor” (Telmo, 1994, p. 18). Muitas vezes observamos as folhas cheias de elementos pertencentes ao desenho, com muitos pormenores e cores. Novamente, Luquet surge com uma definição diferente para este estágio. Realismo Visual é o título que propõe para representar a fase, na qual as crianças desenham apenas objetos visíveis, de forma concreta e apercebem-se de deformações, erros e discrepâncias nas suas criações, levando-os assim a desenvolver um sentido mais crítico acerca do seu próprio trabalho. Hanauer (2013), salienta que neste estágio “aparecem claramente as influências sociais, históricas e culturais, bem como elementos do seu cotidiano” (p. 79).

Após esta pequena análise dos estágios que caracterizam o desenvolvimento gráfico das crianças, apercebemo-nos da relação existente entre a evolução do desenvolvimento e crescimento da criança com a forma como procura representar as suas ideias, percepções e vivências. Deste modo, acreditamos assim como Hanauer (2013) que “de um rabisco sem objetivo, com movimentos puramente musculares, ao alcance de um desenho estruturado, acompanham-se mudanças significativas no desenvolvimento da criança, que envolvem mecanismos biológicos, sensoriais, cerebrais e motores” (p. 79).

Este foi um dos contextos que procurámos explorar ao longo dos nossos estágios pedagógicos, tirando o máximo partido das potencialidades desta área e das suas técnicas ao serviço da nossa ação educativa diária. Nos Capítulos que se seguem, partilharemos com o leitor os principais contornos de todo o trabalho que desenvolvemos, nos contextos da Educação Pré-escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

3. O Papel do Educador/Professor na exploração de atividades de Expressão Plástica

Feito um enquadramento inicial dos pressupostos teóricos que orientam este Relatório, assim como um panorama geral das diferentes fases de desenvolvimento gráfico das crianças, interessa-nos também aprofundar um pouco mais acerca do verdadeiro papel dos/das Educadores/as e Professores/as no desenvolvimento de atividades de Expressão Plástica.

Neste sentido, acreditamos que o/a Educador/a e o/a Professor/a não deve assumir-se como avaliador das obras das crianças, mas deve, assim como defendem Lowenfeld e Brittain (1997), “tentar estimular cada aluno, para que se identifique com as suas próprias experiências, (ajudando-os) a desenvolver, ao máximo, os conceitos que expressam os seus sentimentos, as suas emoções e a sua própria sensibilidade estética” (p. 23). Para que este desenvolvimento ocorra é essencial que os Educadores e Professores assumam o papel de orientadores, a partir do qual criem condições acessíveis à exploração de materiais e técnicas diferentes e orientem e planifiquem atividades livres de Expressão Plástica.

Nesta ordem de ideias, ao explorarem esta área com os mais pequenos, os docentes têm de ter em conta que, assim como assumem Cardoso e Valsassina (1988), não se deve ensinar a forma de representar a natureza, mas devem estimular as crianças a serem elas próprias, a expressarem-se e a chegarem a uma solução. Em contrapartida, e com o trabalho/obra da criança concluído é necessário que o/a Educador/a e o/a Professor/a adotem uma atitude de incentivo perante o resultado final da criança, pois “são os pais e o Educador que positivamente valorizando a obra da criança lhe darão o hábito de a considerar um objeto valioso” (p. 76), desenvolvendo assim a sua autoestima, autonomia e evolução.

Nesta linha de pensamento, Colaço (2013), acredita que o Educador/Professor desenvolve a autonomia das suas crianças ao criar “oportunidades que lhes permitam experimentar e vivenciar por si mesmas, de modo a retirar as suas ilações, revelando-se um ser participativo no seu próprio processo de aprendizagem” (p. 16).

A Expressão Plástica é uma área transversal às duas valências a ter em conta no presente Relatório, pelo que não poderíamos deixar de fazer uma breve comparação entre o papel do/a Educador/a e o do/a Professor/a do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, e considerando os currículos diferentes, acreditamos que o/a Educador/a tem maior

flexibilidade no seu dia a dia para a dinamização de atividades de Expressão Plástica. O/A Professor/a do 1.º Ciclo tem de ser capaz de articular esta área com as restantes áreas disciplinares e, simultaneamente, escolher “um conjunto de atividades para um determinado grupo-alvo, compostas por conteúdos e objetivos operacionalizados através de metodologias diversificadas que pressupõe consequências educativas” (Zabalza, 2000, p. 95).

Para terminar, destacamos um trabalho realizado por Lowenfeld (1977, citado por Sousa, 2003) que melhor resume as atitudes que os docentes devem tomar perante uma atividade de Expressão Plástica da criança. Nas palavras do autor, os Educadores e Professores devem:

1. Considerar a Expressão Plástica da criança como uma projeção da sua personalidade em formação;
2. Compreender que, enquanto trabalha, a criança está adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento;
3. Estimular a criança nas suas relações com o ambiente;
4. Apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua própria experiência;
5. Compreender que as «proporções erradas» exprimem, frequentemente, uma experiência;
6. Compreender que as perceções da criança, a respeito da arte, são diferentes das dos adultos;
7. Apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos;
8. Colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar;
9. Ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros;
10. Encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma;
11. Criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa;
12. Deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação.

Assim, concluímos o enquadramento da temática que escolhemos defender no presente Relatório. Com os conselhos anteriormente apresentados, finalizamos com a ideia de que antes de comentarmos ou analisarmos o trabalho de uma criança, é essencial olharmos para ele com respeito. Ao termos esta perceção, facilmente iremos conseguir analisá-lo de uma forma mais adequada e significativa, respeitando a individualidade, a experiência e a personalidade de cada criança.

Este foi o contexto em que nos inspirámos ao longo da nossa prática pedagógica, nos contextos dos Estágios desenvolvidos na Educação Pré-Escolar e no 1.º CEB, tal como pretendemos evidenciar nos próximos Capítulos.



Capítulo 2

Estágio Pedagógico na
Educação Pré-Escolar



No presente Capítulo iremos dar a conhecer as caracterizações do Meio, da Escola, espaço e sala de atividades, bem como do grupo de crianças com as quais o nosso Estágio Pedagógico I, em contexto de Educação Pré-Escolar, foi realizado. Ademais, iremos apresentar a nossa tabela com as atividades desenvolvidas em contexto de estágio, dando, posteriormente, ênfase às atividades do Subdomínio das Artes Visuais. É importante realçar que este Capítulo integra também uma reflexão realizada com base numa entrevista (ver Anexo 1) aprofundada que fizemos à nossa Educadora Cooperante, através da qual foi possível convocar todo o processo desenvolvido ao longo do estágio em causa.

2. Práticas Educativas em contexto da Educação Pré-Escolar

2.1. Características dos contextos de intervenção

2.1.1. O Meio Envolvente

A escola onde realizamos o nosso Estágio Pedagógico I pertence a uma das freguesias do concelho de Ponta Delgada. A escola em questão encontrava-se muito bem situada, uma vez que conseguíamos usufruir de muitos dos locais e serviços, presentes nas proximidades, para abordarmos várias temáticas e realizarmos passeios e visitas de estudo. No seu meio envolvente, encontrámos vários jardins, o que nos possibilitou a realização de vários passeios e de onde conseguimos trazer vários recursos para a nossa sala de atividades, como foi o caso das folhas do outono que usamos para realizar a atividade “Folha, folhinha, quantas folhas tenho na minha saquinha?”. Nesta atividade, foi possível usar um recurso que as crianças puderam recolher num dos passeios ao jardim, as folhas, e dinamizar com elas uma atividade do Domínio da Matemática.

Deparamo-nos ainda com uma biblioteca, um espaço comercial, um centro destinado à promoção do bem-estar, uma padaria, uma esquadra de polícia, um centro de fotocópias, que foi de grande apoio para o nosso estágio, e vários cafés.

Estes locais e instituições, foram, muitas vezes, referências para a introdução e exploração dos diferentes conteúdos abordados na sala de atividades.

2.1.2. A Escola

No que respeita à escola, esta encontrava-se em boas condições, tanto no seu interior como no seu exterior, com áreas designadas a cada nível, Educação pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, das quais as crianças podiam usufruir livremente e em segurança.

No recreio, contávamos com duas áreas que dividiam as crianças dos dois níveis existentes naquela escola. Na área destinada à Educação Pré-escolar, que continha dois brinquedos, as crianças eram supervisionadas por três auxiliares. O chão de cimento possibilitou a realização de várias atividades com giz, como foi o caso da atividade “O meu corpo”, dinamizada ao longo da exploração do Corpo Humano, na qual, em pares, uma criança contornava o corpo de outra utilizando um giz grosso. Na área do 1.º Ciclo do Ensino Básico, encontrámos um campo de futebol e baloiços.

No interior, tínhamos um polivalente bastante espaçoso, com uma arrecadação munida de materiais de índole desportivo, a sala dos professores e a sala de informática. Estes dois espaços, o recreio e o polivalente, foram utilizados para a realização de várias atividades, principalmente, do Domínio da Educação Motora e do Subdomínio da dança.

As salas de atividades foram distribuídas em lugares estratégicos, pensados para facilitar a rotina das crianças e desenvolver a sua autonomia. Deste modo, duas das três salas de atividades encontravam-se no rés do chão, perto das casas de banho das crianças, onde as mesmas podiam ir sozinhas quando sentissem necessidade, e a última sala encontrava-se no primeiro piso.

2.1.3. A sala de atividades

A sala de atividades onde realizamos o nosso estágio pedagógico era um espaço alegre, amplo e bem iluminado, devido a duas grandes entradas de luz solar. As várias áreas (cantinhos) estavam bem sinalizadas e organizadas, mas excessivamente equipadas com muitos brinquedos e jogos, o que dificultava, por vezes, a sua devida arrumação por parte das crianças. Todos estes equipamentos e materiais eram adequados às idades e à altura das crianças, de forma a beneficiarem a sua adaptação e independência na sala. Nas figuras que se seguem (ver Figuras 1 e 2) procuramos ilustrar esta realidade.

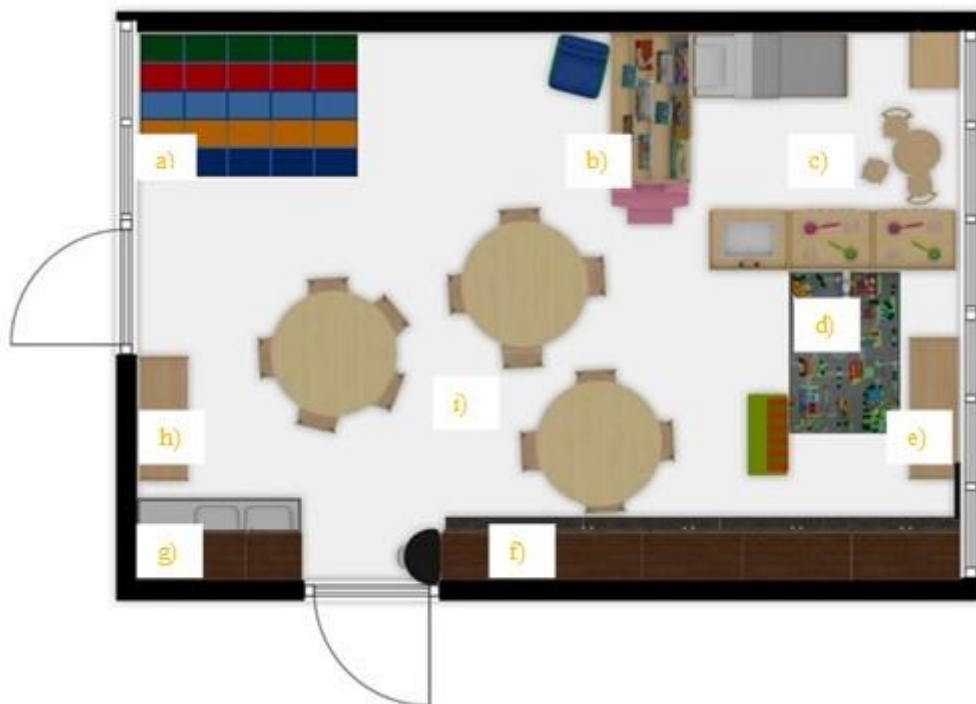


Figura 1: **Planta da sala de atividades.**

- a) Área do tapete; b) Área da biblioteca; c) Área da casinha; d) Área da garagem e) Área do escritório e do mercado; f) Bancada de trabalho da Educadora; g) Lavatório; h) Área dos jogos; i) Mesas.



Figura 2: Sala de atividades.

- a) Área da garagem; b) Área do escritório e do mercado; c) Área da casinha; d) Área dos jogos e lavatório; e) Área do tapete.

Considerando as Figuras 1 e 2, observa-se a organização e a distribuição das várias áreas presentes na sala de atividades. Para além destes espaços, encontramos também a bancada de trabalho da Educadora, com vários armários de arrumação, o lavatório, as mesas e cadeiras destinadas às crianças e o quadro de giz. É importante referir que ficou explícito desde o início do nosso estágio que estas áreas não tinham um limite de crianças, ou seja, eram as próprias que se organizavam a nível de espaço. Consideramos que esta estratégia funcionava durante os momentos de brincadeira livre, mas não nos momentos de arrumação e organização da sala. Regra geral, as crianças mais velhas culpavam as mais novas pela desarrumação, obrigando as mesmas a arrumar uma área que nem tinham chegado a utilizar, aspeto que gerava algum ruído e descontentamento.

Tal como nos é dado a perceber na Figura 1, a partir da porta de entrada da sala encontrávamos, à direita, a bancada de trabalho da Educadora, com vários armários destinados à arrumação de materiais recicláveis, jogos didáticos, materiais manipuláveis, equipamentos de som e livros infantis. Em cima da bancada, tínhamos um computador portátil fornecido pela escola, materiais de Expressão Plástica, nomeadamente, uma pequena prateleira com lápis de cor, lápis de carvão, pontas de feltro, tesouras, colas e folhas brancas. As crianças não conseguiam alcançar estes materiais, uma vez que a bancada era bastante alta, logo, tinham de pedir ajuda à Educadora sempre que deles necessitassem. Este era também o espaço onde estavam arrumados os dossiês de cada criança. No lado esquerdo da porta de entrada, tínhamos um pequeno lavatório, onde as crianças lavavam as mãos depois de cada atividade e antes das refeições. No seu armário superior, tínhamos uma caixa de primeiros-socorros e cuidados de limpeza e desinfeção das crianças. Já no armário inferior estavam guardados todos os materiais de pintura, desde tintas, pincéis, recipientes, materiais para estampagem a panos de limpeza.

Ainda no contexto da nossa sala, e tal como nos é dado a perceber na Figura 2, de frente para o lavatório, encontrávamos a **área dos jogos**, (ver Figura 2d), que consistia numa prateleira onde eram disponibilizados *puzzles*, jogos didáticos e de encaixe, aos quais as crianças podiam recorrer durante os momentos de brincadeira livre. Afixado a essa parede tínhamos um quadro de cortiça, destinado a expor as atividades/registos acerca da estação do ano na qual nos encontrávamos. Dando continuidade à mesma parede, existia uma porta com acesso ao recreio dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, esta porta só era utilizada quando precisávamos de nos dirigir ao campo de futebol para realizar alguma atividade do Domínio da Educação Físico-Motora, caso contrário estava

sempre trancada. Na mesma parede, no canto, tínhamos a nossa **área de acolhimento**, ver a imagem *e* da Figura 2, onde estavam afixados os aniversários das crianças, aqui encontrámos um tapete colorido para as crianças se sentarem e onde realizávamos as nossas atividades de acolhimento, fomentávamos vários diálogos com os mais pequenos e introduzíamos aquela que seria a temática da semana.

Na parede posterior, tínhamos os quadros de registo das presenças, do tempo, dos dias da semana e o calendário. Em cima afixávamos, na própria parede, os trabalhos e os registos que as crianças elaboravam ao longo da semana. Seguia-se um quadro de giz, no qual escrevíamos todos os dias a data e onde registávamos, também, as palavras que as crianças mais velhas pediam para copiar para os seus desenhos. Durante a brincadeira livre, estas crianças transformavam-se em verdadeiros “professores” dos colegas mais novos, uma escrevia no quadro e as restantes copiavam. Logo, observamos que o “faz de conta” estava muito presente nas brincadeiras do nosso grupo de crianças e os mais novos usavam-no para desenharem livremente com giz.

No seguimento, dispúnhamos da **área da biblioteca** (ver Figura 2c), com os livros que as crianças podiam consultar nos momentos de brincadeira livre. De forma a adequar os temas destes livros à época do ano, a Educadora costumava, de duas em duas semanas, trocá-los por outros que se encontravam guardados num armário. Arriscamo-nos a afirmar que as crianças desfrutavam dos livros todos os dias, observavam as imagens sozinhos e as mais velhas contavam as histórias já conhecidas aos mais novos. Ao lado desta área, tínhamos o **cantinho da casinha**, (ver Figura 2c), muito bem conservado e equipado, com uma pequena cama, um armário, uma mesa com bancos, uma pequena bancada a representar uma cozinha, um toucador infantil e várias bonecas e “nenucos”. Esta era uma área de grande preferência para as crianças e onde as brincadeiras de “faz de conta” mostravam-se muito presentes. Aqui, as crianças mais velhas convertiam-se em autênticos “pais” e as mais novas em “filhos”. Formaram-se muitos médicos, enfermeiros, cabeleireiros e *chefs* de cozinha nesta área. Na última parede, do lado direito, e depois da área da casinha, tínhamos o **cantinho da garagem e da oficina** (ver Figura 2a). Este espaço estava organizado com o auxílio de vários cestos onde podíamos encontrar uma grande quantidade e variedade de carros e outros transportes, brinquedos aleatórios e várias ferramentas. Esta área raramente se encontrava devidamente arrumada devido ao excesso de brinquedos presentes. Este cantinho foi de grande importância na exploração do tema “Os transportes”, no qual utilizámos os próprios brinquedos para dinamizarmos a atividade “Carros para cá, barcos para lá”, onde as crianças tinham um cartão com vários

cenários (uma estrada, um recipiente com água, o céu e um terreno agrícola) e tinham de procurar neste cantinho um transporte para associar ao respetivo cenário.

De seguida, encontrava-se aquela que era a **área do escritório e do minimercado**, (ver Figura 2b), onde existia uma pequena bancada com vários compartimentos nos quais estavam organizadas as caixas de cada criança, com a sua respetiva identificação. Cada criança encontrava, na sua caixa, os seus estojos e os materiais fornecidos pelos pais. Em cima desta bancada, tínhamos várias atividades de grafismo, cadernos e outros materiais para registo. Em frente ficava o minimercado com vários produtos do dia a dia da criança. Por fim, e ao lado desta bancada, tínhamos um espelho que nos foi muito útil para atividade “O meu corpo”, do Subdomínio das Artes Visuais, onde as crianças, depois de se verem ao espelho, tiveram de fazer desenhar o seu retrato.

Feita uma descrição geral da forma como estava organizada e apetrechada a nossa sala de atividades, interessa-nos agora aprofundar um pouco mais as suas valências para a exploração da área que decidimos aprofundar no presente relatório. É o que nos propomos fazer no ponto que se segue.

2.1.3.1. A Expressão Plástica e o seu Espaço na sala de atividades

A nossa sala de atividades contava com uma ampla bancada de trabalho que, apesar de não ter a altura das crianças, oferecia vários materiais e objetos para manuseio e exploração do grupo, como o caso dos materiais de Expressão Plástica. Contudo, para utilizarem estes materiais, tinham de pedi-los a um adulto. Na entrevista realizada à Educadora Cooperante (ver Anexo 1), descobrimos que esta situação ocorre porque esta era uma área privilegiada e muito convocada na sua sala de atividades e, para poder fazer uma gestão adequada dos materiais que “saíam e entravam”, estes eram guardados na bancada. Em contrapartida, as crianças podiam encontrar um armário à sua altura, com materiais recicláveis, que podiam explorar ao longo dos momentos de brincadeira livre.

A partir da nossa observação apercebemo-nos da quantidade de vezes que as crianças pediam para utilizar estes materiais durante o dia, o que nos levou a fazer uma reflexão acerca da importância de um espaço controlado e acessível, desta natureza, numa sala de atividades. Nesta linha de pensamento, defendemos com Reis (2003, citado por Capela, 2018, p. 26), que a “diversidade e acessibilidade dos materiais utilizados permite ainda outras formas de exploração”, sendo de toda a relevância disponibilizar materiais

de várias cores, bem como outros recursos e instrumentos, de forma que as crianças consigam, autonomamente, fazer várias combinações.

Neste sentido, acrescentamos ainda que, para além da importância de permitir à criança aceder e escolher os materiais que quer usar e quando os quer usar, temos de ter em consideração que esta vontade ocorre a partir de algo que a criança sente necessidade de expressar naquele momento, um sentimento, uma emoção ou um desejo de transmitir alguma coisa através do desenho.

A este propósito, Carvalho (2020) reforça que é importante deixar que a criança tenha liberdade para realizar os seus desenhos/pinturas (obras), para que esta não fique com o seu pensamento delimitado, para que não perca a sua autonomia para desenhar ou criar o que lhe vai no pensamento (p. 16).

Desta forma, consideramos que tão importante quanto planificar atividades do Subdomínio das Artes Visuais, de forma a proporcionarmos momentos diários de exploração, a partir de um só conteúdo, foi igualmente pertinente a preparação de “um espaço na sala para o efeito da exploração da expressão plástica”, onde

a criança vai sentir-se tentada a explorá-la e se tudo estiver ao seu dispor e ao seu alcance vai fazer com que a criança se sinta autónoma e desenvolva os seus trabalhos de acordo com a visão que tem do mundo (Carvalho, p. 19).

Assim sendo, partimos para a planificação e construção de um recurso, com o qual as crianças pudessem ter acesso a vários materiais para a criação das suas obras. Através deste recurso, e nos momentos de brincadeira livre, as crianças podiam dar asas à sua imaginação ou partir das suas emoções mais profundas para as expressarem através dos seus desenhos. Neste contexto, acreditamos que o papel do Educador passa, também, por refletir acerca da importância das potencialidades do espaço e dos recursos disponibilizados ao seu grupo e a partir daí observar e analisar as produções das suas crianças.

Foi com este propósito que criámos o nosso “Engenhocas”, que acabou por assumir-se como um recurso muito importante nas nossas rotinas. Na Figura que se segue ilustramos as principais valências deste recurso (ver Figura 3).

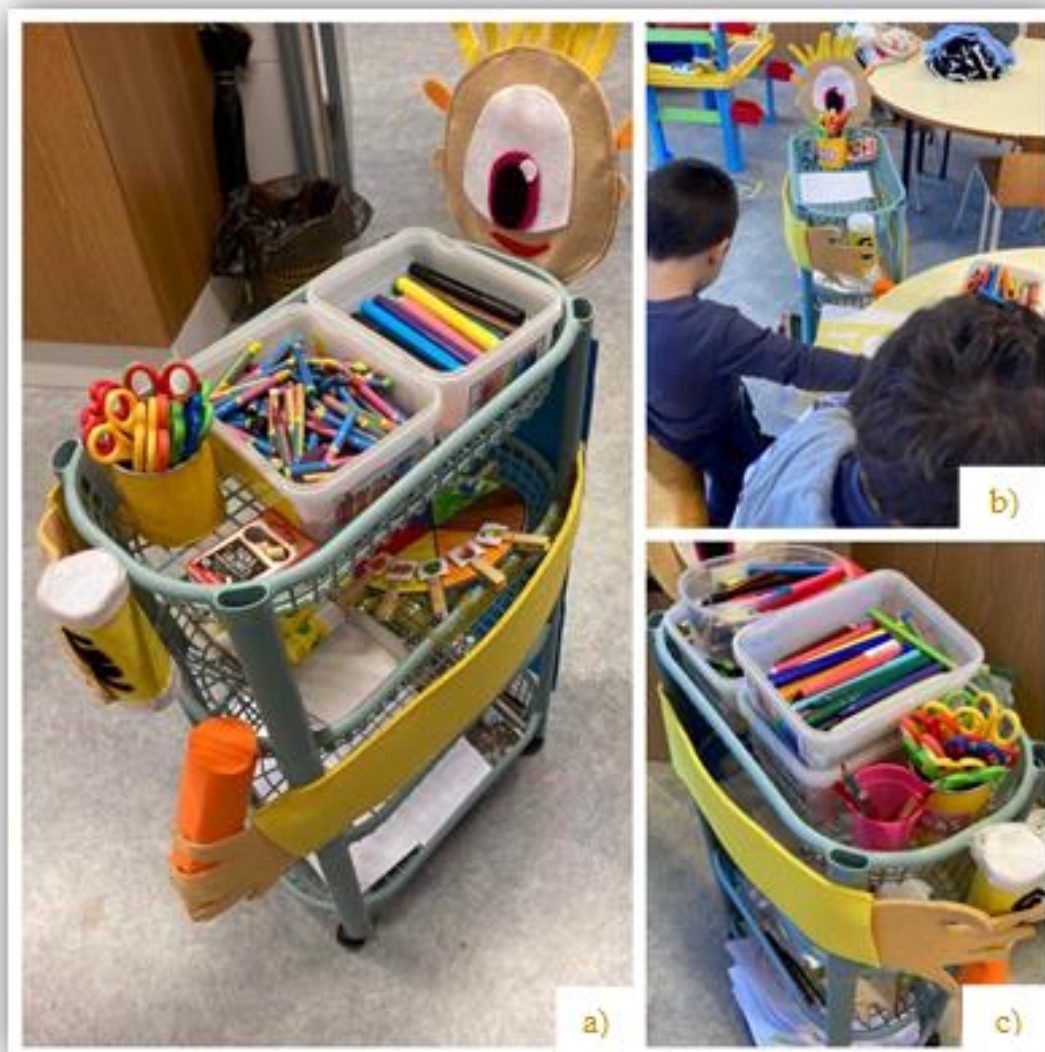


Figura 3: Recurso: O Engenhocas.

a), b) e c) “O Engenhocas” na sala de atividades.

Ao observarmos, portanto, a ausência de uma área de natureza artística/expressiva e ao notarmos o gosto e a motivação das nossas crianças pela mesma, acreditamos que a implementação deste recurso foi uma mais-valia para a nossa sala de atividades. Assim sendo, apostamos num “carrinho”, com o formato do nosso “Engenhocas” em feltro. Depois de uma apresentação do mesmo, mostrando os materiais disponíveis, como lápis de cor, pontas de feltro, cola, tesouras, *stencils*, jornais e revistas, cartões com o nome de cada criança, atividades para a escrita dos números e folhas brancas, lembrámos, também, as regras para a sua utilização. Neste contexto, só o chefe do dia podia mover o “Engenhocas” pela sala e só o levavam para o seu lugar quando estivesse todo arrumado. Os materiais disponíveis só podiam ser utilizados nas mesas.

A reação por parte das crianças foi muito positiva e entusiasmante e o mesmo passou a fazer parte da rotina e das atividades da nossa sala. A presença do Domínio da

Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e do Domínio da Matemática neste recurso, deveu-se à necessidade de responder aos interesses das crianças, principalmente, das mais novas, para escreverem os seus nomes e à dificuldade observada por parte das crianças mais velhas na escrita dos números.



Figura 4: Atividades presentes no recurso “O Engenhocas”.

a) b) Crianças a usar a tesoura; **c)** Cópia do nome; **d) e)** Cartões plastificados para a escrita dos números.

Ao longo do nosso estágio pedagógico, foram muitas as aventuras e descobertas realizadas a partir do nosso “Engenhocas”. Deste modo, salientamos que o desenho livre se fez presente em muitos momentos da nossa sala, principalmente, nos tempos de brincadeira livre, graças à curiosidade das crianças perante o novo recurso. Para além do desenho livre, este recurso permitiu ainda que as crianças mais novas explorassem, com o nosso auxílio, determinados materiais pelos quais já mostravam muito interesse, como as tesouras (ver Figura 4a), colas e *stencils*, bem como a escrita do seu nome através da

cópia (ver Figura 4d). O interesse foi mútuo para as crianças mais velhas que, apesar de conhecerem a maioria dos materiais presentes, desenhavam e criavam as suas próprias composições, como a elaboração de convites para as suas festas de aniversário, a realização de pequenos jogos, sendo que ainda auxiliavam os mais novos no uso dos materiais. No início do estágio, apercebemo-nos que este grupo apresentava dificuldades na escrita dos números, pelo que conseguimos colmatar tais lacunas através de cartões plastificados com os números em forma de ruas, nos quais a criança podia, primeiramente, contornar o número com um carrinho e de seguida com o marcador (ver Figuras 4d e 4e). É importante referir que os mais novos mostraram, também, muito interesse nesta pequena atividade e realizavam-na frequentemente.

Podemos afirmar, portanto, que através do “Engenhocas” conseguimos explorar vários domínios de conteúdo, procurando sempre responder aos interesses e curiosidades das crianças, dando maior enfoque à Expressão Plástica e à importância do desenho livre. Na realidade, foi a partir da implementação deste recurso que nos apercebemos, com maior realce, dos desenhos da criança *E*, que representava de forma recorrente uma casa, desenhos estes que analisaremos um pouco mais à frente neste relatório.

Para além do subdomínio das Artes Visuais, do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e do Domínio da Matemática, consideramos que a Área da Formação Pessoal e Social também se fez presente, pois, e como referiu a Educadora Cooperante na sua entrevista (ver Anexo 1), o facto de as crianças poderem transportar o carrinho para o seu lugar e de escolherem os materiais que queriam usar privilegiou a sua autonomia e independência, sendo estas duas características a priorizar dentro de uma sala de atividades. Na entrevista em causa, pudemos fazer uma reflexão acerca deste recurso, incluindo as suas vantagens e os seus inconvenientes. Como já mencionámos, este recurso complementou e enalteceu o Subdomínio das Artes Visuais dentro da nossa sala de atividades, bem como outros Domínios de conteúdo. Entendemos ter sido uma mais valia durante o nosso estágio e pensamos poder usar estratégia semelhante no nosso futuro, sem nunca descurar o reforço nas suas regras de utilização, para que as crianças possam tirar partido dos materiais disponíveis de forma autónoma e responsável.

Infelizmente, constatámos na sequência da entrevista que fizemos à nossa Educadora Cooperante (ver Anexo 1) que, mais tarde, e com o final do nosso estágio pedagógico, esta se apercebeu da falta de controlo na utilização de alguns materiais, sendo que as crianças utilizavam os mesmos para diversas atividades, principalmente para o

desenho livre, mas não os arrumavam de forma correta, deixando, por exemplo, pontas de feltro sem tampa, lápis estragados e folhas sem identificação.

Acreditamos que esta falta de controlo se deveu à nossa ausência, pois estávamos constantemente a certificar-nos de que todos os materiais estavam arrumados e bem prezados. Por esta razão, e estando a Educadora sozinha na sala de atividades, tal controlo poderá não ter acontecido da mesma forma, fazendo com que o recurso, com muita pena nossa, fosse desmontado e os materiais voltassem para a bancada de trabalho. Na entrevista (ver Anexo 1), a Educadora Cooperante referiu que mesmo depois de as crianças se aperceberem do desaparecimento do recurso na sala, continuaram a chamar “Engenhocas” à prateleira que lhe deu vida. A partir desta reação, apercebemo-nos do impacto que este recurso teve na nossa sala de atividades, bem como no grupo de crianças.

Concluimos que, ao longo da nossa permanência na sala de atividades, o “Engenhocas” apresentou-se como uma ferramenta essencial para a expressividade livre do nosso grupo e para a introdução de materiais e ferramentas de uso recorrente por crianças desta faixa etária, como por exemplo a tesoura, muitas vezes negligenciada em salas de jardim de Infância. Este recurso foi mais do que um suplemento à Expressão Plástica, foi, também, um excelente contributo para a integração das várias áreas de conteúdo com o Subdomínio das Artes Visuais.

2.1.4. O tempo e as rotinas

As atividades tinham início com o acolhimento, no qual as crianças cantavam a canção do “Bom dia” e desejavam-no uns aos outros. De seguida, cada criança marcava a sua presença e o chefe do dia responsabilizava-se por um conjunto de tarefas que assinalavam este momento, como a contagem do número de crianças presentes e em falta, o registo do tempo, do dia da semana, do calendário e a alimentação do peixe “Nando”, presente na sala de atividades. É importante salientar que, neste momento do dia, todos os dias as crianças tinham a oportunidade de partilhar vivências, experiências e ideias, especialmente às segundas-feiras, dia em que cada um também partilhava o seu fim de semana. Ainda neste dia, as crianças eram convidadas a se sentarem nas mesas para representarem graficamente o seu fim de semana. Posteriormente, mostravam-nos os seus desenhos e conversavam connosco sobre eles.

No acolhimento, introduzíamos, através de um conto, de fotografias, do diálogo ou de pequenas atividades, a temática a explorar naquela semana, desde que houvesse um

foi condutor com a temática abordada na semana anterior. Depois deste momento, tínhamos, portanto, um espaço para a dinamização de uma atividade orientada.

Depois, seguia-se a hora do leite e, seguidamente, dispúnhamos de outro período para a realização de uma atividade orientada, que variava entre atividades em grande grupo e outras de carácter individual. A seguir ao almoço, reservávamos sempre um momento para o relaxamento, que procurávamos adaptar ao tema que estávamos a explorar. Apresentávamos sempre formas de relaxar diferentes, utilizando desde o som do vento ao longo da exploração do tema do “outono”, ao tato no seguimento da exploração do “Corpo Humano”, passando pela visão recorrendo-nos do planetário decorado pelas crianças na atividade “O nosso planetário”, inserido no Subdomínio das Artes Visuais.

Dando continuação à nossa rotina, e com as crianças mais relaxadas depois do recreio, passávamos para a “Hora do Conto”, na qual todos os dias as crianças ouviam uma história. Tentávamos que estas histórias fossem ao encontro da temática que estávamos a abordar, de forma a que pudéssemos fomentar um diálogo com o grupo acerca do presente tema. Aproveitávamos ainda este momento para dinamizar atividades do Subdomínio da Dramatização, como ocorreu com a pequena dramatização da Lenda de São Martinho realizada no seu dia comemorativo. Até à 15h00, hora de saída, as crianças brincavam livremente pelas diferentes áreas disponíveis na sala de atividades.

2.1.5. O grupo de crianças

O grupo era constituído por treze crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 7 anos, ou seja, um grupo bastante heterogéneo. Tínhamos onze crianças do sexo masculino e duas do sexo feminino, sendo que quatro crianças tinham três anos, duas quatro anos, quatro cinco anos, duas seis e uma com sete anos. Esta última revelava Necessidades Educativas Especiais (NEE), pelo que se encontrava em situação de adiantamento de matrícula.

Encontrámos um grupo participativo, alegre, motivado e interessado pelas atividades, pelas tarefas que marcavam a rotina e por aprender coisas novas. Assim, desde o início conseguimos criar uma boa relação com as crianças, pois receberam-nos muito bem. Sendo um grupo heterogéneo, as crianças mais velhas mostravam interesse em querer ajudar os mais novos e estes admiravam e copiavam os mais velhos. Neste

contexto, observamos um grupo bastante interativo e solidário, no qual a ajuda era uma constante.

As crianças que entraram para Jardim de Infância pela primeira vez adaptaram-se muito bem às rotinas da sala e, com a ajuda dos mais velhos, participavam nas atividades de grupo e nas várias tarefas. Em geral, observamos um grupo com muitos conhecimentos em diversos conteúdos e que ambicionava sempre por aprendizagens novas e atividades diferentes e lúdicas. As atividades sensoriais, as do Subdomínio das Artes Visuais, de Educação Físico-Motora e do Subdomínio da Dramatização despertavam sempre a participação das crianças, com a exceção de dois meninos que não apresentavam tanto interesse, pois tinham dificuldades em invocar o mundo imaginário e a fantasia.

Conseguíamos organizar as crianças em dois grupos distintos, um grupo de crianças mais velhas e outro com as crianças mais novas, que entraram na sala naquele ano pela primeira vez. O primeiro grupo mostrava autonomia nas várias atividades planificadas, interesse e participação nos momentos de diálogo e de discussão, apesar de muitas vezes responderem pelos colegas. Revelavam também interesse em ajudar os mais novos e a Educadora, contudo, não gostavam de arrumar a sala de atividades, culpando os mais novos pela desarrumação da mesma. Observamos neste grupo uma grande vontade de aprender, de questionar e justificar. Queriam escrever, contar e fazer operações de adição e subtração, pois muitas vezes deparávamo-nos com este grupo no quadro de giz a brincar às escolas, onde um explicava determinado número ou operação aos outros.

O grupo das crianças mais novas já conheciam a rotina e as tarefas da sala de atividades, apesar de notarmos que ainda não as cumpriam. A título de exemplo, utilizavam os jogos ou brinquedos e não voltavam a arrumá-los antes de usarem outros e não queriam arrumar a sala no final da brincadeira livre. Em contrapartida, cumpriam sempre as tarefas do acolhimento e do chefe do dia, apesar de se mostrarem por vezes um pouco irrequietos nos momentos do tapete, tinham um bom relacionamento com as crianças mais velhas e respeitavam a Educadora.

No que concerne ao desempenho do grupo nas diferentes áreas, domínios e subdomínios de conteúdo, o mesmo pode ser dividido em dois grupos distintos, conforme as idades das crianças, e caracterizado com base nos traços gerais que apresentamos de seguida.

Área da Formação Pessoal e Social: o grupo de crianças mais velhas era capaz de fazer escolhas, participar de forma ativa nos diálogos fomentados e de ajudar a Educadora e as crianças mais novas na realização de tarefas e atividades. Os mais novos

relacionavam-se muito bem com os mais velhos, apesar de terem algumas dificuldades em respeitar as regras da sala.

Área do Conhecimento do Mundo: o grupo, em geral, mostrava grande interesse nesta área. Apresentava grande entusiasmo nas temáticas e nas atividades desenvolvidas, partilhava conhecimentos prévios e solicitava aprendizagens novas dentro de uma temática.

Domínio da Matemática: as crianças mais velhas tinham um grande interesse e curiosidade nas atividades desenvolvidas dentro deste domínio, tanto que o inseriam durante a brincadeira livre, na realização de jogos e no “Faz de conta”. Ainda assim, apresentavam algumas dificuldades na escrita dos números. Em contrapartida, e através do interesse dos mais velhos, os mais novos também participavam nas brincadeiras e nas atividades deste domínio, de forma interessada, sendo que um menino deste grupo já era capaz de escrever os números até dez.

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita: mais uma vez, observou-se uma grande ambição, por parte das crianças maiores, na escrita e na cópia de palavras novas, letras e pequenas frases. O seu vocabulário, na sua grande maioria, era desenvolvido, apesar de alguns serem tímidos nas respostas que davam. Três das crianças tinham grandes dificuldades na fala. Os mais pequenos não apresentavam um vocabulário tão expandido.

Domínio da Educação Físico-Motora: o grupo, em geral, reagia de forma muito positiva às atividades dinamizadas e as crianças mostravam-se entusiasmadas e até inquietas para começarem as mesmas, à exceção de uma criança que não mostrava tanta motivação nestes momentos.

Domínio das Expressões

Artes Visuais: as crianças demonstraram, desde o início, um grande fascínio por estas áreas, principalmente, nas atividades de caráter mais sensorial e de pintura. Os mais pequenos não eram capazes de recortar e de usar a cola, logo, foi um fator a ter em conta nas atividades dinamizadas ao longo do estágio. Sendo este o tema foco do presente relatório iremos desenvolvê-lo um pouco mais ao longo deste Capítulo.

Dança: ainda que pouco explorada verificamos que as crianças tinham interesse na dança livre.

Música: muito presente no dia a dia do nosso grupo, principalmente no momento do acolhimento. Notamos que o grupo memorizava rapidamente as canções e tinha curiosidade em conhecer as músicas dos adultos.

Jogo Dramático/Teatro: como já foi referido anteriormente, o “faz de conta” estava sempre presente nas brincadeiras das crianças, ao longo de algumas atividades. Nesta sequência, observamos que as crianças mostravam mais interesse na exploração de certos conteúdos quando os introduzíamos através do “faz de conta”.

Feita uma descrição global das características do grupo que nos foi confiado, nas várias áreas e domínios do currículo, interessa-nos agora aprofundar um pouco mais aquela que entendemos realçar no presente Relatório. É o que nos propomos fazer no ponto que apresentamos de seguida.

2.1.5.1. O grupo de crianças e o desenho

Numa primeira fase, tendo em consideração as observações realizadas ao longo do nosso Estágio Pedagógico e o conjunto de desenhos livres de cada criança, continuamos a dividir as nossas crianças em dois grupos distintos, constituindo assim um grupo com as crianças de três e quatro anos de idade e outro com as de cinco e seis anos. Deste modo, verificamos que as crianças de cada grupo se encontravam no mesmo estágio de desenvolvimento gráfico estabelecido por Viktor Lowenfeld. Concluímos, portanto, que as crianças mais novas estavam na fase da Garatuja, à exceção da criança *F*, e os mais velhos encontravam-se nas fases de Figuração Pré-Esquemática e Esquemática.

Os mais pequenos mostravam, através dos seus desenhos, fortes características da fase da Garatuja desordenada, seguravam nos lápis com a palma da mão e só depois de concluírem os seus desenhos referiam o que tinham representado, ou seja, começavam os mesmos sem terem um significado. Podemos observar estas características no mosaico que se segue, no qual conseguimos captá-las em vários momentos do nosso estágio (ver Figura 5).



Figura 5: Registos gráficos das crianças mais novas.

a) b) c) d) Fase da Garatuja das crianças da nossa sala de atividades.

Mais tarde, conseguimos evidenciar uma grande evolução gráfica de algumas crianças em específico, uma vez que não foi possível observar esta progressão em todas as crianças deste grupo.

Na Figura que se segue (ver Figura 6), destacamos a evolução da criança *P* que, num primeiro momento, representava a sua família com traços bastante fortes e agressivos, ver Figura 6a, e sem quaisquer características referentes à figura humana. Posteriormente, foi possível registar a mesma temática no desenho da criança, na qual notamos, novamente, um traço forte, mas já com algumas características da figura humana, como a cabeça, as pernas, os braços, os cabelos e os olhos (ver Figura 6b). Nesta sequência, e no final do nosso estágio, conseguimos destacar outra representação da sua família, porém, já enquadrada na fase de Garatuja Identificada entrando na fase de Figuração Pré-Esquemática, na qual o seu traço já se apresentava fino e assertivo e onde conseguimos identificar, de imediato, os vários elementos que constituem o corpo

humano e os outros objetos representados, como um escorrega (ver Figura 6c). Neste contexto, interessante será notar que, tal como sublinham Bombonato e Farago (2016), na fase de Figuração Pré-Esquemática “As garatujas não perdem os seus sentidos, apenas torna as mesmas reconhecíveis e com significados” (p. 17).



Figura 6: Registos gráficos da criança *P*.

- a) Representação da família na fase da garatuja desordenada;
- b) Representação da família na fase da garatuja orientada/identificada;
- c) Representação da família na fase da garatuja identificada/Estádio Pré-esquemático.

Tal como nos é dado a perceber através da análise da Figura apresentada, nota-se uma evolução significativa no desenvolvimento gráfico da criança em causa, o que não podemos deixar de realçar, considerando o curto espaço de tempo em que a mesma se operou. Queremos acreditar que esta evolução poderá ter acontecido em consequência das atividades planificadas com o objetivo de desenvolver a motricidade fina, da prática regular do desenho e da implementação do recurso “O Engenhocas”, estratégias que estiveram na base da nossa ação educativa ao longo deste período de estágio

No que respeita ao grupo das crianças com cinco e seis anos, algumas encontravam-se na fase de Figuração Pré-Esquemática (ver Figura 7 *d* e *e*), enquanto outras já estavam na fase esquemática, (ver Figura 7 *a* e *c*). Aqui, as crianças procuravam representar vivências do seu dia a dia, desejos e preocupações, atribuindo um significado prévio ao que iriam desenhar.



Figura 7: Registos gráficos das crianças mais velhas.

a) b) c) d) e) Registos na fase de Figuração Pré-Esquemática e Esquemática.

Foi possível observar também uma grande evolução neste grupo, principalmente, no que concerne às crianças que se encontravam na fase de Figuração Pré-Esquemática. Na Figura que se segue, verificamos que as crianças começaram a desenhar sobre uma linha base que para elas representa o chão e que sustenta todos os elementos do seu desenho, característica da fase designada por Viktor Lowenfeld de Figuração Esquemática (ver Figura 8). Nestes registos, observamos a necessidade que este grupo apresentava em

escrever e copiar letras, pequenas palavras e números, tal como se pode verificar na Figura 8b.



Figura 8: Registos gráficos das crianças com 5 e 6 anos.

a) b) c) d) Registos das crianças na fase de Figuração Esquemática.

Neste grupo, deparamo-nos com um caso particular, que nos chamou a atenção e nos interessa apresentar e refletir. Trata-se da criança *E* que, ao longo do nosso estágio pedagógico, apresentou um tema recorrente nos seus desenhos: uma casa (ver Figura 9). Mais tarde, apercebemo-nos que esta regularidade poderia estar relacionada com o contexto social em que a criança em questão estava inserida, onde presenciava comportamentos de agressividade por parte de um familiar próximo. Diariamente, questionávamos acerca do significado dos seus desenhos e se a casa em questão era a sua, ao que a criança respondia positivamente na maioria das vezes, outra questão que colocávamos era acerca da porta da casa, se a mesma se encontrava aberta ou fechada. Era interessante notar que a criança tendia a responder à questão em causa consoante o

seu estado de espírito e as suas emoções no momento. Quando afirmava que a porta estava fechada, nos dias em que parecia estar mais triste e ansiosa, compreendíamos que a criança poderia ter vivenciado uma situação menos positiva em casa e transmitia-a através do seu desenho. Por outro lado, quando a porta se encontrava aberta, a própria criança apresentava-se, também, mais aberta para dialogar connosco, conviver com os colegas e participar nas atividades.

Outro aspeto que analisamos foi o tamanho da porta nos seus desenhos, que, geralmente, era pequena. A este propósito, Bédard (1998) afirma que não podemos “sobrestimar” a dimensão da porta que a criança desenha e refere que quando esta é pequena a criança “não aprecia muito que haja muitas perguntas ou vigilância a mais. A sua porta só se abre para quem ela quer” (p. 35).

Também neste contexto particular, queremos acreditar que a prática recorrente do desenho sobre o fim de semana e a implementação do recurso “Engenhocas”, através do qual as crianças procuravam expressar-se livremente, foram dois grandes aliados para compreendermos e analisarmos esta regularidade nos desenhos da criança *E*. Na entrevista (ver Anexo 1), a Educadora Cooperante confidenciou-nos que começou a preocupar-se com esta situação quando a mesma passou a ser muito recorrente nos desenhos do fim de semana desta criança, levando-a a questioná-la acerca das características da casa, da porta e das pessoas que representava. Acreditando ser uma chamada da atenção, salientou que nem sempre recebia uma resposta, pois a criança estava proibida de contar na escola o que vivenciava em casa. Adiantou-nos que foram os desenhos e a análise que fazia a partir deles que a ajudaram a compreender melhor esta situação.

A entrevista em causa foi realizada depois do final do nosso Estágio Pedagógico *I* e o assunto foi uma vez mais convocado. A este respeito, a Educadora adiantou que começou a observar representações diferentes nos desenhos da criança *E*, nos quais eram representados outros espaços como jardins onde costumava passear, a casa de outros familiares e mais membros da sua família, tal como nos é dado a perceber no mosaico que se segue onde partilhamos alguns dos desenhos em causa (ver Figura 9).



Figura 9: Registos gráfcicos da criança E.

a) b) c) d) e) Registos da criança com representação recorrente do elemento casa.

Feita uma abordagem aos contextos em que nos movemos, é chegada a altura de nos debruçarmos acerca da nossa ação educativa no contexto do Estágio Pedagógico I. É o que nos propomos fazer no ponto que se segue.

2.2. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar

Neste ponto daremos a conhecer, numa perspetiva geral, todas as atividades desenvolvidas ao longo da nossa prática pedagógica na Educação Pré-Escolar. Assim sendo, no quadro que se segue, Quadro 1, é possível ilustrar as respetivas atividades, as intervenções nas quais as mesmas foram dinamizadas e as respetivas áreas, domínios e

subdomínios desenvolvidos. O seguinte quadro faz-se acompanhar por uma caracterização e análise das principais atividades.

Quadro 1 - Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico I.

Calendarização		Áreas/Domínios/Subdomínios de Conteúdo								
Intervenção	Atividade	Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Área de Expressão e Comunicação						
				Educação Motora	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	Domínio da Expressão e Comunicação			
							Artes Visuais	Dramatização	Música	Dança
20 e 21 de outubro (pares)	A1									
	A2									
	A3									
	A4									
	A5									
25 a 27 de outubro (individual)	A6									
	A7									
	A8									
	A9									
	A10									
	A11									
	A12									
8 a 17 de novembro (individual)	A13									
	A14									
	A15									
	A16									
	A17									
	A18									
	A19									
	A20									
	A21									
	A22									
	A23									
	A24									
	A25									
	A26									
	A27									

atividade. Procuramos também destacar as atividades inseridas no Subdomínio das Artes Visuais, que vamos aprofundar mais tarde neste Relatório, sinalizando-as a azul na respectiva coluna.

Como podemos observar no Quadro 1, a Área de Formação Pessoal e Social, a Área do Conhecimento do Mundo e o Subdomínio das Artes Visuais tiveram um grande destaque ao longo de todo o estágio. Porém, verifica-se que o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e os Subdomínios da Dramatização e da Dança tiveram pouca evidência ao longo do nosso estágio pedagógico. Após um breve resumo de apresentação do Quadro 1, achamos relevante apresentar de que forma exploramos as diversas áreas, domínios e subdomínios de conteúdo, procurando assim selecionar as atividades que tiveram mais destaque no nosso estágio, tendo em conta a temática que estávamos a explorar. Para uma melhor compreensão vamos convocá-las consoante o nosso quadro síntese. Damos início, portanto, à nossa viagem pelas atividades dinamizadas.

A **primeira intervenção** sucedeu-se nos dias 20 e 21 de outubro e foi realizada juntamente com o par pedagógico. Sendo esta a nossa primeira intervenção, o nervosismo fez-se presente pois não sabíamos como o grupo iria reagir perante a nossa liderança nas rotinas e atividades. Este sentimento dissipou-se quando nos apercebemos do à vontade das crianças para connosco, pois mostraram-se, de imediato, muito recetivas e participavam ativamente nas atividades que desenvolvemos. Acreditamos que esta reação surgiu em consequência de outros estágios já realizados na nossa sala de atividades, que as crianças mais velhas tiveram a possibilidade de vivenciar.

Na semana anterior à nossa intervenção, selecionamos com a Educadora cooperante, a nossa primeira temática a explorar, que foi a *Higiene Corporal*, de forma a haver um fio condutor com a temática que a Educadora tinha explorado anteriormente, a *Higiene Oral*. Salientamos que a área do Conhecimento do Mundo esteve em grande evidência devido ao caráter da temática, mas procuramos sempre integrar as restantes áreas, domínios e subdomínios, em especial, o Domínio da Formação Pessoal e Social e o Subdomínio das Artes Visuais.

A primeira das atividades dinamizadas consistiu em demonstrar a importância de lavarmos as mãos frequentemente (A1). Em grande grupo, utilizamos dois recipientes com água e apresentamos às crianças o nosso recurso, várias luvas cheias de areia e sujas com terra e tinta. Depois de uma breve explicação da atividade, as crianças foram convidadas a usar sabão líquido para lavarem as mãos, revestidas com as luvas sujas, e esfregarem as mesmas com muito cuidado, principalmente as palmas, entre os dedos e dentro das unhas.

No final desta primeira intervenção, verificamos que os diálogos que fomentávamos com o grupo, bem como a nossa presença e participação nas brincadeiras livres, foram estratégias decisivas para que as crianças se sentissem mais confortáveis connosco. Todavia, e após uma reflexão acerca da nossa intervenção, apercebemo-nos que podíamos ter dado mais relevância aos recursos que preparamos para a sala, como foi o caso das luvas com areia, e também da importância de prepararmos atividades adequadas ao grupo de crianças mais velhas e outras apropriadas ao grupo de crianças mais novas.

A **segunda intervenção**, desenvolvida de forma individual, ocorreu entre os dias 25 a 27 de outubro e, no seguimento da temática *Higiene Corporal*, exploramos o tema do *Corpo Humano*. Apesar da grande associação deste conteúdo com a área do Conhecimento do Mundo, procuramos integrá-lo, também, nas restantes áreas de conteúdo como a área de Formação Pessoal e Social, o Domínio da Matemática, o Domínio da Educação Físico-Motora e ainda o Subdomínio das Artes Visuais, que tentamos inserir, frequentemente, nas nossas intervenções.

Desta intervenção, salientamos o jogo de associação com as várias partes do corpo humano (A6), na qual as crianças se depararam com o contorno de um corpo, feito em feltro. À vez, cada criança tinha de tirar de dentro de uma saquinha um elemento constituinte do corpo humano. Através desta atividade foi possível compreender o nível de conhecimento das crianças perante esta temática, sendo que nos apercebemos que o grupo dos mais velhos tinha uma compreensão bastante desenvolvida e que, em contrapartida, os mais novos não tinham tanta perceção acerca das várias partes do corpo humano, mas foram capazes de conhecê-las e identificá-las posteriormente.

Nesta sequência, destacamos a atividade A10, onde proporcionamos um momento de ioga. Inserida no Domínio da Educação Motora, acreditamos que esta atividade foi benéfica para o grupo, uma vez que permitiu às crianças tocar, mexer, articular e movimentar as diferentes partes do seu próprio corpo, que estivemos a explorar anteriormente, através da atividade A6. Para além disso, os exercícios eram executados consoante os animais que íamos pronunciando a partir de várias rimas, o que tornou este momento ainda mais divertido e lúdico.

Ao terminarmos esta intervenção compreendemos que devíamos ter tido, novamente, o cuidado de diferenciar as atividades consoante as faixas etárias presentes na sala. Nesta intervenção as crianças não apresentaram quaisquer constrangimentos com a nossa liderança e estavam ainda mais abertas para questionar e argumentar connosco acerca do que pretendiam.

A **terceira intervenção** decorreu na semana de 8 a 12 de novembro e de 15 a 17 deste mesmo mês, individualmente. Na continuidade da temática *Os cinco sentidos*, explorada pela nossa colega de estágio, introduzimos o tema *O outono*, na qual as crianças tiveram a oportunidade de degustar vários frutos característicos desta estação do ano. Nos últimos três dias de intervenção, que ocorreram na semana posterior, foi explorada a temática *Os transportes*. É notável que a área do Conhecimento do Mundo é primordial na exploração destes dois temas, contudo, conseguimos integrar ao longo desta semana todas as áreas, domínios e subdomínios de conteúdo, privilegiando, concretamente, o Subdomínio das Artes Visuais.

A atividade A18 destinou-se à realização de uma visita de estudo/passeio ao jardim que se encontrava nas proximidades da nossa escola. Depois de um diálogo acerca dos cuidados a ter na rua, cada criança recebeu uma saquinha de papel para que, no jardim, pudesse apanhar folhas de outono, na condição que estas tinham que ter diferentes cores, formatos e tamanhos. No jardim, tivemos a oportunidade de conhecer os seus cantos e encantos, lanchar, brincar e apanhar, portanto, as nossas folhas. A atividade A19, sucedeu-se no mesmo dia e depois da nossa visita de estudo. Aqui, apresentamos às crianças um gráfico com as suas respetivas fotografias. Individualmente, cada criança contou quantas folhas apanhou e registou esse número no gráfico, utilizando pequenas imagens de folhas para criar um pictograma. Por fim, tinham de organizar as suas folhas por cores. O Domínio da Matemática foi o foco desta atividade, que nos foi útil para observarmos que todas as crianças, as mais velhas e as mais novas, eram capazes de realizar pequenas contagens e fazer pequenas associações, neste caso por cores. A solidariedade e a interajuda entre o grupo também se fizeram muito presentes nesta atividade, bem como o saber esperar pelos colegas.

A atividade A24 sucedeu-se no Dia de São Martinho, inserida no Subdomínio da Dramatização, onde conseguimos descobrir verdadeiros atores dentro do nosso grupo de crianças. No primeiro momento da atividade, a Lenda de São Martinho foi dramatizada por nós e as crianças tiveram a possibilidade de assistir e memorizar as pequenas falas presentes na dramatização. Neste seguimento, duas crianças de cada vez foram convidadas a representar São Martinho e o mendigo, respetivamente. Foi a primeira atividade desta índole a ser explorada e com a qual descobrimos a preferência e o gosto das crianças por dinamizações deste tipo, pois todos quiseram participar, principalmente, para representar São Martinho, uma vez que conseguiram, rapidamente, memorizar as falas desta personagem.

Acreditamos que esta intervenção foi fundamental para a nossa aprendizagem e experiência dentro do próprio estágio. Apesar dos seus altos e baixos, achamos que

aprendemos mais com cada momento e com as próprias crianças. Através dela, fomos capazes de trabalhar todas as áreas, domínios e subdomínios de conteúdo, e conhecer as competências já desenvolvidas, ou não, nas nossas crianças. Foi por meio desta intervenção que conseguimos melhorar nas intervenções futuras.

A **quarta intervenção** realizou-se nos dias 6 e 7 de dezembro, juntamente com o nosso par pedagógico. Com a chegada da época natalícia, decidimos introduzir esta temática com um conjunto de atividades lúdicas e apelativas para celebrar o Natal. De forma a seguir a tradição, resolvemos dinamizar a atividade *Carta ao Pai Natal* (A30). Com vários folhetos de brinquedos, adquiridos numa visita de estudo ao supermercado, convidamos as crianças a explorar os mesmos e a escolher os brinquedos que queriam receber. Posteriormente, as crianças recortaram os brinquedos que desejavam e colaram-nos numa folha. É importante salientar que procuramos auxiliar as crianças mais novas no recorte e na colagem e, em compensação, os mais velhos realizaram de forma autónoma esta atividade, onde puderam, também, copiar várias palavras presentes no folheto.

A **quinta intervenção** ocorreu de 13 a 15 de dezembro, também com o par pedagógico, sendo que demos seguimento à temática do *Natal*. Salientamos a exploração da nossa *Oficina dos brinquedos* (A34), inserida na área do Conhecimento do Mundo, nos Domínios da Matemática, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, da Educação Físico-Motora e no Subdomínio das Artes Visuais. Convidamos as crianças a construir um jogo para um colega, que foi escolhido através de um sorteio. Demos a escolher duas possibilidades, ou criavam um porta lápis com rolo de papel higiénico e decoravam-no com um padrão ou decoravam um jogo do galo com tampas de garrafa e cartão. No final, cada criança escreveu, com o nosso auxílio, um cartão para incluir na oferta. Por fim, embrulhamos o jogo para, posteriormente, trocarmos as prendas. Esta atividade foi uma mais-valia para o nosso estágio, uma vez que descobrimos que é possível integrar várias áreas, domínios e subdomínios de conteúdo, numa só atividade. A reação por parte das crianças foi surpreendentemente positiva, especialmente, na hora de trocarem as ofertas.

Ainda nesta intervenção, destacamos o nosso *Circo de Natal* (A35), que causou um grande furor entre as nossas crianças, a Educadora Cooperante e os pais. Na impossibilidade de realizarmos uma festa de Natal na escola, por via dos constrangimentos impostos pela pandemia que atravessávamos, com o intuito de apresentá-la aos pais, procuramos levar a nossa festa de Natal às casas das crianças. Deste modo, começamos por designar uma personagem de circo a cada criança. Tivemos um apresentador, dois palhaços, dois mágicos, três malabaristas, uma bailarina e uma treinadora com os seus cavalos. Sem tempo para

ensaios, realizamos o circo todo no mesmo dia e gravamos para posteriormente partilharmos com os pais. Assim sendo, demos liberdade às crianças para fazerem os movimentos de acordo com a sua personagem, enquanto dávamos algumas sugestões. O final foi marcado por uma canção de Natal. É de salientar que neste mesmo dia realizamos um passeio de lagarta pelo centro histórico de Ponta Delgada e, quando voltamos à escola, as crianças colocaram-se, sem a nossa indicação, nas suas posições, para darmos continuidade à gravação do circo. Esta atitude mostrou o interesse evidente das crianças que participaram e receberam esta proposta de forma muito positiva.

No final destas intervenções a pares, e após uma reflexão acerca das duas, achamos que a última intervenção teve um maior impacto nas crianças devido ao carácter das atividades dinamizadas. Na primeira intervenção (a 6 e 7 de dezembro) estávamos mais inseguras e esse sentimento revelou-se ao longo dos primeiros dias. Contudo, acreditamos que todas as atividades despertaram um grande interesse no grupo, em consequência da sua temática, o Natal. O *Circo de Natal* (A35) recebeu grandes elogios tanto por parte dos pais como pela Educadora Cooperante. As próprias crianças partilharam connosco as reações dos pais e familiares, o que consideramos um aspeto bastante positivo da nossa intervenção.

A **sexta intervenção**, desta vez individual, realizou-se entre 10 e 14 de janeiro e teve como temática primordial o *Sistema Solar*. A escolha deste tema teve por base o interesse e a curiosidade que as crianças demonstravam quando mencionávamos a lua e alguns planetas. Este foi introduzido através do fantoche *Paxi*, que esteve presente em muitos dos momentos e atividades da nossa semana. A área do Conhecimento do Mundo fez-se presente devido à índole do tema, mas fomos capazes de integrar as restantes, dando um maior destaque, como seria de esperar, ao subdomínio das Artes Visuais.

Desta forma, realçamos a atividade *Treinamento de astronautas* (A41). Após a visita da astronauta Isaura (personagem criada pela estagiária) e de conhecerem várias características desta profissão, as crianças tiveram a oportunidade de treinarem como verdadeiros astronautas numa sessão de Educação Física Motora. No polivalente, foi criado um percurso no qual as crianças tinham de andar com andas de forma a poderem, mais tarde, calçar as pesadas botas de astronauta. De seguida, tinham de saltar por cima de várias pedras da “lua”, alterando os pés e depois com os pés juntos. Ainda nesta sessão, realizamos o jogo da barra do lenço, mas adaptado à presente temática, onde um elemento de cada grupo recebeu um colar com um determinado planeta, estrela ou satélite natural. Esta atividade foi bastante enriquecedora, uma vez que conseguimos, novamente, levar para o Domínio da Educação Motora os conteúdos que estávamos a explorar na sala, o que só beneficiou o conhecimento do grupo.

Ainda nesta intervenção, foi introduzido o recurso “Caixa do dia e da noite” (A45), com o qual exploramos os fenómenos do dia e da noite e desvendamos, através de pequenas dramatizações realizadas pelas crianças, as atividades que só conseguimos executar de dia e aquelas que realizamos à noite.

A presente intervenção foi bastante enriquecedora e positiva, uma vez que conseguimos criar uma planificação estruturada e fundamentada, na qual todas as atividades foram pensadas e dinamizadas com intuito de responder às necessidades e, simultaneamente, às curiosidades e motivações do presente grupo de crianças. A prova desta organização foi evidente na reação e participação de cada criança ao longo dos vários momentos que caracterizaram esta intervenção.

A **sétima e última intervenção** decorreu de 24 a 26 de janeiro e pudemos conhecer e explorar mais acerca do *Arquipélago dos Açores*, dando realce à ilha de São Miguel. Mais uma vez, a escolha desta temática deveu-se à notória curiosidade das crianças, principalmente, das mais velhas. Aqui, sublinhamos o jogo “Bingo dos Açores” (A55), que consistia no tradicional jogo do Bingo, mas com imagens referentes às nossas ilhas. O grupo, no geral, foi capaz de realizar o jogo, uma vez que as crianças só tinham de acompanhar as imagens que estavam a ser projetadas. Por último, referimos a atividade “Passinhos de Folclore” (A56) na qual usamos o tradicional traje de folclore juntamente com alguns passos desta típica dança.

Consideramos que esta última intervenção foi essencial para terminar o nosso Estágio Pedagógico I de forma positiva, pois tivemos a oportunidade de, pela última vez, colocar em prática todos as aprendizagens, estratégias e métodos que adquirimos ao longo de todo o estágio.

Feita uma abordagem geral ao percurso que realizámos no contexto do nosso Estágio Pedagógico em contexto da Educação Pré-Escolar, interessa-nos agora aprofundar um pouco mais as atividades em que convocámos as Artes Visuais, destacadas na nossa tabela síntese, cujos contornos apresentamos no ponto que se segue.

2.2.1. O Desenho na Educação Pré-Escolar

Iniciamos esta parte do nosso Relatório apresentando as atividades nas quais a técnica do desenho foi o foco das nossas intervenções. No Quadro e no mosaico que se seguem, procuramos enumerar e ilustrar estas atividades (ver Quadro 2 e Figura 10).

Quadro 2 - Atividades de desenho desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Atividades de desenho	
A2	“Micróbios divertidos.”
A7	“O meu corpo” – desenho com auxílio do espelho.
A11	“O contorno do meu corpo” – desenho com giz no chão.
A13	“Os frutos de outono vou desenhar” – desenho com giz sobre cartolina.
A48	“Já conheço o Sistema Solar.”
A57	“Pais, quero passear!”



Figura 10: Atividades de desenho desenvolvidas.

- a) “Micróbios divertidos”; b) “O meu corpo”; c) “O contorno do meu corpo”;
d) “Os frutos de outono vou desenhar”; e) “Já conheço o Sistema Solar”;
f) “Pais, quero passear!”.

A primeira atividade (A2) decorreu em consequência da exploração do conteúdo *Higiene Corporal*, na qual abordamos a importância de lavarmos as nossas mãos para retirarmos todos os micróbios e sujidade. De forma a obtermos uma noção dos conhecimentos prévios das crianças, pedimos para as mesmas representarem graficamente um micróbio. Ao longo da realização desta atividade observamos que a maioria das crianças escolheu representar a mão, através do contorno da sua, e desenharam os micróbios dentro das mesmas. Em diálogo com o grupo, as crianças explicaram que não podíamos ver os micróbios, mas imaginavam os mesmos assim, em formato de círculos e coloridos. Consideramos, portanto, que esta atividade foi importante também para desenvolver o imaginário das crianças.

A atividade *O meu Corpo* (A7) sucedeu-se com a ajuda de um espelho já presente na sala, no qual as crianças tiveram a oportunidade de, com o nosso auxílio, observarem e analisarem as suas características. De seguida, representaram através do desenho aquilo que observaram no espelho. Esta atividade foi de grande relevância para entendermos os estádios de desenvolvimento gráfico em que as crianças se encontravam e despertou a atenção do grupo, em especial das crianças mais velhas. Para além de estar inserida no Subdomínio das Artes Visuais esta foi importante para cada criança entender as suas singularidades e características, tal como se pretende ilustrar na Figura 10b.

Para a realização da atividade A11 dirigimo-nos para o recreio destinado aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, que se encontrava vazio. Através de um jogo do Domínio da Matemática, fomos capazes de formar os pares para a realização da presente atividade. Nesta sequência, e já no recreio, um dos elementos do par deitou-se no chão enquanto o outro, com um giz grosso, desenhou o seu contorno e vice-versa (ver Figura 10c). Como os pares foram formados através de um jogo, de forma aleatória, foi interessante observar que as crianças mais velhas fizeram par com as crianças mais novas e, conseqüentemente, ajudaram-nas ao longo da atividade. A utilização de giz grosso facilitou a participação dos mais pequenos, em especial daqueles que não apresentavam a sua motricidade fina totalmente desenvolvida.

Como já referimos no presente documento, foi possível dividir as crianças em dois grupos, um com as crianças com cinco e seis anos de idade e outro com os três e quatro anos. Deste modo, a atividade *Os frutos de outono vou desenhá-los* (A13) resumiu-se em apresentar às crianças os frutos que experimentaram na introdução da temática *O outono* e, com cartolina preta e giz, tinham de representá-los graficamente (ver Figura 10d). Inserida no Subdomínio das Artes Visuais, foi-nos possível observar através desta atividade a reação das crianças à utilização de materiais diferentes, como foi o caso do giz na cartolina. Apesar de todas as crianças do grupo dos mais velhos participarem na atividade, algumas apresentaram certa

insegurança na realização da mesma, pelo que procuramos motivá-las e incentiva-las na execução da atividade.

Depois de uma grande viagem pelo *Sistema Solar*, convidamos o grupo a escolher e representar graficamente um momento, uma atividade ou um acontecimento vivenciados ao longo da exploração do mesmo. Para introduzir esta temática contamos com o fantoche *Paxi*, que se fez presente ao longo de toda a semana, com novidades e curiosidades acerca do Sistema Solar. Desta forma, foi bastante interessante observar o *Paxi* representado em quase todos os desenhos, apesar da maioria das crianças ter escolhido momentos diferentes para desenhar (ver Figura 10e). Consideramos que esta atividade foi muito importante para observarmos a evolução gráfica de algumas crianças, em especial do grupo dos mais pequenos, que tiveram o cuidado de escolher as cores corretas para representarem os planetas que conheceram. No que concerne ao grupo das crianças mais velhas, algumas escolheram desenhar o fantoche *Paxi* noutra planeta ou mesmo na sua casa, criando um cenário diferente para a nossa mascote.

A última atividade intitulava-se *Pais, quero passear!* E, como o próprio nome indica, era um convite das crianças para os pais levarem as crianças a passear pela nossa ilha. Inserida na exploração do conteúdo *O Arquipélago dos Açores*, no qual destacamos mais a ilha de São Miguel, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer muitas das nossas paisagens, costumes e produtos, assim como ouvir algumas lendas, como foi o caso da lenda da Lagoa das Sete Cidades.

Nesta sequência, apercebemo-nos que muitas crianças não conheciam várias das paisagens da sua própria ilha, o que nos levou a organizar esta atividade. Cada criança escolhia a sua paisagem preferida ou que gostaria de conhecer e através das imagens anexadas à nossa maquete da ilha de São Miguel, representavam-nas graficamente no convite. Posteriormente, as crianças mais velhas copiaram o nome desta paisagem para o convite, enquanto escrevíamos pelas mais novas, e colavam em cada convite uma saqueta de chá açoriano. Sendo esta a nossa última atividade de carácter gráfico, apercebemo-nos novamente da evolução gráfica das crianças mais novas, que apresentavam um traço mais fino e foram capazes de representar as paisagens com as cores e formas corretas (ver Figura 10 f), e ainda a lagoa das Sete Cidade com a princesa e o príncipe no meio da lenda associada a esta paisagem.

2.2.2. A Pintura na Educação Pré-Escolar

Seguindo a mesma lógica do ponto anterior, apresentamos agora as atividades nas quais a técnica da pintura foi privilegiada nas nossas intervenções. No quadro 3 e no mosaico que se segue, procuramos enumerar e ilustrar o desenvolvimento destas atividades (ver Quadro 3 e Figura 11).

Quadro 3 - Atividades de pintura desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Atividades de pintura	
A4	“Tinta soprada” – técnica com palhinhas.
A12	“Estampando os órgãos” – estampagem com esponjas e mãos.
A31	“A bota do Pai Natal” – estampagem com esponjas.
A35	“Bola de Natal” – pintura com <i>spray</i> .
A39	“Casinha Mágica” – pintura na esferovite.
A44	“O nosso planetário” – pintura na esferovite.
A46	“Vou sentir o calor do Sol e tocar na Lua” – técnica com espuma de barbear e corantes, técnica com papel de alumínio.
A50	“A pintar as nossas ilhas” – técnicas com berlindes.



Figura 11: Atividades de pintura desenvolvidas.

- a)** “Tinta soprada”; **b)** “Estampando os órgãos”; **c)** “A bota do Pai Natal”;
d) “Bola de Natal”; **e)** “Casinha Mágica”; **f)** “O nosso planetário”;
g) h) “Vou sentir o calor do Sol e tocar na Lua”; **i)** “A pintar as nossas ilhas”.

A primeira atividade, possibilitou-nos conhecer o gosto que as crianças apresentavam nas atividades plásticas com tintas. Deste modo, cada criança recebeu uma folha com uma face, ao redor da qual tinham de colocar porções de tinta de várias cores e soprá-las com uma palhinha para criar os “cabelos” (ver Figura 11a). Observamos que as crianças mais novas apresentaram algumas dificuldades ao longo da atividade, pois não tinham força suficiente para soprar pela palhinha, contudo, ao colocarmos um pouco de água na tinta e com o auxílio das crianças mais velhas conseguiram realizar a atividade.

Ao longo das nossas observações ficou explícito que o grupo, em geral, mostrava uma grande motivação no jogo da memória provavelmente devido aos vários jogos deste tipo que encontrávamos no cantinho dos jogos. Assim sendo, e depois da exploração dos principais órgãos do nosso corpo, as crianças foram convidadas a construírem o seu próprio jogo da memória. É importante referir que esta atividade foi dinamizada num primeiro momento com as crianças mais velhas e, posteriormente, com as crianças mais novas. Deste modo, cada criança, do grupo dos mais velhos, recebeu um stencil com um órgão que abordamos e duas cartas (A30). Com esponjas, as crianças tinham de estampar o órgão do stencil para as cartas

e, abaixo das mesmas, escrever o nome do seu órgão, através da cópia (ver Figura 11b). As crianças mais novas tiveram o poder de escolher qual a cor com que queriam pintar as suas mãos para estamparem nas suas cartas. Abaixo das mesmas, registávamos o nome da criança, de forma a familiarizar cada uma com a escrita do seu nome. Apesar de inserida no Subdomínio das Artes Visuais, esta atividade destacou-se na área do Conhecimento do Mundo e no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

A atividade da decoração da bota do Pai Natal (A31), surgiu com a chegada da época natalícia e, como iríamos receber o Pai Natal na nossa sala, necessitávamos de saquinhos para o mesmo poder guardar as prendas. Assim sendo, cada criança recebeu duas botas em papel de cenário e que coloriram com recurso à técnica de estampagem com esponjas (ver Figura 11c). Dando continuidade, cada criança colou as extremidades das suas botas de forma a criar uma “saquinha” com o formato de bota e na parte superior colaram algodão. Todo o grupo participou com bastante interesse nesta atividade, provavelmente devido à natureza e temática da mesma, sendo que não observamos grandes dificuldades ao longo da sua realização.

Na sequência da temática do Natal, a atividade A35 consistiu na pintura de uma bola de Natal, com o uso de tinta *spray*. Esta atividade desencadeou um grande interesse nas nossas crianças, uma vez que nunca tinham utilizado tinta *spray* anteriormente. Deste modo e como forma de segurança, abrimos todas as janelas da sala e realizamos a atividade numa mesa ao lado de uma delas, por forma a evitar a inalação dos gases libertados no processo. É importante referir que as crianças tiveram o nosso auxílio para apertar a lata de tinta, pois a mesma requeria alguma força. Depois de secas, colamos a fotografia de cada criança juntamente com o seu nome e foi uma das ofertas que as crianças levaram para presentear os seus pais.

Denominamos a atividade A39 como *Casinha Mágica*, pois através de uma simples caixa de esferovite foi-nos possível explorar várias áreas e domínios de conteúdo, bem como desenvolver o espírito de equipa, a criatividade e a imaginação no grupo de crianças. Assim sendo, o primeiro passo para a criação deste recurso foi a pintura da caixa, que se realizou em grande grupo. As crianças puderam escolher as cores e a decoração da mesma e, deste modo, decidiram pintar uma casa, neste caso azul. Incluíram portas, janelas e até flores na mesma, (ver Figura 11e). Mais tarde, e já seca, foi colocada dentro da caixa uma lanterna e uma coluna de som. Para fechar a mesma, utilizamos uma placa acrílica transparente, de forma que a luz saísse pela caixa. Como usamos uma lanterna forte a luz chegava ao teto funcionando assim como um projetor. Com o recurso construído demos asas à imaginação, pois através da “Casinha Mágica” as crianças puderam desenhar e escrever palavras, através da cópia, na Areia da Lua, atividade A42 do Quadro 1, e observá-las no teto da sala; ouviram histórias e

assistiram a uma apresentação com fantoches associados à mesma no teto; realizaram jogos de Educação Físico Motora, graças à coluna de som, e exploraram as formas geométricas. Esta atividade, que mais tarde se transformou num recurso para nossa sala de atividades, foi uma mais-valia, pois através da mesma pudemos observar o grupo a trabalhar em conjunto com tintas. Desta forma, consideramos que desde a decoração da caixa à exploração das várias áreas de conteúdo, o interesse e a motivação por parte das crianças fizeram-se muito presentes, bem como a participação ativa e voluntária de todo o grupo, em especial do grupo das crianças mais novas.

Por forma a elucidarmos o leitor relativamente à versatilidade deste recurso, partilhamos de seguida um mosaico no qual procuramos ilustrar as potencialidades exploradas pelo grupo (ver Figura 12).



Figura 12: Casinha Mágica.

- a) “Pintura da caixa”; b) c) “Dramatização com fantoches na Casinha Mágica”;
- d) “Atividade do Domínio da Matemática presente na Casinha Mágica”;
- e) “Atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizada na Casinha Mágica”; f) “Desenho livre na Casinha Mágica”.

Tal como nos é dado a perceber na Figura 12, muitas foram as atividades exploradas a partir do recurso “Casinha Mágica”, no qual conseguimos integrar o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (ver Figuras 12b, c, e), o Domínio da Matemática (ver Figura 12d), o Domínio da Educação Físico Motora, do qual não temos registos, e o Subdomínio das Artes Visuais (ver Figuras 12 a e f). A planificação e construção deste recurso foram bastante vantajosas para compreendermos as potencialidades de termos, na nossa sala de atividades, um recurso versátil e capaz de promover a integração de várias áreas de conteúdo.

A atividade A44 foi introduzida através do visionamento de um vídeo, através do qual as crianças foram capazes de conhecer a definição e as características de um planetário. Assim sendo, e a partir de um guarda-chuva, passamos para a decoração dos planetas e estrelas que constaram no nosso planetário, recorrendo a bolas de esferovite, de diferentes formatos. As crianças mais velhas pintaram consoante a imagem do respetivo planeta (ver Figura 11f). Já as estrelas foram decoradas pelos mais novos com o dedo, de forma a desenvolver a sua motricidade fina. Todos juntos, colamos os planetas, as estrelas e as letras que constituem a palavra “planetário” e acrescentamos as luzes. Mais tarde, o nosso relaxamento foi realizado debaixo do guarda-chuva, ou seja, dentro do planetário, onde as crianças foram capazes de identificar alguns planetas, o sol e a lua, fazer contagens e relaxar a olhar para as estrelas. Sendo uma adepta dos momentos de relaxamento, a Educadora Cooperante manifestou, na sua entrevista (ver Anexo 1), o interesse pela criação deste espaço, mencionando que ia muito além de um planetário, pois através dele as crianças podiam estar sozinhas ou aos pares, para dialogar, relaxar e refletir.

Na atividade A46 introduzimos duas técnicas de Expressão Plástica desconhecidas das nossas crianças. Primeiramente, e para criar/decorar o fundo da cartolina de cada uma, realizamos a técnica de pintura com espuma de barbear com corante alimentar. As crianças puderam colocar a sua espuma de barbear no papel de jornal, espalhar o corante azul e com um pau de espetada criar vários efeitos na sua mistura (ver Figura 11g). Depois de explorarem a espuma, cada criança recebeu a sua cartolina A4 e estampou-a no preparado. Apesar da sujidade que desencadeou, salientamos a reação positiva das crianças perante este primeiro momento da atividade.

Mais tarde, cada uma teve a oportunidade de decorar o seu sol ou lua, consoante a sua escolha. Para este momento, receberam um círculo em cartolina e, com papel de alumínio amassado, estamparam com as respetivas cores, (ver Figura 11h). No final, colamos uma fotografia da criança num fato de astronauta e puderam levar para casa para presentear os pais.

A última atividade a apresentar decorreu ao longo da exploração da temática *Arquipélago dos Açores*, na qual as crianças puderam conhecer melhor algumas das características das ilhas que constituem esta Região de Portugal, que é aquela em que vivemos. Deste modo, e de forma a construirmos o Arquipélago dos Açores, para expor na nossa sala, convidamos o grupo a pintar as diferentes ilhas com a técnica dos berlindes. Utilizamos tampas de caixas de sapatos, onde colocamos as ilhas já recortadas em papel de cenário e, recorrendo a vários berlindes mergulhados em tinta, as crianças puderam balançar a tampa para criar o efeito desejado. A reação por parte das crianças foi muito positiva, especialmente a dos mais novos, que exploraram pela primeira vez esta técnica. Mais uma vez, e como procurávamos fazer sempre, conseguimos integrar o Subdomínio das Artes Visuais a um conteúdo, visivelmente, inserido na área do Conhecimento do Mundo. Posteriormente, afixamos as ilhas do Arquipélago dos Açores no quadro de cortiça e a partir deste pudemos explorar vários outros Domínios.

2.2.3. O Recorte e Colagem na Educação Pré-Escolar

Neste ponto, iremos apresentar as atividades nas quais a técnica do recorte e colagem foi a nossa prioridade. No Quadro e no mosaico que se seguem, começamos por ilustrar estas atividades (ver Quadro 4 e Figura 13).

Quadro 4 - Atividades de recorte e colagem desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Atividades de recorte e colagem	
A9	“Mão articulada.”
A14	“A colar os frutos de outono.”
A17	“Uma árvore de outono vamos construir.”
A21	“Senhora Castanha chegou e a São Martinho cheirou.”
A30	“Carta ao Pai Natal”



Figura 13: Atividades de recorte e colagem realizadas.

- a) “A colar os frutos de outono”; b) “Uma árvore de outono vamos construir”;
c) “Senhora Castanha chegou e a São Martinho cheirou.”

A atividade “Mão articulada” (A9) foi planificada de forma a complementar o conteúdo do *Corpo Humano*, especialmente quando abordamos os principais ossos do nosso corpo. Portanto, cada criança fez o contorno da sua mão numa folha e, de seguida, com a nossa ajuda, puderam recortar a representação da mão, bem como vários pedaços de palhinhas que colaram nos respetivos dedos. Mais tarde, passaram linhas pelos pedaços das palhinhas e juntaram-nas todas num nó. No final, cada um era capaz de puxar o nó e observar os dedos da mão a fazer o movimento de abrir e fechar, assim como fazem os nossos ossos. Acreditamos que a exploração desta atividade foi fundamental para as crianças observarem, de forma concreta, o que introduzimos acerca dos ossos do corpo humano.

No seguimento da atividade A13, apresentada anteriormente, a atividade A14 foi dinamizada pelos mais pequenos com o intuito de desenvolvermos a motricidade fina neste grupo de crianças, uma vez que, a partir de observações anteriores, havíamos notado algumas dificuldades no movimento de rasgar com as mãos. Deste modo, cada criança recebeu uma folha com a representação de um fruto de outono e papel crepe. Depois de escolher a cor que queria, cada criança rasgou “pedacinhos” de papel e, com o nosso auxílio para a utilização da

cola, colaram os mesmos no fruto (ver Figura 13a). Observamos crianças muito motivadas e participativas, com a exceção de uma criança que apresentou mais dificuldades no movimento das mãos para rasgar o papel crepe. Em contrapartida, as restantes foram capazes de realizar as tarefas autonomamente, salvo no uso da cola.

A atividade seguinte realizou-se em grande grupo, pois não diferenciamos a atividade de acordo com as faixas etárias presentes na nossa sala. Num papel de cenário estendido no chão colocámos o desenho de uma árvore que tinha de ser preenchido com pedaços de papel crepe castanho. Assim sendo, o primeiro passo foi entregar a cada criança o papel para começarem a rasgar, é de salientar que, mais uma vez, procuramos desenvolver a motricidade fina das crianças mais novas, que podiam contar com a ajuda das crianças mais velhas para executarem o movimento do rasgar. De seguida, passamos para a utilização dos tubos de cola para colar os pedaços de papel no desenho da árvore (ver Figura 13b). As crianças mais novas tiveram a oportunidade de usar pela primeira vez este material, a cola, contando com o auxílio dos maiores. Consideramos que, apesar de simples, esta atividade teve várias potencialidades para as nossas crianças, principalmente, por despertar o trabalho em equipa e a interajuda no grupo, também por permitir, às crianças mais novas, a utilização dos tubos de cola, sendo que este era um material muito requisitado pelas mesmas.

No seguimento da temática do *outono* festejamos o Dia de São Martinho. Apresentamos alguns dos costumes associados a este dia, como o de assar e saborear castanhas. Para introduzirmos a atividade A21, mostramos às crianças um modelo da nossa Senhora Castanha e explicamos como iria decorrer a atividade. De seguida, nas mesas, o grupo teve a oportunidade de ter a sua própria castanha, em cartolina, e decorá-la com marcadores, lã e fitas. Os mais novos receberam também pequenos cartões com vários tracejados para recortarem e criarem os cabelos da sua Senhora Castanha. As crianças mais novas revelaram muito interesse na realização desta atividade pois, pela primeira vez, utilizaram a tesoura autonomamente para criarem os cabelos da sua Castanha. Observamos também que este grupo conseguiu desenhar de forma correta a ordem dos elementos que constituem a face de um humano, uma vez que representaram o nariz entre os olhos e a boca, esta ligeiramente mais para baixo e as orelhas nos lados (ver Figura 13c). Em contrapartida, e através do diálogo com a Educadora Cooperante, apercebemo-nos que as crianças mais velhas se limitaram a copiar o modelo apresentado. Neste sentido, procuramos, nas intervenções futuras, investir numa explicação mais detalhada e cuidada da atividade e não na apresentação de modelos já construídos.

A atividade A30 surge na introdução da temática do Natal, na qual planificamos a atividade da “Carta ao Pai Natal”, que representou o início do festejo desta época tão especial para as crianças. Ao contrário das cartas que o Pai Natal costuma receber, estas foram elaboradas a partir de recortes feitos dos folhetos promocionais do supermercado, nos quais encontramos os diferentes brinquedos, jogos e livros, bem como o respetivo preço. Cada criança recebeu um folheto para poder explorar e selecionar o que desejavam receber no Dia de Natal. Posteriormente, tinham de recortar as escolhas feitas, com o cuidado de incluir o preço, e colá-las na sua folha para os pais poderem ter conhecimento. É de salientar que demos um maior auxílio às crianças mais novas, tanto no momento do recorte como no da colagem. As cartas foram enviadas para casa para poderem chegar aos pais.

2.2.4. A Modelagem na Educação Pré-Escolar

Neste ponto, à semelhança do que temos vindo a fazer nas secções anteriores, iremos apresentar as atividades nas quais a técnica da modelagem foi o foco das nossas intervenções. No quadro e no mosaico que se seguem, procuramos mostrar e ilustrar as atividades em causa (ver Quadro 5 e Figura 14).

Quadro 5 - Síntese das atividades de modelagem desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Atividades de modelagem	
A5	“Slime com pasta de dentes.”
A33	“Íman de Natal.”
A42	“Areia da Lua.”
A54	“A nossa ilha na sala.”



Figura 14: Atividades de modelagem desenvolvidas.

a) “Íman de Natal”; b) “Areia da Lua”; c) “A nossa ilha na sala”.

A atividade A5 foi introduzida depois de um jogo de associação com os produtos que usamos para a nossa higiene, questionamos as crianças acerca da possibilidade de utilizarmos estes mesmos produtos para outros fins, como a modelagem com *slime*. Nesta linha de pensamento confeccionamos duas receitas de *slime* diferentes, uma com pasta de dentes e outra com amaciador de cabelo. Esta atividade de caráter sensorial despertou um grande interesse no grupo que participou ativamente na mesma. Foram as próprias crianças que colocaram os ingredientes no recipiente, mexeram e, depois de todos terem um pedaço, puderam manuseá-lo e experimentá-lo livremente. Salientamos que não conseguimos fazer nenhum registo desta atividade, pois a mesma foi realizada numa intervenção a pares. Contudo, acreditamos, assim como a Educadora Cooperante referiu na sua entrevista (ver Anexo 1), que “todas as atividades que trazem o tema para as mãos, para sentir, para cheirar, são importantes”.

A época natalícia foi marcada, também, pela realização da atividade “Íman de Natal” (A33) que, como o próprio nome indica, consistiu na construção de ímanes para o frigorífico

das suas casas, sendo esta uma das ofertas das crianças para os seus pais. Estes foram feitos a partir de massa de sal, sendo que utilizamos ingredientes já conhecidos pelas crianças, que reconheceram de imediato da sua cozinha, como a farinha, sal, óleo e água. Depois da apresentação destes ingredientes, contamos com a ajuda do grupo para colocar, misturar, explorar e moldar a massa, utilizando formas de bolachas. Mais tarde, e já secos, as crianças passaram para a pintura dos seus ímanes. Consideramos que todas as atividades de modelagem, nas quais as crianças têm a oportunidade de conhecer os ingredientes e confeccionar a massa, recebem sempre uma reação entusiasmada de todo o grupo. Logo, sabíamos que as mesmas iam resultar e que iríamos obter respostas muito positivas.

Na atividade “Areia da Lua” (A42) as crianças tiveram a oportunidade de sentir, explorar e brincar com uma ideia que temos acerca da Lua. A confeção desta areia foi feita pelas próprias crianças, que puderam juntar os ingredientes, partilhar e mais tarde brincar com a mesma (ver Figura 14b). Apesar da sujidade, acreditamos que as crianças foram capazes de conhecer mais algumas características deste satélite natural à medida que preparávamos a nossa areia. Na sua entrevista (ver Anexo 1), a Educadora Cooperante referiu que mais uma vez fomos capazes de levar uma experiência sensorial para as nossas crianças, confeccionando algo que eles não podem realmente tocar e que foi explorado ao longo de toda a semana de intervenção.

Inserida no conteúdo “Arquipélago dos Açores”, em que demos um maior foco à ilha de São Miguel, encontramos a atividade A54. Esta tratou da construção de uma maquete da presente ilha para a nossa sala de atividades. Depois da exploração das principais paisagens, costumes e tradições desta ilha, acreditamos que necessitávamos da sua maquete para as crianças poderem observar, no concreto, algo que só conheciam a partir de imagens e do que já contemplaram de avião, no caso de algumas das crianças. Assim sendo, o primeiro passo para a construção da nossa maquete foi a confeção da plasticina caseira, com ingredientes simples, que quando misturados criam uma massa elástica, versátil e moldável. Depois de pronta, as crianças aproveitaram para brincar e explorar a mesma livremente.

Mais tarde, e com um cartão já com o contorno da ilha de São Miguel, as crianças foram capazes de preencher o desenho com a plasticina, tendo o cuidado de representar alguns relevos na ilha, (ver Figura 14c). No final, as crianças pediram para espetar os paus de espetada com as várias fotografias das paisagens já conhecidas na nossa maquete, o que consideramos de imediato uma reação bastante positiva e motivadora por parte do grupo.

Esta reação foi, também, testemunhada pela Educadora Cooperante, que na sua entrevista (ver Anexo 1) referiu a relevância desta atividade, onde realçou, novamente, a

importância de levarmos para as mãos das crianças aquilo que elas conhecem visualmente, desta vez a partir da concepção da forma da ilha de São Miguel, do sentir e criar um relevo através da plasticina, salientando de forma positiva o desejo das crianças de colocarem as fotografias das paisagens nas suas respetivas zonas.

2.2.5. A Construção na Educação Pré-Escolar

Por fim, iremos apresentar as atividades nas quais a técnica da construção foi uma das nossas apostas ao longo das intervenções realizadas. No quadro e no mosaico que se seguem, procuramos enumerar e ilustrar estas atividades (Ver Quadro 6 e Figura 15).

Quadro 6 - Atividades de construção desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Atividades de construção	
A27	“O meu avião vou construir.”
A34	“Oficina dos brinquedos.”



Figura 15: Atividades de construção realizadas.

a) “O meu avião vou construir”; b) “Oficina dos brinquedos.”

Na exploração da temática, *Os transportes*, dinamizamos uma atividade do Subdomínio das Artes Visuais. Esta atividade destinou-se à construção de um avião, utilizando materiais recicláveis como rolo de papel higiénico e cartão. Nas mesas, cada criança tinha uma folha de jornal com o seu respetivo nome, de forma a não perder as partes do seu avião. Depois de uma explicação inicial, as crianças mais velhas tiveram a possibilidade de trabalhar autonomamente no seu lugar, enquanto realizávamos a atividade com os mais novos. Desta vez, não diferenciamos a atividade consoante a faixa etária das crianças, mas sim a escolha dos materiais a utilizar, pois enquanto os mais velhos pintavam com um pincel os elementos que constituíam o seu avião, os mais novos usavam esponjas para estampar as partes do seu transporte (ver Figura 15 a e b).

A atividade A34, já abordada neste Relatório, consistiu na construção de uma oferta de uma criança para outra, selecionada através de um sorteio. Cada criança escolheu se gostaria de oferecer um porta lápis ou um jogo do galo ao seu colega. Assim sendo, a primeira oferta, o porta lápis, era construída a partir de um rolo de papel higiénico e cartão. Para decorarem a mesma, a criança recebia um padrão e tinha de lhe dar continuidade no porta lápis, utilizando o seu dedo e tinta (ver Figura 15c). Posteriormente, colava o rolo ao cartão, que servia como base.

Para o jogo do galo, cada criança recebia um cartão, tampas de garrafa e símbolos específicos do Natal. Começavam por pintar o cartão e desenhar as linhas, de seguida, coloriam os símbolos e colavam-nos às tampas, que serviam como as peças do jogo. Esta atividade foi bastante benéfica para compreendermos que é possível integrar várias áreas, domínios e subdomínios de conteúdo numa só atividade, e que este cuidado enriquece e motiva a aprendizagem das crianças. Neste particular, não podemos deixar de referir o entusiasmo e contentamento das crianças ao receberem as ofertas escolhidas e elaboradas pelos colegas.

Em suma, e após esta análise e reflexão acerca das nossas intervenções em contexto da Educação Pré-Escolar, acreditamos que a nossa ação educativa foi bastante pertinente, principalmente, no que concerne às atividades integradas na área de Expressão Plástica, uma vez que, tal como defendemos no presente Relatório, conseguimos integrar esta nos conteúdos abordados a partir das nossas planificações e fomos capazes, através das nossas dinâmicas, conhecer e analisar as potencialidades das diferentes técnicas desta grande área.

Para além deste reconhecimento, julgamos que a implementação dos nossos recursos foi uma mais valia para a credibilidade do nosso trabalho e para a nossa reflexão, pois a partir destes fomos capazes de conhecer e compreender a realidade de algumas das crianças que nos

foram confiadas e com esta percepção foi nos possível intervir de uma forma mais significativa e coerente. A entrevista à Educadora Cooperante (ver Anexo 1), possibilitou-nos e facilitou-nos a realização de uma reflexão mais aprofundada e correta acerca das nossas intervenções e, assim como procuramos fazer neste documento, também na prática pedagógica tivemos o cuidado de dialogar com as opiniões e as sugestões da Educadora, com o intuito de melhorar e adaptar o nosso trabalho.



Capítulo 3

Estágio Pedagógico no 1.º Ciclo do
Ensino Básico



Feita a apresentação, análise e reflexão, dos contornos pedagógicos do nosso Estágio em contexto da Educação Pré-escolar, interessa-nos agora seguir o mesmo procedimento o nosso Estágio Pedagógico II, desenvolvido em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. À semelhança do verificado no Capítulo anterior, e apesar de haver neste caso alguma redundância relativamente aos nossos contextos de atuação, também faremos uma breve caracterização do meio, da escola, da sala de aulas e das características da turma que nos acolheu. Também convocaremos os contributos da nossa Orientadora de Escola, analisados a partir do conteúdo da entrevista que realizámos com este propósito (ver Anexo 2).

3. Práticas Educativas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Características dos contextos de intervenção

3.1.1. O Meio Envolve

O Estágio Pedagógico II decorreu na mesma escola onde realizámos o Estágio Pedagógico I. Contudo, e apesar de já termos caracterizado o seu meio envolvente neste Relatório, iremos dar a conhecer alguns benefícios e constrangimentos que este causou ao nosso estágio. Salientamos, novamente, a variedade de lugares e serviços disponíveis nas proximidades para a realização de visitas de estudo e passeios, que consideramos uma mais-valia para a nossa ação educativa, uma vez que nos apercebemos da importância de levar os alunos para um espaço fora da escola, que pudesse funcionar como um recurso potenciador da aprendizagem dos alunos.

Mais tarde, verificamos que nem todos estes espaços eram adequados para a perceção de determinados conteúdos, como ocorreu na exploração da temática da *agricultura*. Ainda assim, e como nos encontrávamos no concelho de Ponta Delgada, conseguimos, facilmente, um autocarro para nos dirigirmos para outra freguesia do concelho, de modo a conhecermos um amplo terreno de estufas. A partir desta visita de estudo apercebemo-nos da facilidade que era viajar de autocarro para outras freguesias próximas, caso não conseguíssemos um local associado à temática que estávamos a trabalhar na sala.

3.1.2. A Escola

No que concerne à escola, e como já referimos, esta foi a mesma onde realizamos o primeiro Estágio Pedagógico, mas enquanto que na caracterização do Capítulo anterior procuramos dar ênfase aos espaços destinados à Educação Pré-Escolar, aqui daremos enfoque aos ambientes frequentados pelos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, a escola contava com dois blocos com salas de aula, cada um com uma casa de banho destinada aos alunos. Num dos blocos tínhamos o polivalente, uma arrecadação com materiais desportivos, a sala dos professores e a sala de informática. Também neste bloco encontrávamos as salas das crianças com NEE.

A nossa sala de aula pertencia a este primeiro bloco e ficava no primeiro piso, juntamente com outras duas salas de aula. Neste piso tínhamos também uma arrecadação com materiais didáticos e ainda a copa do pessoal não docente.

O recreio destinado aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico foi bastante utilizado para a dinamização de jogos e atividades no exterior, como foi o caso do jogo “Descobre a área e responde”, no qual, em equipas, os alunos tinham de procurar pelo recreio vários cartazes com uma figura à qual tinham de associar a sua respetiva área e responder a uma questão de Estudo do Meio presente num cartaz. Já o polivalente foi utilizado para os ensaios da nossa dança, apresentada aos pais na festa de encerramento do ano letivo.

3.1.3. A sala de aula

À semelhança da nossa sala de atividades, a sala de aula encontrava-se, também, em boas condições. Era bem iluminada, devido aos janelões que ocupavam uma das suas paredes, e muito espaçosa, o que se revelou uma mais-valia para a realização de jogos de carácter mais lúdico. Na Figura que se segue, por forma a elucidar o leitor relativamente à forma como estava organizado o espaço da sala, apresentamos a sua respetiva planta (ver Figura 16).

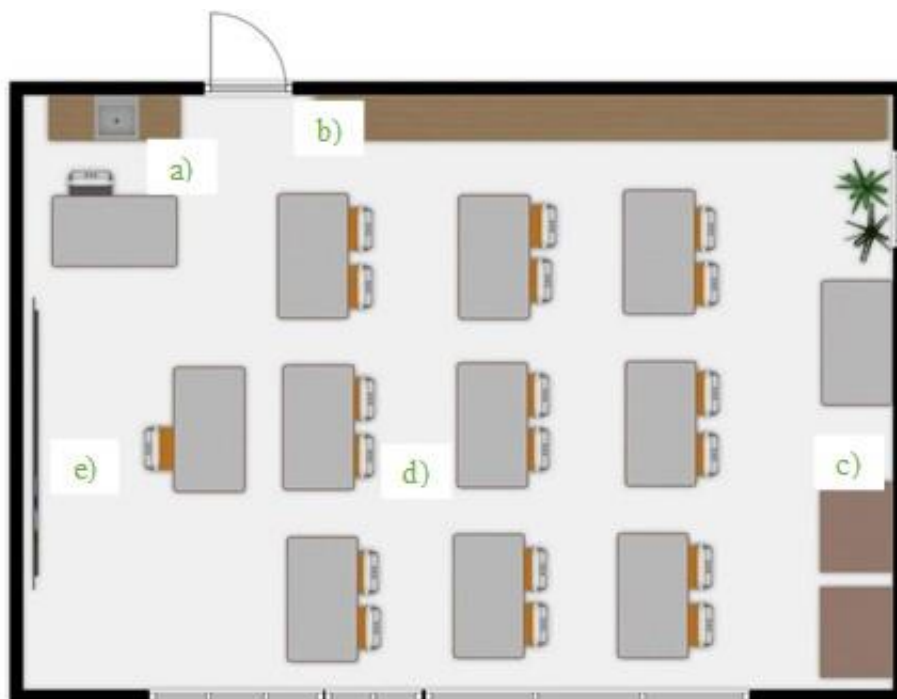


Figura 16: Planta da sala de aula.

- a) Zona do lavatório e secretária da professora; b) Bancada da sala;
c) Caixas de arrumação; d) Mesas dos alunos; e) Zona do quadro.

A Figura apresentada permite-nos conhecer a planta da nossa sala de aulas, na qual registamos a disposição das mesas e cadeiras da turma, a existência de um lavatório próximo à mesa da professora e uma ampla bancada de trabalho, onde os alunos conseguiram ter acesso a vários materiais.

Considerando a planta apresentada, e a partir da porta da nossa sala, verificamos que à direita encontrávamos o lavatório, que incluía dois armários, no de cima a Professora Cooperante tinha a caixa de primeiros socorros e alguns recursos destinados a cuidados pessoais, no de baixo contávamos com alguns materiais de Expressão Plástica, como tintas, pinceis, cola branca, recipientes, panos de limpeza, entre outros. Os alunos tinham total acesso a estes materiais e eram os mesmos que organizavam, limpavam e arrumavam os mesmos, de volta no armário. À frente do lavatório tínhamos a secretária da Professora, com um computador portátil e algum material de informática. Na ampla bancada, à esquerda da porta, dispúnhamos de vários armários de arrumação, onde podíamos encontrar, desde material escolar (cadernos, folhas, lápis e borrachas para reposição), a livros e materiais didáticos, construídos ou não pela Professora Cooperante. Havia ainda vários materiais de desgaste, de apoio às atividades de expressão, como cartolinas, vários tipos de papel e materiais recicláveis. Em cima desta mesma bancada mantínhamos os dossiês dos alunos, nos quais eles podiam guardar as suas fichas de trabalho e de avaliação. Havia ainda alguns materiais de Artes Visuais, como lápis de cor, pontas de feltro e tesouras, para os alunos que não os tinham nos seus estojos. Havia ainda

uma máquina de café e dois robôs oferecidos à turma no contexto de uma vitória de um concurso de robótica.

No canto desta bancada dispúnhamos de uma pequena janela, onde encontrávamos várias plantas. A parede ao lado era destinada à exposição de trabalhos e cartazes elaborados em sala de aula e no canto posterior encontrávamos duas caixas grandes de arrumação, nas quais armazenávamos as decorações de Natal, alguns adereços de Expressão Dramática e trabalhos maiores.

Ao centro da sala, tínhamos, portanto, as mesas e cadeiras dos alunos nas quais cada um organizava os seus manuais, estojos e outros materiais necessários para a sua aprendizagem. A Professora Cooperante deu-nos, logo de início, a liberdade de alterar a disposição das mesas, de forma a conseguirmos realizar as diferentes atividades que planificávamos. Esta alteração ocorria, principalmente, na dinamização de trabalhos de grupo ou jogos coletivos, nos quais, muitas vezes, estendíamos um papel de cenário no chão.

3.1.3.1. A Expressão Plástica e o seu espaço na sala de aula

Como referimos no ponto anterior, a nossa sala de aula contava com uma extensa bancada de trabalho, na qual encontrávamos alguns materiais de Expressão Plástica. No armário do lavatório dispúnhamos de um conjunto de tintas, pinceis, recipientes e panos de limpeza, em muito bom estado. Estes espaços estavam acessíveis aos alunos, pelo que não achamos pertinente seguir a mesma metodologia do estágio anterior em que sentimos necessidade de criar um recurso que facilitasse o acesso e o uso destes materiais.

No decorrer das atividades letivas, apercebemo-nos da necessidade de diversificar os recursos existentes pois, sempre que dinamizávamos uma atividade, por exemplo, de pintura, os alunos recorriam apenas aos pinceis, uma vez que não possuíam outros materiais que pudessem substituir por eles. Neste contexto, estávamos conscientes de que, tal como realça Rodrigues (2016), “os princípios orientadores da Expressão e Educação Plástica pautam-se pela vontade de oferecer experiências de aprendizagem com diversos materiais, com formas e cores diferentes” (p. 11). Através destas experiências, Sousa (2003, p. 160) salienta o objetivo desta área, onde “não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança.”

Aqui, os alunos podem expressar os seus sentimentos e emoções através das diferentes técnicas, materiais e cores, pelo que se torna importante disponibilizarmos estes instrumentos, pois e como refere Sousa (2003), sempre que os alunos enriquecem as suas experiências, maior será a carência de técnicas e materiais novos.

Deste modo, e ao longo da abordagem das temáticas do *consumismo* e da *sustentabilidade*, na área disciplinar de Estudo do Meio, decidimos que poderíamos implementar um recurso na nossa sala de aula, decorado e abastecido pelos próprios alunos, com o objetivo de reutilizar materiais recicláveis como pinceis, por forma a enriquecer ainda mais o conjunto de materiais e técnicas disponíveis para os nossos alunos.

Em diálogo com a Professora Cooperante, demos conta da existência na sala de dois conjuntos de gavetas sem utilização, que poderiam funcionar muito bem como suporte de base ao recurso pretendido. Neste sentido, em grande grupo, os alunos foram convidados a lixar e pintar as gavetas em causa, tal como se pode verificar no mosaico (ver Figura 17).



Figura 17: Decoração e abastecimento do Canto dos Artistas.

- a)** Polimento dos conjuntos de gavetas; **b)** Pintura dos conjuntos de gavetas;
c) Canto dos Artistas; **d)** Alguns dos materiais presentes no Canto dos Artistas;
e) Uma das muitas obras criadas a partir de materiais do Canto dos Artistas.

Tal como nos é dado a perceber na Figura, as crianças tiveram oportunidade de preparar as gavetas (ver Figura 17a, b), decora-las a seu gosto e, mais tarde, puderam abastecê-las com materiais que tinham em casa aos quais puderam dar uma nova vida e utilidade. Muitos dos alunos contribuíram para o abastecimento do nosso recurso com vários materiais, tais como: algodão, rolas, palhinhas, cotonetes, caixas de ovos, esponjas e rolos. Alguns dos materiais fornecidos não eram totalmente recicláveis, mas demos uso aos mesmos, pois poderiam ser facilmente limpos e usados novamente (ver Figura 17 d, e).

Intitulado de “Canto do Artistas”, este foi um recurso muito requisitado nas atividades de Expressão Plástica que se seguiram, o que consideramos como um *feedback* positivo por parte dos alunos. Realçamos o facto de estes não utilizarem os materiais sempre da mesma forma, alterando a posição, o efeito e as técnicas, dando asas à sua imaginação e criatividade. Outro aspeto a destacar foi, portanto, o espírito de partilha que se fez sentir aquando da utilização e abastecimento deste recurso, sendo que esta era uma grande dificuldade para alguns alunos da turma. Acerca da implementação deste recurso, a Professora Cooperante afirmou que o mesmo foi “uma excelente ideia”, mas alertou para a necessidade de “mais tempo para explorar o espaço”. Na realidade, apesar deste recurso ter sido utilizado em várias atividades, como por exemplo na construção do metro quadrado e no abstrativismo, não tivemos muitas mais oportunidades para experimentar outro tipo de atividades, nem de o abastecer com mais materiais.

Deste modo, concluímos que este recurso enriqueceu ainda mais a nossa sala de aula, no que respeita à variedade de materiais de Expressão Plástica disponíveis. À semelhança do recurso “Engenhocas”, apresentado no Capítulo anterior, o “Canto dos Artistas” permitiu aos alunos uma maior acessibilidade, criatividade e expressividade, características estas tão importantes para o seu desenvolvimento, independentemente da sua faixa etária em que se encontram.

3.1.4. O horário e as rotinas

As atividades letivas iniciavam-se às oito e um quarto, horário estabelecido devido à situação pandémica, e terminavam às quinze horas, exceto nos dias em que havia aula de informática, na qual se realizavam atividades numa plataforma de robótica. A Professora Cooperante deu-nos a oportunidade de alterar a ordem de lecionação das áreas disciplinares, desde que mantivéssemos o horário, de forma a não perturbar os intervalos da turma. Assim sendo, dinamizávamos as atividades consoante a necessidade dos alunos. Logo, se precisassem de fazer revisões de Português iniciávamos o dia com uma aula de Português e só depois do intervalo tínhamos, por exemplo, Matemática ou Estudo do Meio.

Com este consentimento aproveitamos para dinamizar e integrar no nosso horário mais aulas de Expressão Plástica e Dramática, muitas vezes incluídas nas restantes áreas disciplinares. Foi a partir desta estrutura que nos apercebemos que as Expressões podem e devem estar inseridas noutra horário, fugindo da ideia de incorporá-las só no final da

semana e no final do dia, tal como concluem alguns estudos realizados por colegas com o mesmo propósito do nosso. Acreditamos que com estas alterações e este cuidado de encaixar as Expressões nos restantes dias e aulas, pelo interesse e motivação que despertavam nos alunos, verificamos uma maior predisposição para a exploração de atividades das outras áreas.

Às onze e quarenta e cinco os alunos partiam para o intervalo do almoço e costumávamos acompanhá-los até ao refeitório, de forma a orientá-los naquele momento. Da parte da tarde, continuávamos com as atividades letivas e, no final da semana, era neste horário que procurávamos realizar atividades de carácter mais lúdico e apelativo, como jogos em grande grupo, desafios, entre outros.

3.1.5. A Turma

A turma era constituída por quinze alunos, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos de idade, dos quais dez eram do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Observamos ao longo do nosso estágio uma turma bastante sociável, ativa e empenhada, apresentando-se, por vezes, desatenta e irrequieta nas aulas de natureza mais teórica. Apercebemo-nos também que os alunos tinham de estar constantemente ocupados com uma atividade, pois alguns deles, ao terminarem determinada tarefa mais cedo, distraíam facilmente os restantes colegas através da conversa e da brincadeira.

Ao longo do nosso Estágio Pedagógico a turma tinha alguns comportamentos e atitudes de desrespeito para com os colegas, pois respondiam uns pelos outros, mesmo quando pedíamos a um aluno em específico para responder. Não esperavam a sua vez para falar e alguns não conseguiam controlar as suas frustrações quando perdiam ou eram corrigidos, chegando mesmo a chorar e a desistir das atividades. Deste modo, procurávamos falar e ouvir os alunos, levando-os a refletir sobre as suas emoções e preocupações. Ainda assim, é importante referir que os mesmos se mostravam sempre dispostos a ajudarem-nos na preparação das atividades e na arrumação e limpeza da sala.

No que respeita às áreas disciplinares a turma podia ser caracterizada da seguinte forma:

Cidadania e Desenvolvimento: como já referimos, o nosso Estágio ocorreu numa turma bastante empenhada, carinhosa, animada e curiosa. Contudo, e apesar da faixa etária dos alunos, os mesmos apresentavam atitudes de desconsideração perante os

colegas. Dificilmente eram capazes de se colocar no lugar do outro, de respeitar a vez e o espaço do outro e levavam muito a sério a brincadeira dentro da sala de aula. Outro aspeto que tínhamos de estar sempre a chamar a atenção era a conversa dentro da sala de aula, que se fazia muito presente ao longo e no fim das atividades. Diante da nossa lecionação os alunos foram capazes de nos respeitar e ouvir, considerando-nos sempre como professoras. Mostravam muito interesse nas atividades que dinamizávamos e participavam ativamente nas mesmas.

Estudo do Meio: era uma área privilegiada pela turma, que se mostrava sempre curiosa e interessada pelos conteúdos introduzidos. Não apresentavam grandes dificuldades na compreensão das várias temáticas, pelo que podíamos facilmente integrá-las nas restantes áreas disciplinares. A partir desta planificávamos vários jogos e desafios o que motivava ainda mais os alunos para a aprendizagem dos diferentes conteúdos. Salientamos que algumas crianças pesquisavam várias curiosidades acerca destes conteúdos, fora da escola, e pediam para partilhar com os colegas na sala de aula.

Português: a turma participava ativamente nas aulas destinadas a esta área. Contudo, muitos alunos apresentavam grandes dificuldades ao nível da leitura, interpretação de texto, na ortografia e na produção de texto. De forma a colmatar estas dificuldades, procurávamos planificar aulas mais dinâmicas e diversificadas para motivar os alunos na realização dos exercícios. Mais tarde, verificamos através da apreciação das fichas realizadas, que esta estratégia teve um retorno positivo.

Matemática: esta era uma área de grande interesse para a turma. Contudo, alguns alunos mostravam muitas dificuldades nas tabuadas e na compreensão de situações problemáticas. Neste contexto, tivemos uma vez mais como missão dinamizar aulas estimulantes, que despertassem a atenção da turma para estes conteúdos, sem descurar as aulas de natureza mais expositiva, nas quais pedíamos uma maior concentração por parte dos alunos.

Educação Físico-Motora: Como já referimos anteriormente os alunos contavam com a lecionação de um Professor desta área, pelo que não tínhamos tanto contacto com o grupo nestes momentos. Ao longo do nosso Estágio descobrimos que a maioria dos alunos tinha uma grande preferência por esta área e mais tarde fomos capazes de planificar algumas atividades, nas quais a educação física também estava presente.

Expressão Plástica: alegre-nos referir que esta era a área predileta de todos os alunos, sendo que pediam, diariamente, atividades desta natureza. A partir deste interesse, procuramos integrá-la em todas as áreas disciplinares, como forma de motivar os alunos

para a aprendizagem das diferentes temáticas. As atividades de Expressão Plástica funcionaram também como uma estratégia para explorar questões emocionais e de respeito na turma, uma vez que nem sempre agiam corretamente perante os colegas e as regras de sala de aula.

Expressão Dramática: ao longo do nosso Estágio Pedagógico fomos capazes de dinamizar algumas atividades desta área, e, surpreendentemente, descobrimos o gosto das crianças por ela, pois empenhavam-se na sua exploração. Neste seguimento, tivemos o cuidado de planear uma ou mais aulas de Expressão Dramática nas nossas semanas de intervenção.

Expressão Musical: apesar de pouco explorada no nosso Estágio, apercebemo-nos com os ensaios para a festa de final do ano letivo que os alunos apresentavam algum interesse nesta área.

À semelhança da abordagem que fizemos no Capítulo anterior, também nos interessa aprofundar um pouco mais a área foco do nosso trabalho neste novo contexto de estágio, aspeto a que dedicamos o ponto que se segue.

3.1.5.1. A Turma e o desenho

Os alunos desta turma dispunham de um caderno de folhas brancas para a realização dos seus desenhos livres, este caderno era utilizado nos momentos vagos depois das aulas ou nos intervalos, quando as condições meteorológicas não permitiam estar no recreio. No mosaico que se segue, partilhamos alguns dos desenhos que recolhemos desses cadernos (ver Figura 18).



Figura 18: Desenhos livres de alguns alunos.

- a)** Representação de Marquês de Pombal; **b)** Representação dos primeiros povos da Península Ibérica; **c)** Representação de um robô presente na sala de aula; **d)** Representação do continente americano.

Através da observação e análise dos desenhos da turma apercebemo-nos que o grupo se encontrava no estágio de desenvolvimento gráfico definido por Viktor Lowenfeld como realismo crescente. Este estágio é caracterizado pela constante presença de pormenores, a figura humana aparece de forma rígida e imóvel (ver Figura 18 a,b), mas bastante detalhada, há o cuidado de representar o horizonte, onde a linha do céu encontra-se com a linha do chão e as cores são usadas de uma maneira mais subjetiva e cuidada. A Professora Cooperante, na sua entrevista (ver Anexo 2), também alertou para a questão dos pormenores, que nós enquanto adultos não percebemos nem valorizamos, mas que são muito apreciados pelas crianças.

Como já referimos anteriormente, a Expressão Plástica era vista com grande interesse e motivação pela nossa turma, pelo que as características do estágio em causa são notórias em vários dos desenhos e trabalhos dos nossos alunos. Procuramos, também, incentivar ainda mais a turma para o desenho gráfico através da integração desta técnica com as restantes áreas disciplinares, por exemplo, na realização de itinerários depois das visitas de estudos, na ilustração dos textos que os alunos produziam em Português e em várias atividades de Matemática. Para além disso, os próprios alunos pediam para usar os

seus cadernos de Expressão Plástica para fazerem desenhos acerca dos conteúdos que estávamos a trabalhar nas aulas.

No Capítulo anterior, analisamos os desenhos com um tema recorrente de umas das crianças, mas, neste grupo, não constatamos nenhum caso semelhante, apesar da Professora Cooperante (ver Anexo 2) ter destacado que às vezes tentava interpretar os desenhos dos seus alunos, principalmente, quando representavam os pais ou outros membros da família. No entanto, adiantou que não fazia nesta turma por não haver nenhum registo que lhe chamasse a atenção neste particular.

O maior impulsionador dos alunos por este interesse pela Expressão Plástica foi sem dúvida a Professora Titular que, desde o 1.º ano, procurou integrar esta área com as restantes e desenvolveu um projeto no contexto do qual era apresentado à turma, todas as semanas, um artista famoso, bem como as suas obras, que serviam de inspiração a trabalhos realizados pelos alunos. Na sua entrevista (ver Anexo 2), a Professora Cooperante salientou que imprimia as obras em causa em preto e branco e convidava a turma a explorar as cores e os traços inspirando-se no que estava no papel. Nas suas palavras, “o gozo da atividade é exatamente eles criarem, poderem usar o traço original e podem não usar (...), mas para mim tem muito valor”.

No final do Estágio Pedagógico II não observamos nenhum progresso notório ao nível do estágio de desenvolvimento gráfico dos alunos, pois mantiveram constantes as características dos seus desenhos livres. Como já referimos no presente documento, a nível da técnica de pintura consideramos que o recurso “Canto dos Artistas” foi uma mais-valia para a expressividade e criatividade dos alunos, o que ficou nítido pelas obras criadas.

3.2. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Nesta etapa do nosso trabalho apresentaremos uma análise geral de todas as atividades desenvolvidas ao longo da nossa ação educativa no Estágio Pedagógico do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Nesta sequência, na tabela que se segue, Quadro 7, fomos capazes de convocar todas as atividades realizadas, bem como as respetivas intervenções e as áreas, domínios e subdomínios que foram explorados. O seguinte quadro faz-se acompanhar por uma descrição e reflexão acerca das principais atividades.

Quadro 7 - Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.

Calendarização		Áreas de Conteúdo							
Intervenção	Atividade	Cidadania e Desenvolvimento	Estudo do Meio	Português	Matemática	Educação Físico-Motora	Expressões		
							Expressões Artísticas		
							Expressão Plástica	Expressão Dramática	Expressão Musical
28 a 30 de março (individual)	A1								
	A2								
	A3								
	A4								
	A5								
	A6								
	A7								
2 a 11 de maio (individual)	A8								
	A9								
	A10								
	A11								
	A12								
	A13								
	A14								
	A15								
	A16								
	A17								
	A18								
	A19								
	A20								
	A21								
	A22								
	A23								
	A24								
A25									
A26									
A27									
A28									
30 de maio a 3 de junho (individual)	A29								
	A30								
	A31								
	A32								
	A33								
	A34								

	A35								
	A36								
	A37								
9, 17 e 20 de junho (individual)	A38								
	A39								
	A40								
	A41								
	A42								
	A43								
	A44								
21 e 22 de junho (a pares)	A45								
	A46								

No final do Estágio Pedagógico II contabilizamos a realização de quarenta e seis atividades, incluindo as que foram realizadas em intervenções a pares, nas quais procuramos integrar as várias áreas disciplinares numa só temática, seguindo a ordem dos conteúdos presente nos manuais escolares. Em conformidade com o Capítulo anterior, seguimos a mesma sequência de cores e de tonalidades das mesmas, sendo que a cor mais escura é utilizada para realçar as áreas que estiveram em foco e a cor mais clara aquelas que, de certa forma, foram igualmente convocadas e se integraram nesta mesma atividade. Mais uma vez, as atividades relacionadas com a Expressão Plástica foram destacadas com um fundo azul-escuro.

Após uma leitura deste quadro, apercebemo-nos que as áreas do Estudo do Meio e do Português tiveram um forte destaque ao longo do nosso estágio, bem como as áreas de Cidadania e Desenvolvimento e Expressão Plástica. Em contrapartida, as Expressões Dramática e a Musical não tiveram o mesmo reconhecimento. No que concerne à Educação Físico Motora a mesma era lecionada por um professor especializado, razão pela qual acabámos por não assumir a docência nesta área.

Na impossibilidade de apresentar e refletir acerca de todas as intervenções realizadas no contexto deste Estágio, selecionamos aquelas que, para nós, tiveram um maior impacto na nossa turma, que nos propomos elencar de seguida.

A **primeira intervenção**, ocorreu de 28 a 30 de março e contou com o auxílio da Professora Cooperante para a seleção dos conteúdos que iríamos abordar nestes primeiros dias. A partir da ordem apresentada pelo manual escolar, decidimos que o conteúdo *Principais elevações de Portugal* iria funcionar como um bom tema integrador da nossa intervenção, uma vez que conseguimos articulá-lo com as restantes áreas disciplinares,

principalmente com o Português e a Matemática. A Expressão Plástica não se associou com este conjunto de áreas, pois aproveitámos para dinamizar uma atividade para celebrar a Páscoa.

Neste contexto, destacamos a atividade A6, integrada na área do Português, na qual foram apresentados aos alunos quatro cubos, um com várias personagens, outro com as principais elevações de Portugal, outro com tempo e, por último, um com adjetivos. Cada aluno teve a oportunidade de lançar os quatro cubos e registar os vários elementos que lhe calhavam. Posteriormente, os alunos davam início à produção dos seus textos, nos quais tinham de incluir os elementos que haviam saído no lançamento dos cubos.

No início do estágio, a Professora Cooperante chamou-nos a atenção para a importância de planificarmos, pelo menos, uma aula de produção de texto por semana, pois os alunos ainda apresentavam alguns erros ortográficos, que só poderiam ser colmatados através da prática da escrita. A presente atividade foi organizada de forma a tornar esta prática mais lúdica e criativa, visto que os alunos também apresentavam várias dificuldades em iniciar os seus textos. Consideramos que a estratégia utilizada teve um impacto bastante positivo tendo em conta a reação e o interesse que os alunos demonstraram. Por fim, mas não menos importante, a leitura também se fez presente, de forma a comprovarmos que todas as palavras que saíram nos cubos foram utilizadas.

A atividade A7, intitulada “O nosso robô segue Portugal” foi planificada com o intuito de fazermos um balanço da temática que exploramos ao longo destes dias de intervenção. Assim sendo, a turma encontrou a sua sala com uma disposição espacial diferente, de forma que pudéssemos estender um longo papel de cenário no chão da mesma. Neste papel, tínhamos representado o território português, bem como os seus arquipélagos. A contornar o desenho de Portugal tínhamos uma grossa linha preta, pois o robô presente na nossa sala, prémio de um concurso conquistado pela turma, conseguia andar autonomamente por cima desta. Nas principais cidades, elevações e rios de Portugal tínhamos um número associado, cada número representava uma adivinha. Divididos em duas equipas, os alunos tinham de esperar que o robô parasse num dos números do mapa para ouvirem a adivinha. Aqui, a primeira equipa a responder corretamente à adivinha ganhava um ponto. Foi através deste jogo que nos apercebemos da motivação que a nossa turma sentia quando colocada em situações de jogo e desafio e como estes despertavam a sua aprendizagem. Em contrapartida, descobrimos que alguns alunos não sabiam perder e reagiam de forma não tão pacífica à derrota. Outra vantagem deste jogo foi o uso do

robô como recurso pois, apesar de estar sempre na sala de aula, a Professora Cooperante não tinha por hábito utilizá-lo no seu dia a dia.

Consideramos que a primeira intervenção foi além das nossas expectativas devido à reação positiva por parte dos alunos e pelo *feedback* dado pela Professora Cooperante. Mais tarde, concluímos que esta reação poderá ser consequência de outros estágios já realizados nesta turma, aspecto que poderá ter criado alguma habituação a estes contextos formativos. Para além destes pontos, refletimos acerca da nossa liderança e na importância de sermos mais firmes e de nos impormos mais perante os alunos.

A **segunda intervenção**, decorrida na semana de 2 a 11 de maio, teve como temática principal os setores económicos. Neste contexto, demos maior enfoque ao setor primário e fomos capazes de englobar, e de certa forma integrar, todas as áreas disciplinares, excluindo a Expressão Musical. Procuramos também realizar jogos e atividades mais lúdicas, nas quais convocamos a Expressão Plástica, de forma a incentivar os alunos para a aprendizagem dos vários conteúdos.

Neste sentido, planificamos a atividade A13 “Constrói o robô”, inserida na área da Matemática e da Expressão Plástica. As aulas de Matemática foram caracterizadas pela exploração do conteúdo das *áreas* e procuramos dinamizá-lo com atividades de caráter mais dinâmico e apelativo para os alunos. Assim, cada um recebeu uma folha quadriculada, na qual tinha de representar um robô. Posteriormente, tinha de calcular a área de cada parte do corpo do robô através do cálculo das áreas. Por fim, e através da adição, era capaz de descobrir a área total dos seus robôs. Os alunos mostraram-se entusiasmados assim que mencionamos os termos “desenho” e “robôs” na mesma frase, o que consideramos uma reação bastante positiva da parte deles. Simultaneamente, observamos que não tiveram quaisquer dificuldades em calcular a área do seu próprio robô. No final, deixamos que colorissem e recortassem os mesmos para afixarem no *hall* de entrada.

A atividade A16 foi uma grande surpresa para a turma, uma vez que recebemos a visita da carteira Paula (representada pela estagiária), que nos trouxe algumas cartas e falou-nos das vantagens e desvantagens da sua profissão, inserida no setor terciário. De uniforme vestido, pasta na mão e boné na cabeça a carteira teve a oportunidade de conhecer todas as crianças e responder às questões das mesmas. Mais tarde, cada aluno usou o uniforme e recebeu um cartão com uma emoção ou uma situação, que tinham de dramatizar. Ora poderiam ser um carteiro muito aborrecido com o seu emprego, ora um que não era capaz de ver ou de falar. No final, descobrimos verdadeiros atores, que

fizeram com que esta atividade fosse tão divertida e dinâmica. Através dela conseguimos também compreender que é possível integrar a Expressão Dramática na leção de conteúdos de outras áreas, neste caso, do Estudo do Meio.

Ainda nesta intervenção, distinguimos a atividade A25 que consistiu numa visita de estudo a estufas caracterizadas pela plantação biológica e sustentável. Ao abordarmos a temática da agricultura, em Estudo do Meio, decidimos que a melhor forma de conhecermos mais acerca da agricultura de subsistência e das suas particularidades seria com a realização de uma visita de estudo, onde os alunos tivessem a possibilidade de observar e compreender como esta é produzida na nossa ilha. Localizadas noutra freguesia do concelho, contamos com o apoio da junta de freguesia que contribuiu com o transporte para nos dirigirmos às estufas. Ao longo da visita, fomos acompanhados por um engenheiro agrário que nos deu a conhecer as estufas, os seus produtos e processos de plantação e tratamento. Com muita energia e boa disposição aprendemos acerca das várias etapas de plantação de vários produtos, bem como os benefícios de estes estarem a crescer em estufas. Mais tarde, e na sala de aula, os alunos receberam um itinerário onde tinham de representar o que haviam gostado mais, o que aprenderam de novo e o que observaram ao longo de toda a visita. Foi a partir desta representação que nos apercebemos da importância de termos realizado esta visita de estudo, uma vez que a turma mostrou ter aprendido imenso acerca do presente conteúdo. Para além disso, os alunos continuaram a falar acerca da visita ao longo da semana e associaram o que aprenderam a outros conteúdos, o que consideramos uma resposta bastante positiva à nossa intervenção.

No final, e após uma reflexão, apercebemo-nos das vantagens que as nossas atividades mais dinâmicas e lúdicas trouxeram à nossa turma, deste o entusiasmo que registámos à participação ativa de todos os alunos ao longo da sua realização. Contudo, este entusiasmo por vezes contrariava os momentos de exposição, necessários para a introdução e compreensão de determinados conteúdos. Aqui, os alunos mostravam-se mais irrequietos, desatentos e os resultados das fichas de avaliação eram a prova desta realidade. Assim sendo, combinamos que iríamos organizar as nossas intervenções de forma mais estruturada, e que jogos, desafios e atividades mais dinâmicas, seriam realizados depois de todos os conteúdos serem introduzidos e explicados. Mais tarde foi possível observar e verificar a importância de termos assumido esta nova metodologia nas nossas planificações.

A **terceira intervenção** ocorreu de 30 de maio a 3 de junho e, novamente, selecionamos um conteúdo inserido na área do Estudo do Meio, pois acreditamos que conseguimos integrar mais facilmente os conteúdos desta área nas restantes áreas do currículo. Deste modo, o conteúdo escolhido foi a *Sustentabilidade* e consideramos que fomos capazes de incorporar este nas restantes áreas disciplinas, com exceção para a Expressão Musical e a Educação Física, que não foram convocadas nesta intervenção.

A atividade A32 foi realizada no âmbito do Dia da Criança e recorremos à leitura de um conto como forma de introduzir o conteúdo da *Poluição*. Depois de uma manhã repleta de atividades dinamizadas pela câmara municipal de Ponta Delgada, optamos por criar um momento mais relaxante e aconchegante no período da tarde, no qual pudemos, simultaneamente e de forma descontraída, abordar aquele conteúdo novo. Com uma manta no chão, a sala escura e com apenas a luz do candeeiro da sala acesso, em silêncio, demos início ao nosso momento de relaxamento, no qual controlamos a nossa respiração, apertamos as mãos e elogiamos o colega do lado.

De seguida, apresentamos o livro “Será o mar o meu lugar?”, de *Sarah Roberts*. O livro fala-nos dos perigos do plástico nos oceanos, de uma forma lúdica e apelativa, que chama a atenção dos mais novos e dos mais velhos. Assim sendo, a leitura foi feita em conjunto, pois os alunos participavam quando solicitados, tanto para lerem determinada fala, como para fazerem algum som associado à história. Mais uma vez, fomos apanhados de surpresa pela reação e participação de toda a turma perante uma atividade tão simples, onde quisemos despertar o lado mais infantil dos nossos alunos, numa fase em que já têm tantas responsabilidades e exigências. A partir do diálogo fomentado com eles, após a leitura do conto, pudemos chegar ao conteúdo que queríamos abordar. Posteriormente, e em conjunto, preenchemos um acróstico com palavras associadas ao conto e, conseqüentemente, à temática da *Poluição*.

Ainda nesta intervenção, exploramos o conteúdo dos *Circuitos Elétricos* e na atividade A35 conseguimos apresentar estes fenómenos através de uma experiência. Para a sua realização necessitamos de limões, fios elétricos, moedas, parafusos e lâmpadas LED. De seguida, convidamos um aluno a ler as indicações para a realização da experiência e, em grupo, foram capazes de montar o circuito elétrico e observar a lâmpada a acender. Posteriormente, dialogámos acerca dos objetos que são ou não bons condutores de energia e, mais tarde, os alunos resolveram alguns exercícios acerca da experiência realizada. Foi através destes exercícios que verificamos que a turma foi capaz de compreender melhor este conteúdo e as suas características o que consideramos um aspeto

positivo da nossa intervenção. Deste modo, continuamos a apostar na realização de experiências ao longo das nossas práticas.

No final desta intervenção, apercebemo-nos das vantagens de apresentarmos uma planificação mais organizada e estruturada, na qual todas as aulas e atividades estivessem interligadas. Deste modo, continuamos a preparar atividades de carácter mais lúdico, com recurso a jogos e experiências, mas guardamos os mesmos para depois da introdução dos conteúdos, de forma que os alunos conseguissem obter várias abordagens para um mesmo tema. Destacamos também o à-vontade com o qual a turma nos habituou ao longo do nosso Estágio Pedagógico.

A **quarta intervenção** decorreu no dia 9, no dia 17 e no dia 20 de junho. Como nos encontrávamos nas últimas semanas do ano letivo, dedicamos esta última intervenção individual a revisões, atividades em grande grupo e aos ensaios da coreografia que iríamos apresentar na festa final.

Deste modo, apresentamos a atividade A39, ao longo das revisões dos vários conteúdos abordados neste último período tivemos tempo de realizar mais uma experiência. Desta vez, conseguimos compreender que sem oxigénio não há combustão através de uma experiência com uma vela e um copo. Ao colocarmos a vela num prato e taparmos a mesma com o copo, dentro de breves instantes, ela apaga-se, pois deixa de existir oxigénio que alimente a combustão. Aqui, os alunos puderam vivenciar e observar o conteúdo que estávamos a rever através do manual, de forma mais interessada e curiosa.

De seguida, destacamos também os ensaios da nossa coreografia final criada com o objetivo de chamar a atenção para a importância da arte e da expressão para um mundo mais colorido e alegre. A turma alinhou de imediato com as nossas ideias para a coreografia. Os alunos participavam e divertiam-se ao longo dos ensaios e foi através destes que nos apercebemos do seu interesse pela dança e pela música. Na festa final, a coreografia começou com uma música sombria e os alunos, vestidos com sacos pretos do lixo, a executar movimentos lentos e aborrecidos. À medida que a música foi mudando para uma melodia mais alegre, os alunos, aos pares, tiravam o saco e apareciam com camisolas coloridas com fitas correspondentes e dançavam alegres e livremente. No final, tínhamos um palco cheio de movimento, cor e sorrisos. Terminamos com um cartaz com a frase “A vida é um livro de colorir, pinta-o com as tuas cores favoritas!”.

Esta intervenção foi, de certa forma, diferente das restantes, pois conseguimos aproveitar os últimos dias na companhia da nossa turma, o que nos permitiu conhecê-la ainda melhor. Todas as atividades planificadas para esta intervenção serviram para fazer

um balanço geral do nosso Estágio, dos conteúdos que lecionamos e das atividades que dinamizamos para os alunos. Assim, descobrimos que conseguimos chegar a todos os alunos através dos métodos e das estratégias diferentes que nos propusemos implementar. Outro aspeto a destacar, que fomos salientando ao longo deste Capítulo, foi o interesse e a participação dos alunos relativamente às propostas que apresentávamos.

A **quinta e última intervenção** ocorreu nos dias 21 e 22 de junho e planificamos dois dias de pura descontração, uma vez que era a nossa despedida. Assim sendo, salientamos o passeio realizado ao jardim presente nas redondezas da nossa escola, que nos permitiu conhecê-lo melhor, brincar livremente e tirar várias fotografias juntos.

No último dia desta intervenção oferecemos a cada aluno um porta retrato com uma fotografia de toda a turma e aproveitamos para desejar as maiores felicidades e sucessos aos nossos alunos. Depois de muitas palavras, abraços e algumas lágrimas, despedimo-nos deste que foi o nosso Estágio Pedagógico II, que tanto nos orgulhamos de ter experienciado, por todo o trabalho desenvolvido, esforço e dedicação.

Feita uma breve abordagem a todo o nosso percurso de estágio, e à semelhança da metodologia seguida no Capítulo anterior, interessa-nos agora aprofundar um pouco mais as atividades que desenvolvemos no contexto da área que decidimos destacar. É o que nos propomos fazer nos pontos que se seguem.

3.2.1. O Desenho no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ao longo do nosso Estágio Pedagógico II procuramos dinamizar várias atividades que convocaram a técnica do desenho e iremos apresentá-las neste espaço. No quadro síntese e no mosaico que se segue procuramos dar conta desta realidade (ver Quadro 8 e Figura 19).

Quadro 8 - Atividades de desenho desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.

Atividades de desenho	
A25	“Ilustração da visita de estudo”
A26	“Banda desenhada”
A27	“Autorretrato”

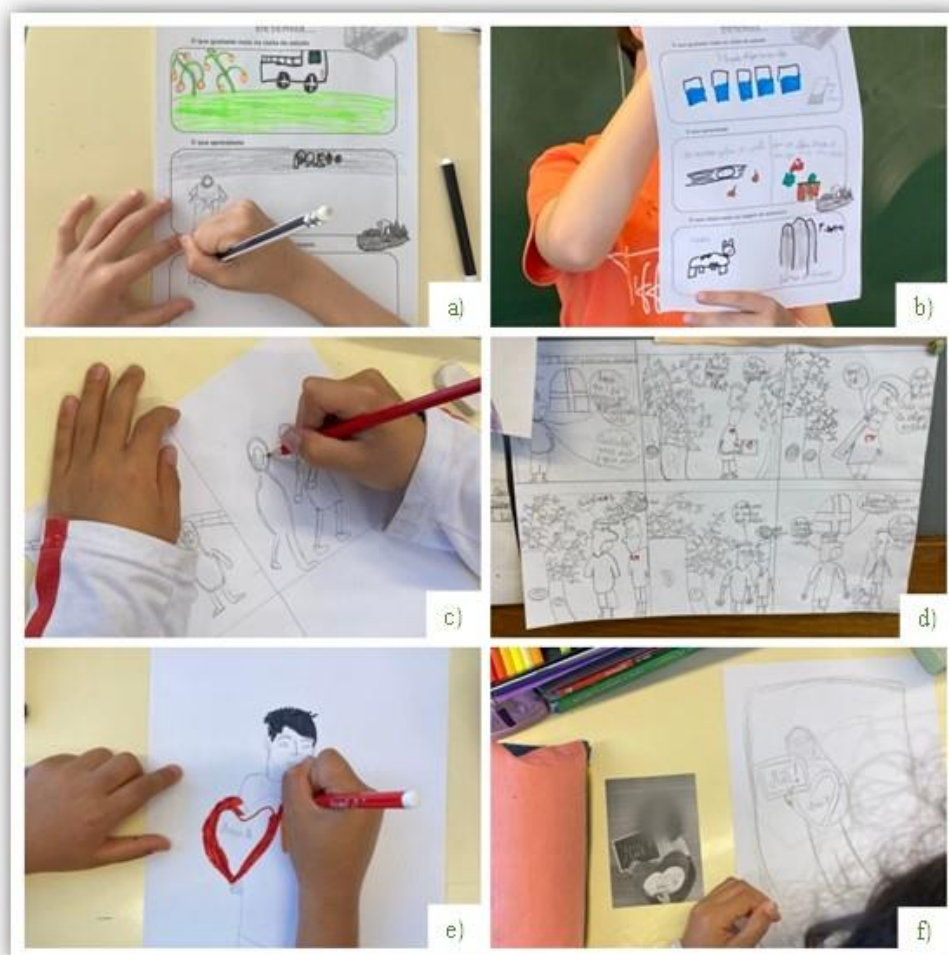


Figura 19: Atividades de desenho realizadas.

a) e b) Itinerário da visita de estudo realizada; **c) e d)** Atividade de banda desenhada; **e) e f)** Autorretrato.

No âmbito da área disciplinar de Estudo do Meio realizamos uma visita de estudo a umas estufas, conhecidas pela sua produção biológica, de forma a descobriremos mais acerca da temática da agricultura. Depois de dialogarmos acerca da visita, os alunos foram convidados a representar graficamente três dos seus momentos. Assim, tinham de desenhar algo que observaram ao longo da viagem de autocarro, o que aprenderam ao longo da visita e o que lhes havia chamado mais à atenção. De seguida, cada aluno apresentou o seu itinerário (ver Figura 19b) e justificou as suas escolhas. Foi através das apresentações e das representações dos alunos que nos apercebemos que todos eles tinham observado, aprendido e compreendido, aspetos diferentes da mesma visita de estudo. Por fim, destacamos o cuidado que os alunos apresentaram nos seus desenhos, nos quais representaram todos os pormenores do que observaram.

Ainda no contexto da temática da agricultura, dinamizamos uma atividade de desenho, através da qual nos foi possível integrar as áreas disciplinares do Português e do

Estudo do Meio, uma vez que os alunos tinham de criar a sua própria banda desenhada, incluindo alguns elementos do conteúdo que estávamos a abordar, neste caso a *agricultura*. Em pares, realizou-se um sorteio de forma a seleccionar algumas palavras-chave, desde a temática da banda desenhada à profissão, dos diferentes setores, que teriam de incorporar no seu trabalho.

Era do nosso conhecimento o gosto e a motivação que os alunos sentiam pelo desenho, mas conseguimos compreender este facto nas produções que os pares realizaram, uma vez que foram capazes de apresentar bandas desenhadas bastante criativas e pormenorizadas. Mais uma vez, realçamos este cuidado dos alunos, que apresentaram produções bem estruturadas, respeitando as regras deste tipo de texto (ver Figura 19c). No final, afixamos, na nossa parede própria as bandas desenhadas prontas a ser publicadas (ver Figura 19d).

A última atividade consistiu num autorretrato realizado a partir de uma fotografia anteriormente tirada a cada aluno (ver Figura 19f). Aqui, cada um tentou representar o seu rosto bem como algumas características pessoais. Na sequência do que ocorreu na atividade “O meu corpo”, realizada no Estágio Pedagógico I, na Educação Pré-Escolar, os alunos puderam reconhecer as suas singularidades e refletir acerca das características que tinham em comum com outros colegas, bem como aquelas que os fazem ser especiais e únicos. Ao longo da dinamização desta atividade, apercebemo-nos de determinadas dificuldades sentidas por alguns alunos, pois não conseguiram representar o que estava na fotografia e optaram por ilustrar um rosto a partir da sua imaginação. Este aspeto foi realçado, também, pela Professora Cooperante, que salientou na sua entrevista (Anexo 2) o facto de ter observado algumas dificuldades no início da atividade, pois eles tinham de ter a perceção deles mesmos. No entanto, a partir do nosso diálogo e incentivo, conseguiram realizá-la com sucesso. Em contrapartida, muitos alunos começaram por fazer linhas auxiliares, de forma a facilitar a representação do seu rosto e tiveram o cuidado de incluir todos os pormenores (ver Figura 19e).

3.2.2. A Pintura no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste espaço, iremos apresentar o grande conjunto de atividades nas quais a técnica da pintura foi o foco das nossas intervenções. No quadro e na figura que se seguem, apresentamos os principais contornos desta realidade (ver Quadro 9 e Figura 20).

Quadro 9- Atividades de pintura desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.

Atividades de pintura	
A2	“Ovos da Páscoa”
A10	“Decoração do Canto dos Artistas”
A22	“Natureza morta”
A24	“Metro quadrado”
A37	“Abstracionismo”
A40	“Tinta no jardim”



Figura 20: Atividades de pintura realizadas.

- a) Decoração dos ovos da Páscoa; b) Natureza Morta; c) “Canto dos Artistas”
d) e e) Pintura do Metro Quadrado;
f) “Abstracionismo”; g) Atividade “Tinta no jardim”.

A primeira atividade foi planejada com o intuito de assinalarmos o Dia de Páscoa. Os alunos foram convidados a construir as suas próprias cestas e a decorar os seus próprios ovos da Páscoa, neste caso de esferovite. Antes de começarem a pintar os

mesmos, tiveram acesso a várias imagens de pinturas famosas, já conhecidas da turma, e puderam inspirar-se nestas obras para a decoração do seu ovo. Deste modo, a obra “A Noite Estrelada”, de *Vincent van Gogh* foi a mais requisitada pelos alunos, que se inspiraram nas técnicas, formas e cores, para criarem os seus ovos da Páscoa (ver Figura 20a).

Sendo esta a nossa primeira atividade de pintura, observamos que os alunos tinham um grande gosto e interesse por esta técnica, o que nos levou a dinamizar mais atividades desta natureza. No final, puderam surpreender as suas famílias com uma cesta da Páscoa e o ovo decorado.

A atividade A10, consistiu na pintura do nosso “Canto dos Artistas”, recurso este criado a partir de dois conjuntos de gavetas, com as quais organizamos o armário destinado ao material de Expressão Plástica e armazenamos vários materiais recicláveis que os alunos podiam utilizar para criar as suas obras. Antes de serem utilizadas para este fim, os alunos tiveram de prepará-las para receber a tinta, através do polimento da madeira e, em pares, escolheram as cores bem como os desenhos que queriam para as gavetas. Por fim, partimos para a pintura das mesmas e deixamos secar ao longo de várias horas (ver Figura 20c). Nesta atividade, apercebemo-nos do gosto e da aptidão de alguns alunos perante este tipo de tarefas, principalmente por estarem a trabalhar com madeira, uma vez que referiram que costumam ajudar os pais em funções deste género.

O conteúdo da *agricultura*, abordado na área disciplinar de Estudo de Meio, também foi integrado na área das Artes Visuais a partir de uma atividade destinada à técnica de pintura “Natureza Morta”. Após uma breve explicação e visualização de várias obras deste tipo, alteramos a organização da nossa sala de aula, de forma que as nossas mesas estivessem todas juntas no centro da mesma. Assim, os alunos puderam se sentar em grande grupo e colocamos um conjunto de legumes no meio da extensa mesa, bem como vários recipientes de tinta, pinceis e folhas. De seguida, convidamos os alunos a representarem as hortícolas tendo por base a técnica de pintura apresentada, natureza morta, e tendo também como inspiração as obras visualizadas anteriormente. No decorrer da atividade, os alunos foram se apercebendo que todas as obras iriam ser diferentes, uma vez que cada aluno observava as hortícolas de um ângulo diferente, pois as mesmas estavam no centro da mesa e os alunos à sua volta. No final, obtivemos obras únicas, originais e bastante criativas. Outro aspeto a salvaguardar desta atividade, foi o facto de termos dado liberdade aos alunos para criarem fundos diferentes, o que incentivou ainda mais a criatividade e a imaginação de cada um. Uns representaram a mesa onde os

legumes estavam, outros representaram os colegas que observavam do outro lado da mesa, outros ainda optaram por um fundo liso (ver Figura 20b), e houve também quem acrescentasse acessórios diferentes, como toalhas de mesa e cestas.

O nosso “Canto dos Artistas” foi estreado na construção do *metro quadrado*, atividade na qual conseguimos integrar completamente a área da Expressão Plástica com a área disciplinar da Matemática, numa atividade lúdica, concreta e dinâmica. Assim sendo, os alunos usaram os materiais recicláveis trazidos de casa para a pintura e decoração dos cem quadrados necessários para a elaboração do metro quadrado. Utilizando pinceis, cotonetes, plástico em bolha, rolhas, folhas naturais, e recorrendo a técnicas como a pintura soprada, como podemos observar na Figura 20d, técnica dos berlines, entre outras, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar, pela primeira vez, algumas técnicas de pintura e conheceram o potencial de alguns materiais do nosso dia a dia para a criação das suas obras. Salientamos o trabalho de equipa, a criatividade e a partilha que houve ao longo desta grande atividade, bem como o resultado final que foi muito além das nossas expectativas (ver Figura 20e).

Acreditamos e defendemos as potencialidades da integração desta grande área com as demais áreas do currículo e achamos que a presente atividade foi a prova deste potencial, tanto para os alunos, como para todos os docentes, uma vez que nos foi possível observar alunos motivados e empenhados na realização da atividade, bem como na aprendizagem do conteúdo abordado, neste caso, o metro quadrado. Já para nós, foi um alerta para a importância de planificarmos atividades desta natureza, nas quais fugimos do ensino tradicional e partimos do interesse e da curiosidade dos nossos alunos para a abordagem aos diferentes conteúdos.

A atividade A37 teve como foco a técnica de pintura “Abstracionismo”. Mais uma vez, iniciamos a mesma com uma breve apresentação das obras mais conhecidas dos artistas que marcaram este movimento e explicamos que as mesmas podem ser, também, criadas a partir das emoções que o artista está a sentir num determinado momento, sejam elas boas ou más. Conseguimos, novamente, integrar esta área com a área disciplinar do Estudo do Meio, na qual estudamos a *poluição sonora*. Deste modo, selecionamos para cada aluno um som diferente, deste um som ensurdecedor, como uma pessoa assustada a gritar, a um som prazeroso, como uma gargalhada de um bebé. Posteriormente, cada um recebeu um pequeno cartão para registar o seu nome, o som que ouvia e a emoção que o mesmo lhe havia feito sentir. Depois de ouvirem cada som, os alunos foram convidados

a criar a sua própria obra abstrata com base no som que ouviram e a emoção que este despertara.

No evoluir desta atividade, o nosso “Canto dos Artistas” assumiu-se como um recurso essencial, pois a maioria dos alunos preferiu utilizar materiais recicláveis para a produção das suas obras. Desta forma, algumas das técnicas apresentadas na atividade do metro quadrado foram novamente utilizadas, mas adaptadas pelos alunos. Destacamos o seu cuidado na seleção das cores, do traço e dos materiais utilizados, que fizeram todo o sentido para representar a emoção que cada um evidenciou. Por exemplo, o preto e o vermelho foram usados para a representação de uma emoção menos positiva. As próprias mãos dos alunos e a técnica da pintura soprada recorrendo a cores vivas foram as grandes opções para as emoções alegres. Podemos observar este facto na Figura 20f, na qual o aluno ouviu a gargalha de um bebé. Esta remeteu-o para uma emoção alegre e ele optou por utilizar o verde, o amarelo e o rosa para a sua obra.

Acerca deste contexto, na entrevista realizada à Professora Cooperante (ver Anexo 2), esta evidenciou a importância desta atividade, uma vez que permitiu dar ao aluno a liberdade de se expressar, neste caso numa determinada situação.

A última atividade, intitulou-se “Tinta no jardim” e, como o próprio nome indica, foi realizada num jardim. Aqui, aproveitamos o passeio realizado pelas turmas do 4.º ano de escolaridade da nossa escola para dinamizarmos a nossa última atividade desta técnica. De forma a desconstruirmos a arte, optamos por dinamizar um momento divertido em que as tintas fossem as nossas protagonistas. Deste modo, colocamos um cartão com um extenso papel de cenário encostado num banco e colocamos vários plásticos para proteger o mesmo das tintas. No papel, afixamos vários balões coloridos, já com a tinta no seu interior. Os alunos, à vez, tinham de rebentar pelo menos um balão com a ajuda de um dardo (ver Figura 20g). Este momento foi caracterizado pelas gargalhadas dos alunos, pela explosão das tintas para o papel e pelo envolvimento dos pais presentes, que se juntaram ao grupo e participaram na atividade. Como resultado final, obtivemos um papel de cenário colorido e cheio de recordações. Escrevemos uma frase simbólica para o nosso grupo “A vida é um livro de colorir, pinta-o com a tuas cores preferidas!” e apresentamo-lo no final da nossa coreografia na festa final do ano letivo.

3.2.3. A Modelagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico

A técnica de modelagem também se fez presente no nosso Estágio Pedagógico II e procuramos demonstrá-la a partir do Quadro e do mosaico que se seguem (ver Quadro 10 e Figura 21).

Quadro 10 - Atividades de modelagem desenvolvida no Estágio Pedagógico II.

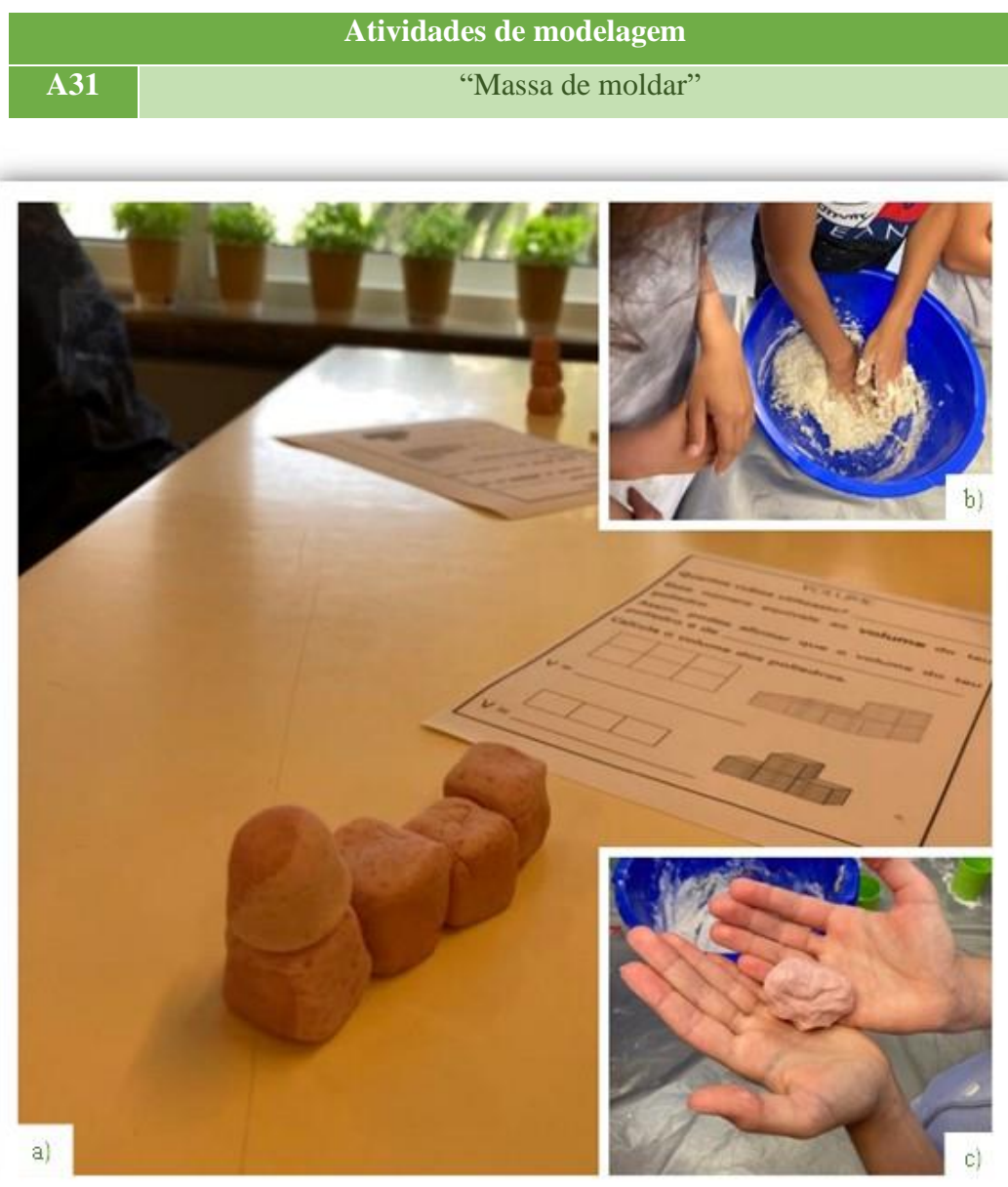


Figura 21: Atividades de modelagem.

- a) Cubos feitos a partir da massa de moldar confeccionada;
- b) e c) Confeção da massa de moldar.

A única atividade de modelagem que dinamizamos ocorreu no Dia da Criança, uma vez que procuramos proporcionar momentos lúdicos e apelativos neste dia tão especial. Assim sendo, em grande grupo, seguimos à risca a receita de uma massa de moldar usando ingredientes como farinha, sal, óleo e corante alimentar. Todos os alunos puderam participar na sua confeção e construir, posteriormente, pequenos cubos com a massa confeccionada (ver Figura 21b, c). Estes cubos foram utilizados no dia seguinte, na aula de Matemática, na introdução do conteúdo dos volumes. Mais uma vez, destacamos a possibilidade e a potencialidade de integrarmos a área da Expressão Plástica com as restantes áreas disciplinares, neste caso a Matemática. Conseguimos observar os alunos mais motivados e atentos na abordagem deste novo conteúdo, uma vez que partimos de uma atividade lúdica e do seu interesse. Aqui cada aluno recebeu vários cubos, com os quais tinha de criar um sólido e calcular o seu volume através da contagem dos mesmos.

3.2.4. A Construção no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste espaço, apresentamos as duas atividades nas quais a técnica de construção foi o foco das nossas intervenções. Por forma a elucidar o leitor acerca dos contornos das atividades em causa, e utilizando a mesma metodologia dos tópicos anteriores, partilhamos um quadro síntese e um mosaico ilustrativos das mesmas (ver Quadro 11 e Figura 22).

Quadro 11 - Atividades de construção desenvolvidas no Estágio Pedagógico II.

Atividades de construção	
A2	“Cesta do ovo da Páscoa”
A12	“Constrói o teu robô”



Figura 22: Atividades de construção realizadas.

a), b) e c) Construção da cesta de Páscoa; **d) e) e f)** Construção do Robô.

A técnica de construção foi definida por duas atividades realizadas ao longo do nosso Estágio Pedagógico II. A primeira ocorreu logo no início da nossa prática, de maneira a assinalarmos o Dia de Páscoa. Desta forma, construímos uma cesta para guardar os ovos que os alunos estiveram a decorar. Com balões, cola branca e linhas de várias cores, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar pela primeira vez esta técnica. Cada um encheu o seu balão numa medida média e enrolou a linha ao mesmo tempo que aplicava a cola (ver Figura 22 a,b). De seguida, deixamos secar muito bem para que a linha ficasse dura e conseguíssemos retirar os balões, infelizmente, alguns balões esvaziaram durante a noite o que fez com que certas cestas não secassem completamente, mesmo assim os alunos quiseram aproveitar o seu trabalho e usaram-nas para guardar os seus ovos. Podemos observar o resultado na imagem *c* da Figura 22.

A última atividade desta natureza foi realizada em grande grupo num projeto que envolveu várias escolas. Assim sendo, as turmas foram desafiadas a construir um robô que pudesse ser utilizado para transmitir vários valores e ideais, como a paz, a

sustentabilidade, a liberdade, a justiça, entre outros. Depois de várias reuniões, os alunos decidiram que o robô iria se focar no conflito entre a Ucrânia e a Rússia, de forma a salvaguardar a paz mundial e a importância da liberdade.

O grupo quis construir um tanque de guerra, símbolo que representa o atual conflito, mas que em vez de destruir procuraria libertar e transmitir a paz. Reservamos algumas aulas para a construção e elaboração do nosso robô, sendo que começamos por preparar o garrafão de água que seria, portanto, a base do tanque. Com tampas grandes de detergente de roupa fizemos as rodas (ver Figura 22d) e, ao sair do cabo frontal, os alunos decidiram construir um papagaio, símbolo da liberdade. Para este papagaio utilizamos placas de espuma e uma vara. Decoramos o mesmo com uma pintura inspirada na artista ucraniana *Maria Prymachenko*, que devido ao presente conflito viu perder as suas famosas obras (ver Figura 22e). Com o nosso robô pronto, expusemos o mesmo no *hall* de entrada da nossa escola e mais tarde descobrimos que tínhamos sido os vencedores do concurso, o resultado superou as nossas expectativas (ver Figura 22f).

Para concluir, e depois desta reflexão às atividades dinamizadas no decorrer do Estágio no 1.º CEB e de uma análise mais aprofundada das atividades integradas na área de Expressão Plástica, podemos deduzir que mais uma vez fomos capazes de criar um conjunto de planificações, e, conseqüentemente, intervenções pertinentes e adequadas às motivações e interesses dos alunos que nos foram confiados, com o propósito de enaltecer não apenas a sua aprendizagem, mas, também, a sua expressividade, comunicação e criatividade. Deste modo, as atividades dinamizadas no contexto da Expressão Plástica e o recurso implementado na presente sala de aula, foram dois alicerces para que os alunos se sentissem livres de explorar a sua criatividade e a sua imaginação.

Destacamos, também, o cuidado de planificarmos atividades integradoras e versáteis, que nos possibilitaram a exploração e a abordagem de conteúdos de várias áreas disciplinares numa mesma atividade. Desta forma, fomos capazes de intervir e encorajar os alunos para a sua aprendizagem apresentando-lhes novos métodos de ensino e de aprendizagem.

A entrevista à Professora Cooperante (ver Anexo 2) possibilitou-nos a realização de uma reflexão final, a partir da qual pudemos conhecer uma perspetiva diferente acerca do nosso trabalho e que aspetos podemos ter em conta na nossa prática profissional futura.

Considerações Finais



Com a conclusão do presente Relatório de Estágio, temos agora a oportunidade de realizar uma breve reflexão acerca da prática sucedida ao longo do nosso Estágio Pedagógico, nas valências de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assim sendo, pretendemos convocar os objetivos definidos desde o nosso Projeto de Relatório de Estágio, que orientaram a nossa prática, e conciliá-los com a análise reflexiva de todo o nosso trabalho. Partindo dos objetivos que tiveram um maior impacto na nossa ação educativa e passando pelos que convocaram a Expressão Plástica nas nossas práticas, podemos elaborar, portanto, uma reflexão mais pertinente acerca da temática que selecionamos para o nosso Relatório de Estágio.

Acerca do primeiro objetivo, *observar os contextos onde se realizarão os nossos estágios pedagógicos na Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o intuito de percebermos as motivações, dificuldades e necessidades das crianças, por forma a lhes adequarmos a nossa ação educativa*, acreditamos que foi alcançado com sucesso, pois, nas duas valências, procuramos realizar uma observação crítica e cuidada dos vários contextos onde as nossas práticas estavam inseridas, podendo, assim, responder correta e adequadamente às várias adversidades que surgiam ao longo da nossa ação educativa. Mais tarde, foi possível caracterizar tais contextos de forma sintetizada e retificada, incluindo os aspetos que beneficiaram o nosso estágio e aqueles que, de certa forma, lhes criaram alguns desafios e constrangimentos.

Diante do segundo objetivo, *planificar intervenções versáteis, pertinentes e adequadas aos contextos em que nos movermos, por forma a convocarmos o currículo de forma integrada e potenciarmos a aprendizagem daqueles que nos forem confiados*, achamos que fomos capazes de atingi-lo, nos dois contextos de estágio, uma vez que todas as intervenções foram planificadas de forma a poderem, mais tarde, ser alteradas conforme a participação e o interesse das crianças. Esta flexibilidade passa também pelos momentos vividos nas salas que nos acolheram, alguns deles imprevisíveis à partida, que devido a simples adversidades acabaram por ditar a necessidade de adaptar a nossa planificação, as nossas atividades, jogos, estratégias, métodos e abordagens, para as tornar mais adequadas aos novos contextos e às necessidades das crianças que nos foram confiadas.

Perante o terceiro objetivo, *intervir em contexto educativo, proporcionando estratégias adaptadas e distintas, aptas para integrarem os diferentes conteúdos do currículo e responderem às dificuldades das crianças, providenciando momentos de aprendizagem, diversão e experiências únicas para as mesmas*, julgamos ter conquistado

tal propósito ao longo do nosso estágio, principalmente, por termos tido a preocupação e o cuidado de, aquando da nossa planificação, integrarmos estratégias que pudessem colmatar as maiores dificuldades que observamos nos nossos grupos de crianças. Estas estratégias foram refletidas previamente, consoante as preferências e as motivações destes grupos, de forma a promover as suas competências e aprendizagens. Para além disso, procuramos também proporcionar às crianças métodos diferentes de ensino, com os quais, através da experimentação e da dinâmica de grupo as crianças pudessem vivenciar experiências e momentos diferentes, com sentido e significado para elas.

Referenciando o quarto objetivo, *avaliar todas as atividades realizadas pelas crianças, por forma a compreendermos as suas potencialidades e dificuldades e melhor adequarmos a nossa ação educativa futura*, pensamos que, mais uma vez, fomos capazes de alcançá-lo, visto que em todas as planificações realizadas preparávamos uma grelha de avaliação que convoca todos os indicadores de aprendizagem previstos. Através deste instrumento tínhamos a possibilidade de refletir, posteriormente, acerca da nossa própria ação educativa e das dificuldades e necessidades que as crianças sentiam num determinado momento. Deste modo, poderíamos adequar as nossas planificações futuras às necessidades identificadas e planear estratégias diversificadas com o intuito de responder e atenuar dificuldades sentidas, quer da nossa parte, quer da parte das crianças.

Feito um balanço geral da avaliação das crianças, apercebemo-nos que nem todas se identificavam apenas com uma metodologia, logo tínhamos o também cuidado de planificar de forma integradora e diversificada, com o intuito de conseguirmos, de diferentes formas, chegar a todas elas.

No que concerne ao quinto objetivo, *refletir acerca das intervenções feitas ao longo do nosso estágio pedagógico, de forma coerente e objetiva, com o intuito de reconhecermos as nossas capacidades e o que tem de ser melhorado*, compreendemos ter sido o objetivo que mais acompanhou a nossa prática em contexto de estágio, uma vez que, assim como neste ponto do nosso trabalho, fomos capazes de realizar várias reflexões, tanto com os nossos cooperantes e orientadores, como com a nossa colega de estágio ou ainda a título pessoal. Ao realizarmos reflexões em conjunto, tínhamos a oportunidade de ouvir e debater acerca da perceção que os nossos cooperantes, orientadores e par pedagógico tinham das nossas intervenções e anotávamos sugestões e estratégias novas para futuras práticas. As reflexões individuais eram uma forma de podermos compreender, por nós próprios, o que corria melhor e o que não funcionava tão bem nas nossas intervenções. A partir deste entendimento, conseguíamos melhorar as

nossas planificações, adequar as nossas estratégias e rotinas e adaptar a nossa atitude e o nosso desempenho perante os naturais desafios e adversidades que viessem a surgir.

No que respeita ao sexto objetivo, *explorar o potencial pedagógico e didático na área de Expressão Plástica como forma de motivar as crianças a expressarem-se, comunicarem, socializarem, compreenderem e explorarem o mundo que as rodeia*, reconhecemos, novamente, que fomos capazes de atingi-lo, visto que a área de Expressão Plástica foi a nossa motivação na realização das planificações e funcionou como estratégia para incentivar as nossas crianças nas aprendizagens dos diferentes conteúdos. Na realidade, em ambos os contextos de estágio, os grupos apresentavam um grande interesse e curiosidade pela presente área. Assim, em todas as planificações do estágio realizado na Educação Pré-Escolar integrávamos uma ou mais atividades que convocavam esta área de expressão e no estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico conseguimos planificar, pelo menos, duas atividades por semana, muitas vezes integrando esta com as demais áreas disciplinares. Abordando diferentes técnicas e disponibilizando novos materiais e recursos, fomos capazes de reconhecer o impacto positivo que a Expressão Plástica tem na aprendizagem e no desenvolvimento das nossas crianças.

O sétimo objetivo, *criar dispositivos de registo e de implementação de recursos e atividades ligadas à Expressão Plástica, como forma de proporcionar experiências enriquecedoras para as crianças e potenciar a nossa reflexão em torno destas matérias*, foi, em certa parte, alcançado, uma vez que conseguimos implementar dois recursos que foram essenciais no desenvolvimento das nossas práticas: O “Engenhocas” e o “Canto dos Artistas”. Em contrapartida, e com grande pena da nossa parte, não nos foi possível criar os necessários dispositivos de registo, devido à organização das salas nas quais o nosso estágio foi realizado. Neste contexto, concentremo-nos nos dois recursos construídos e implementados que, como já tivemos oportunidade de referir, revelaram-se dois instrumentos pedagógicos que potencializam a acessibilidade das crianças aos diferentes materiais de Expressão Plástica, criando assim um ambiente enriquecedor e impulsionador para a expressividade e criatividade das mesmas. Foi através destes recursos que nos debruçamos, ao longo deste documento, na importância de disponibilizarmos um “(re)canto” de Expressão Plástica para as crianças, da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, disponível e acessível sempre que sentirem necessidade de explorar os seus “encantos”.

Diante o oitavo objetivo, *investigar as motivações, interesses e potencialidades das crianças no contexto da Expressão Plástica, bem como as suas principais*

necessidades e dificuldades, de forma a potencializarmos as suas capacidades através das práticas realizadas ao longo dos nossos estágios pedagógicos, referimos que, mais uma vez, entendemos ter conseguido conquistá-lo, principalmente, porque utilizamos a Expressão Plástica como uma ferramenta para conhecer ainda melhor as nossas crianças, as suas aprendizagens e o seu potencial criativo. Através das análises realizadas aos desenhos por elas efetuados e às justificações que davam acerca dos mesmos, pudemos compreender e conhecer muitas das suas dificuldades, motivações e anseios, conseguindo assim apresentar propostas didáticas mais adequadas às suas necessidades e aos seus interesses.

Para terminar, destacamos o nosso último objetivo, *recolher dados sobre as opiniões e representações dos orientadores de escola, relativamente às potencialidades pedagógicas e didáticas das nossas propostas de atividades ligadas à Expressão Plástica, bem como em relação à importância das mesmas no desenvolvimento de competências nas crianças que nos forem confiadas*, que foi alcançado nos momentos em que realizamos as entrevistas à Educadora e Professora cooperantes (ver Anexos 1 e 2). Para além de ficarmos a conhecer o percurso das duas profissionais e as suas representações acerca da temática que entendemos aprofundar, estas entrevistas funcionaram, também, como uma forma de refletirmos em conjunto acerca das nossas práticas, em especial, no que concerne às atividades de Expressão Plástica dinamizadas. No momento da entrevista ambas foram capazes de mostrar o seu interesse pela presente área e a importância de incluirmos mais atividades desta natureza no dia a dia das nossas crianças, funcionando como um instrumento essencial para o desenvolvimento cognitivo e para as aprendizagens das diferentes competências e conteúdos a abordar.

Salientamos, neste particular, os conselhos adiantados pelas duas cooperantes que apelaram a um maior reconhecimento da Expressão Plástica no cenário educacional e sublinharam a importância de se desenvolverem atividades desta natureza, nas quais as crianças tenham a oportunidade de se exprimir, comunicar, socializar e divertir através da Expressão Plástica. Tal propósito deve desenvolver-se não se abstendo das restantes áreas disciplinares, igualmente importantes, mas criando oportunidades para todas elas pois, mais do que nunca e graças às novas tecnologias, encontramos cada vez mais ideias e motivações para trabalhar a Expressão Plástica de forma interdisciplinar, no contexto letivo diário, inserida na própria rotina da criança.

Esta temática, para além de se ter apresentado inicialmente como resultado de um interesse pessoal, passa também por ser uma matéria em que realmente acreditamos, o

que motivou ainda mais o investimento feito na ação educativa dos nossos estágios e a conclusão deste Relatório de Estágio. Queremos acreditar que este nosso humilde contributo possa inspirar outros profissionais de ensino no sentido de convocarem esta área nas suas práticas diárias e tirarem o máximo partido do seu enorme potencial pedagógico e didático. Explorar os seus en(cantos) tornou-se um daqueles propósitos que desejamos perseguir a vida inteira.

Referências
Bibliográficas

- Barbosa, R. P. *A Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar – Estudo de caso no Jardim-de-Infância “Amor de Deus”*. Cabo Verde: Universidade de Cabo Verde.
- Bédard, N. (1998). *Como Interpretar os Desenhos das Crianças*. Edições CETOP.
- Bombonato, G. A.; Farago, A. C. (2016). *As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. Bebedouro, São Paulo.
- Cardoso, C., Valsassina, E. M. M. (1988). *A arte infantil: linguagem plástica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carvalho, J. F. P. (2020). *A Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar – Como promover o interesse da criança para a Expressão Plástica? Relatório do Projeto de investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Costa, I. A. (2022). *A Expressão Plástica como meio de Compreensão da Criança*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Funenga, A. L. (2016). *Contributos das Expressões Artísticas no 1.º Ciclo do Ensino Básico – Em foco a sua articulação com outras áreas do currículo*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.
- Hanauer, F. (2013). *Riscos e Rabisco – O Desenho na Educação Infantil*. Revista Perspectiva. v. 37. 73-82.
- Lameira, R., Cardoso, A. P., Pereira, J. (2012) *Perceção dos Professores sobre o Lugar e a Presença da Expressão Plástica na Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Revista Portuguesa de Pedagogia. 49-67.

- Ludke, M.; André, M. E. D. A. (1986) *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. Temas Básicos de Educação e Ensino. São Paulo.
- Mateus, R. F. S. (2019). *O Ensino da Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico: O Programa de Educação Estética e Artísticas*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Neves, R. M. C. (2019). *A Expressão Plástica e as crianças: um percurso do Pré-escolar ao 1.º Ciclo*. Dissertação de Mestrado. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém.
- Oliveira, M. (2007). *A Expressão Plástica para a compreensão da Cultura Visual*. Revista Saber (e) Educar 12.
- Pereira, J. D. L., Vieites, M. F., Lopes, M. S. (2014). *As Artes na Educação*. Editora: Intervenção.
- Queirós, S. L. R. (2011). *Abordagens Interdisciplinares no Ensino da Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Edições 70: Lisboa. In Capela, C. F. P. (2018). *As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar: Uma Abordagem com Crianças de 3 anos*. Dissertação de Mestrado. Algarve: Escola Superior de Educação e Comunicação.
- Rocha, M. G. R. (2014). *As Expressões Artísticas no Currículo do 1.º Ciclo: Relevância no Desenvolvimento Integral do Aluno*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodrigues, M. A. G. (2016). *A Influência da Criatividade através da Expressão Plástica*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Silva, A. M. A. (2012) *Expressão Plástica no 1.º ciclo: importância e repercussão na educação da criança*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME/DGE.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Música e Artes Plásticas*. Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget.

Telmo, I. (1994). *Linguagem Gráfica Infantil*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.

Amescos

Anexo I – Guião de entrevista à Educadora Cooperante

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Questões
<p>1. Legitimar a entrevista.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado em que consiste a investigação e quais os seus objetivos; • Esclarecer como os dados serão utilizados e quem terá acesso aos mesmos; • Assegurar o rigor da informação; • Agradecer a participação e o apoio do entrevistado. 	
<p>2. Conhecer os aspetos do percurso profissional da educadora.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional. <ul style="list-style-type: none"> ○ Qual foi a universidade que frequentou? ○ Quais são as suas habilitações académicas? ○ Há quanto tempo exerce a sua profissão? • Frequentou alguma disciplina da área das Expressões Artísticas? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, quais? • No caso das Artes Visuais recorda-se dos conteúdos/técnicas que explorou? • Na sua formação contínua, tem frequentado ações de formação nesta área? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, quais?

		<ul style="list-style-type: none"> ○ Lembra-se dos conteúdos explorados nessas formações?
<p>3. Entender a percepção da educadora cooperante acerca da importância de reconhecer os estádios de desenvolvimento gráfico das suas crianças.</p>		<ul style="list-style-type: none"> ● Lembra-se de ter estudado os estádios de desenvolvimento gráfico infantil? ● O que se recorda das características e especificidades destes estádios?
<p>4. Compreender a relevância concedida às Artes Visuais na prática pedagógica diária da educadora.</p>		<ul style="list-style-type: none"> ● Qual é para si o papel das Artes Visuais no desenvolvimento da criança? ● Costuma explorar as Artes Visuais na sua ação educativa diária? ● Em média, quantas vezes, por semana, dinamiza atividades de Artes Visuais? ● Observei no início do estágio pedagógico a falta de um cantinho de Expressão Plástica. Isso acontecia por alguma razão especial? ● Há pouco falávamos dos estádios de desenvolvimento gráfico infantil. Procura adaptar as suas atividades/técnicas/recursos às especificidades destes estádios? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, dê exemplos de atividades em que isso tenha acontecido. ○ Se não, não acha isso um aspeto relevante na sua ação educativa diária?

<p>5. Conhecer as representações da educadora cooperante acerca das potencialidades do desenho livre das crianças e dos seus múltiplos significados.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Costuma estimular o desenho livre na sua sala de atividades? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, dê alguns exemplos de atividades em que isso tenha acontecido. • No início do estágio pedagógico chamou a atenção para os desenhos da criança F, pois a mesma representava sempre uma casa nos seus desenhos. Quando começou a aperceber-se dessa particularidade nos seus desenhos? • Fazia-lhe várias perguntas sobre os pormenores dos seus desenhos (a porta da casa, por exemplo). Fazia-o por alguma razão em particular? • Fale-me um pouco sobre o que descobriu nesse processo. • Para além desta criança havia outras no grupo com temas recorrentes nos seus desenhos? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, fale-me um pouco daquilo que foi descobrindo ao longo do tempo.
<p>6. Conhecer a perceção da educadora cooperante acerca da relevância pedagógica das sequências didáticas por nós implementadas (as nossas estratégias, atividades, técnicas e recursos explorados).</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Olhando para as atividades de Expressão Plástica dinamizadas ao longo do nosso estágio pedagógico, há alguma que queira destacar pelo seu impacto junto deste grupo? • Uma das minhas apostas foi a criação de um cantinho de Artes Visuais e da mascote Engenhocas. Qual a sua perceção acerca do impacto destas escolhas junto do grupo?

		<ul style="list-style-type: none"> ○ Acha que foram introduzidos/explorados da melhor forma? ○ O que poderia ter feito diferente? ● Recorda-se de algum aspeto curioso do <i>feedback</i> das crianças relacionado com estas atividades/recursos em particular? ● Fazendo um balanço da sua implementação o que acha relevante destacar? ● Continua a explorar o cantinho e a utilizar a mascote Engenhocas na sua sala de atividades? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, há algum aspeto interessante que queira realçar acerca do impacto da sua exploração destes recursos no grupo? ○ Se não, porque razão deixou de explorá-los/utilizá-los?
<p>7. Recolher a opinião da educadora cooperante acerca das mudanças a serem feitas numa sala de atividades que poderiam melhorar o desenvolvimento do desenho livre infantil, de forma a conseguirmos analisar/compreender melhor a criança.</p>		<ul style="list-style-type: none"> ● Se pudesse aconselhar um(a) futuro(a) educador(a) sobre a melhor forma de explorar as Artes Visuais e potenciar o desenvolvimento gráfico das crianças, que conselhos lhe daria?

Anexo II – Guião de entrevista à Professora Cooperante

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Questões
<p>1. Legitimar a entrevista.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado em que consiste a investigação e quais os seus objetivos; • Esclarecer como os dados serão utilizados e quem terá acesso aos mesmos; • Assegurar o rigor da informação; • Agradecer a participação e o apoio do entrevistado. 	
<p>2. Conhecer os aspetos do percurso profissional da professora titular.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional. <ul style="list-style-type: none"> ○ Qual foi a universidade que frequentou? ○ Quais são as suas habilitações académicas? ○ Há quanto tempo exerce a sua profissão? • Frequentou alguma disciplina da área das Expressões Artísticas? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, quais? • No caso das Artes Visuais recorda-se dos conteúdos/técnicas que explorou? • Na sua formação contínua, tem frequentado ações de formação nesta área?

		<ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, quais? ○ Lembra-se dos conteúdos explorados nessas formações?
<p>3. Entender a percepção da professora cooperante acerca da importância de reconhecer os estádios de desenvolvimento gráfico dos seus alunos.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Lembra-se de ter estudado os estádios de desenvolvimento gráfico infantil? • O que se recorda das características e especificidades destes estádios?
<p>4. Compreender a relevância concedida às Artes Visuais na prática pedagógica diária da professora.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Qual é para si o papel das Artes Visuais no desenvolvimento da criança? • Costuma explorar as Artes Visuais na sua ação educativa diária? • Em média, quantas vezes, por semana, dinamiza atividades de Artes Visuais? • Costuma dinamizar atividades de Artes Visuais fora do horário destinado a esta disciplina? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, dê alguns exemplos.

		<ul style="list-style-type: none"> ○ Se não, não acha pertinente integrar esta área nas restantes áreas disciplinares? ○ Há pouco falávamos dos estádios de desenvolvimento gráfico infantil. Procura adaptar as suas aulas e atividades às especificidades destes estádios? ○ Se sim, dê exemplos de atividades em que isso tenha acontecido. ○ Se não, não acha isso um aspeto relevante na sua ação educativa diária?
<p>5. Conhecer as representações da professora cooperante acerca das potencialidades do desenho livre dos alunos e dos seus múltiplos significados.</p>		<ul style="list-style-type: none"> ● Costuma estimular o desenho livre na sua sala de aula? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, dê alguns exemplos de atividades em que isso tenha acontecido. ● Costuma observar os desenhos livres dos seus alunos? <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, o que descobriu ao longo desta observação? ● Há algum aluno(s) que apresente um tema

		<p>recorrente nos seus desenhos?</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Se sim, acha que isso acontece por alguma razão especial?
<p>6. Conhecer a percepção da professora cooperante acerca da relevância pedagógica das sequências didáticas por nós implementadas (as nossas estratégias, atividades, técnicas e recursos explorados).</p>		<ul style="list-style-type: none"> ● Olhando para as atividades de Expressão Plástica dinamizadas ao longo do nosso estágio pedagógico, há alguma que queira destacar pelo seu impacto junto deste grupo? ● Uma das minhas apostas foi a criação/reformulação de um espaço de Artes Visuais. Qual a sua percepção acerca do impacto desta escolha junto do grupo? <ul style="list-style-type: none"> ○ Acha que foram introduzidos/explorados da melhor forma? ○ O que poderia ter feito diferente? ● Recorda-se de algum aspeto curioso do <i>feedback</i> dos alunos relacionado com estas atividades/recursos em particular? ● Fazendo um balanço da sua implementação o que acha relevante destacar?

<p>7. Recolher a opinião da professora cooperante acerca das mudanças a serem feitas numa sala de aulas que poderiam melhorar o desenvolvimento do desenho livre infantil, de forma a conseguirmos analisar/compreender melhor o aluno.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Se pudesse aconselhar um(a) futuro(a) professor(a) sobre a melhor forma de explorar as Artes Visuais e potenciar o desenvolvimento gráfico das crianças, que conselhos lhe daria?
---	--	---

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal